

Deutscher Morgen

Berausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Einzelpreis 500 Reis

Erscheint wöchentllich

Folge 48

São Paulo, 1. Dezember 1939

8. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 10\$000, ganzjährig 20\$000, für Deutschland und die Welpostvereinsländer 7 Mark

Rumo á decisão!

Aggravação dramática da guerra do bloqueio de funestas consequências

A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro

XII.

kt. — O redactor-chefe Hans Fritsche deu a conhecer, em sua revista pela imprensa e pelo radio, em 27 de novembro, pela primeira vez, dados estatísticos sobre a guerra das falsidades. Segundo esses dados, o Serviço de Informações alemão contestou documentadamente, desde o início das hostilidades, 200 mentiras hostis aos alemães, enquanto foram deixadas de banda as falsidades e adulterações de menor importancia, divulgadas em grande massa, não se as tendo levado em consideração, de vez que não pagava a pena refutal-as. As autoridades competentes inglesas e francezas não conseguiram provar sequer uma unica mentira difundida pelos alemães.

Pouco antes, em 22. 11., a „Berliner Börsenzeitung“ se occupou do mesmo thema das „affirmações imbecis“ que são espalhadas pelos inimigos da Alemanha, chegando a esta conclusão: „Já ha muito tempo que os papéis nesta guerra foram distribuidos segundo o principio: Cada qual dá o que tem. Nós offerecemos factos; os outros, mentiras. Neste sentido não temos nenhuma inveja da Inglaterra.“

Phantasias sobre a guerra aérea

As noticias phantasiosas da „Havas“ e da „Reuter“ referentes ás perdas allemãs na guerra aérea já foram; repetidas vezes, reduzidas aos seus termos exactos. Entretanto, como não cessam de apparecer, convém que apontemos aqui para o facto de que essas noticias não emanam de fontes officiaes francezas, nem tampouco, segundo nos consta, das autoridades inglesas, mas partem sempre de correspondentes de guerra. Porisso, o Serviço de Informações alemão explica em 24. 11.: Essas noticias fanfarrãs jamais combinam, nem por sombra, com os communicados officiaes divulgados mais tarde. Alardeou ainda ha pouco a „Havas“, por exemplo, que os ingleses teriam abatido, desde 16 de outubro, 20 aviões allemães em territorio britannico. Segundo communicados officiaes, pôde ser constatado mais tarde, que a Alemanha perdeu, desde o começo da guerra, em seus raids sobre a Inglaterra, ao todo, 20 aparelhos, e que a arma aérea allemã derrubou, no mesmo tempo, 52 aviões ingleses, em parte sobre solo inglez. Isto confirma mais uma vez a supremacia da arma aérea teuta que combate o amigo em seu proprio territorio, embora o vôo até lá seja longo e difficil. — O Alto Commando Allemão não occulta, por principio, suas proprias perdas, como em 23. 11., dia em que se perderam a oeste da França 7 aparelhos, e periodicamente publica bofetins detalhados que dão toda explicação desejada e que jamais foram refutados de parte das autoridades competentes inglesas e francezas.

Guerra fulminante praca, guerra relampago pralá

Nas exteriorizações allemãs sobre a guerra, desde as declarações do governo até ás notas de somenos sahidas nos jornaes, jamais se falou da intenção ou mesmo da possibilidade de descarregar a oeste a assim chamada guerra fulminante. Do que a Alemanha é capaz, os polonezes tiveram de sentir em setembro, e o que Hitler pensa da guerra na frente franceza, elle expoz de maneira inequivoca. Sua visão das devastações e dos campos semeados de sepulturas nas regiões limitrophes (Continua na 2a pag.)

ep. — A partir de segunda-feira (4 de dezembro), os bretões e francezes confiscarão todas as mercadorias allemãs encontradas em navios neutros, afim de applicarem integralmente o bloqueio por mar que até agora ainda não deu os resultados esperados. O rei Jorge VI. lançou seu nome sob o documento correspondente. Tomou-se conhecimento dos protestos dos neutros em Londres, os quaes foram archivados. Mr. Chamberlain fundamenteon perante a Camara dos Communs este novissimo methodo de guerra britannica, assegurando mais uma vez, alto e bom som, que os bretões e seus amigos hão de lutar até que a Europa esteja libertada da „tyrannia“ e possa enfrentar um futuro mais feliz, sob o signo da „humanidade“, do „altruismo“ e da „justiça“.

Já decorreram exactamente tres mezes, desde a declaração de guerra da Inglaterra á Alemanha. Estamos convencidos de que com isso estará terminado o prologo do encontro de armas propriamente dito, que pôde ser esperado agora. Só agora é que começará o

drama desta guerra, a dansa macabra propriamente dita. Ninguém poderá esperar, que a Alemanha receba sem resposta a nova tentativa de lhe cercar a vida. A arma aérea allemã, os submarinos allemães, as unidades navaes allemãs de superficie encontram-se empenhados com um adversario forte, numa luta de vida e morte, de vencer ou perecer.

Está fóra de duvida, que, decorridos outros tres mezes, o mundo já saberá, quem sahirá victorioso desta peleja ardua em torno de uma nova ordem de cousas na Europa. Esta guerra não é uma nova edição das occurrencias de 1914 a 1918. Ella não será decidida pelo dinheiro ou por um bloqueio de fome, mas sim pelo poder das armas e pelo animo varonil que as brandirá. Foi porisso que Hitler disse, que a Inglaterra não mais constitua uma ilha, e é por isso que se constatará, que a Grã-Bretanha e os mares por ella dominados durante 400 annos se converterem em campos de luta encarniçadamente disputados e que exigem enormes sacrificios.

Der Entscheidung entgegen!

Folgenschwere dramatische Zuspitzung des Blockadekrieges

ep. — Ab Montag (4. Dezember) werden die Briten und Franzosen alle deutschen Waren auf neutralen Schiffen beschlagnahmen, um die Blockade auf dem Meer, die bisher nicht die erwarteten Ergebnisse gezeitigt hatte, vollkommen durchzuführen. König Georg VI. hat seinen Namen unter das entsprechende Schriftstück gesetzt. Die Proteste der Neutralen wurden in London zur Kenntnis genommen und zu den Akten gelegt. Mr. Chamberlain hat vor dem Unterhaus diese neueste Methode des britischen Krieges begründet und nochmals hoch und heilig versichert, dass die Briten und ihre Freunde so lange kämpfen würden, bis Europa von der „Tyrannei“ befreit sei und im Zeichen der „Humanität“, der „Nächstenliebe“ und der „Gerechtigkeit“ einer neuen glücklichen Zukunft entgegenblicken könne.

Genau drei Monate sind seit der britischen Kriegserklärung an Deutschland vergangen. Wir sind überzeugt, dass damit auch das Vorspiel für die eigentlichen Waffenhandlungen, die nunmehr zu erwarten sind, abgeschlossen ist.

Das Drama dieses Krieges, sein eigentlicher Totentanz, wird jetzt erst beginnen. Niemand kann erwarten, dass das Reich den neuen Versuch der Lebensabschnürung unbeantwortet lässt. Die deutsche Flugwaffe, die deutschen U-Boote, die deutschen Ueberwasserstreitkräfte stehen mit einem starken Gegner in einem Kampf auf Leben und Tod, auf Sieg oder Verderben.

Es steht ausser Frage, dass nach abermals drei Monaten die Welt bereits erkennen wird, wer in diesem harten Kampf um die europäische Neuordnung Sieger bleibt. Dieser Krieg ist keine Wiederholung des Geschehens von 1914 bis 1918. Er wird nicht durch Geld oder eine Hungerblockade entschieden, sondern durch die Waffen und den Mut der Männer, die diese Waffen führen. Darum hat der Führer gesagt, England sei heute keine Insel mehr und darum wird man feststellen, dass Britannien und die von ihm 400 Jahre lang beherrschten Meere erbittert umstrittene, opferreiche Kriegsschauplätze geworden sind.

Grande cruzador britannico torpedeado!

Perlin, 28. (T.O. — Ageneia Allemã). Informa-se officialmente que na noite de hontem um grande cruzador britannico da série London, fora torpedeado pelo tenente Prien, heroe de Scapa Flow, a leste das costas da Shetlandia.

Os cruzadores grandes da serie „London“, que comprehendem 4 unidades, entre 9.750 e 9.850 toneladas, foram lançados a agua nos annos de 1927 até 1923, com os nomes de „Devonshire“, „London“, „Shropshire“ e „Sussex“. Estão artilhados com 8 peças de 20,3 centímetros, 8 de 10,2 cm, 4 de 4,7 cm e quatro de 4 cm, além de 44 metralhadoras e 8 tubos lança-torpedos. Cada um transporta um avião a bordo. Os navios medem 193 metros e deslocam 20 nós, possuindo grande calado. A tripulação consta de 680 homens.

Schwerer britischer Kreuzer torpediert!

Berlin, 28. (T.O. — Agencia Allemã). Amtlich wird am Dienstagabend bekanntgegeben: „Ein britischer schwerer Kreuzer der London-Klasse wurde von Kapitänleutnant Prien, dem Helden von Scapa Flow, an der Ostküste der Shetland-Inseln torpediert und versenkt.“

Die schweren Kreuzer der London-Klasse umfassen vier Einheiten zwischen 9750 und 9850 Tonnen und wurden in den Jahren 1927 bis 1928 unter den Namen „Devonshire“, „London“, „Shropshire“ und „Sussex“ vom Stapel gelassen. Ihre Artillerie besteht aus acht Geschützen zu 20,3 cm, acht Geschützen zu 10,2 cm, vier Geschützen zu 4,7 und vier Geschützen zu 4 cm, zwölf bis vierzehn Maschinengewehren und acht Torpedoausschüßrohren. Ausserdem haben sie ein Flugzeug an Bord. Die Schiffe sind 193 m lang, 20,1 m breit und haben 5,2 m Tiefgang. Die Besatzung besteht aus 680 Mann.

Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

XII.

kt. — In seiner Zeitungs- und Rundfunkschau vom 27. November gab Hauptschriftleiter Hans Fritsche zum erstenmal statistische Daten über den Lügenkrieg bekannt. Danach hat der Deutsche Nachrichtendienst seit dem Ausbruch der Feindseligkeiten 200 deutschfeindliche Lügen dokumentarisch widerlegt, wobei die grosse Masse der weniger bedeutenden Fälschungen und Verdrehungen unberücksichtigt blieben, weil es sich der Mühe einer Widerlegung nicht lohnte. Den entsprechenden englischen und französischen Stellen ist es nicht gelungen, auch nur eine deutsche Lüge nachzuweisen.

Kurz vorher, am 22. 11., behandelte die „Berliner Börsenzeitung“ dasselbe Thema der „albernen Behauptungen“, die von deutschfeindlicher Seite verbreitet werden und kommt dabei zu dem Schluss: „Schon vor langer Zeit wurden die Rollen in diesem Kriege nach dem Grundsatz verteilt: Ein jeder, wie er kann. Wir greifen zu Taten, die anderen lügen und in dieser Hinsicht sind wir auf England keinesfalls neidisch.“

Phantasien über den Luftkrieg

Phantastische Meldungen von „Havas“ und „Reuter“ über die deutschen Verluste im Luftkrieg sind schon oft auf das richtige Mass zurückgeführt worden. Da sie aber immer wieder erscheinen, sei hier darauf hingewiesen, dass sie nie aus amtlicher französischer Quelle stammen und unseres Wissens ebensowenig von englischen Amtsstellen, sondern stets von Kriegsberichterstattern. Der Deutsche Nachrichtendienst stellt deshalb am 24. 11. fest: Solche prahlerischen Angaben stimmen niemals auch nur im geringsten mit den später ausgegebenen amtlichen Berichten überein. Erst jüngst wollte z. B. „Havas“ wissen, die Engländer hätten seit dem 16. Oktober 20 deutsche Flugzeuge auf britischem Gebiet abgeschossen. Nach amtlichen Berichten konnte später festgestellt werden, dass Deutschland seit Kriegsbeginn insgesamt 20 Flugzeuge bei den Flügen gegen England verloren und dass die deutsche Luftwaffe in der gleichen Zeit 52 englische Flugzeuge, zum Teil über englischem Boden, vernichtet hat. Dies bestätigt wieder einmal die Ueberlegenheit der deutschen Flugwaffe, die den Feind auf seinem eigenen Gebiet bekämpft, obgleich der Flug dorthin lang und schwierig ist. — Das deutsche Oberkommando verheimlicht die eigenen Verluste grundsätzlich nicht, wie am 23. 11., wo in Westfrankreich 7 Flugzeuge verloren gingen, und veröffentlicht von Zeit zu Zeit zusammenfassende Berichte, die jeden erwünschten Aufschluss geben und — von offizieller englischer und französischer Seite auch noch nie angefochten worden sind.

Blitzkrieg hin, Blitzkrieg her

In den deutschen Aeusserungen über den Krieg, von Regierungserklärungen bis zu unmassgeblichen Zeitungsnotizen, ist niemals von der Absicht oder auch nur von der Möglichkeit gesprochen worden, im Westen einen sogenannten Blitzkrieg zu führen. Was aber Deutschland kann, mussten die Polen im September erfahren, und was Hitler vom Krieg an der französischen Front hält, hat er unzweideutig dargelegt. Seine Vision von den Verwüstungen und Gräberfeldern in den Grenzlanden dürfte überall einen dauernden Eindruck hinterlassen haben, wo die Zensur sie nicht unter dem Einfluss von Kriegsverlängerern unterdrücken musste. Trotzdem erscheinen von Zeit zu Zeit Meldungen, das Reich plane einen Blitzkrieg, der Ausbruch desselben stehe unmittelbar bevor, „noch heute geht er los“ usw. Wenn er aber nicht losgeht, weil das Reich im Schutz des Westwalls ganz andere Waffen gegen England anwenden kann, und sie wirksam genug an-

wendet, so ist das nach Auffassung gewisser Nachrichtenstellen jedenfalls ein Zeichen für die so schnellst herbeigewünschte Schwäche, Verwirrung oder Ziellosigkeit der Deutschen. In diesem Sinne berichtet u. a. „United Press“ am 26. 11. aus Paris, Hitler habe nach Rücksprache mit seinen militärischen Beratern den Plan eines Blitzkrieges fürs erste aufgegeben! — Die Herren in Paris wissen also sehr genau Bescheid. Es sind wohl Emigranten, die ihre Nachrichten durch den englischen Intelligence Service von dem „heimlichen deutschen Sender der Freiheit“ bezogen, den die Gestapo bis zum 22. November, 10.10 Uhr mit verblüffendem Erfolg bedient hat.

Italien zärtlich umworben

„Öffnet mein Herz, wenn ich tot bin, und ihr findet darin das eine Wort: Italien.“ So dichtete einst der Engländer Robert Browning, und heute steht ausser Zweifel, dass „Havas“ und „Reuter“ auf seinen Spuren wandeln. Täglich drahten sie mehr oder weniger offene Werbungen an Italiens Adresse in alle Welt hinaus; Mussolini aber bleibt kühl, und die italienische Presse antwortet mit erfrischender Deutlichkeit. Sie erinnert an die englisch-französischen Versprechungen aus der Zeit des Weltkrieges, die nicht gehalten worden sind, an die englischen Drohungen und die Sanktionen während des Feldzuges in Abessinien und an viele andere Dinge, die so unangenehm sind. „Tevere“ schreibt am 21. 11., man könne sich nur wundern, dass die französisch-englische Presse glaube, Italien vor einer deutschen oder russischen Expansion in Richtung auf das Mittelmeer warnen zu müssen, wo doch jeder wisse, dass eine solche Expansion nur von den Mächten betrieben werde, die Gibraltar und den Suezkanal beherrschten. Am 23. 11. meldet „Transocean“ aus Rom von der starken Entrüstung in Regierungskreisen über die Manöver der Feinde Deutschlands, die ihre falschen Nachrichten aus Rom datieren, um ihnen einen Anschein von Wahrhaftigkeit zu geben. Am selben Tage protestiert Rom in einer halbamtlichen Veröffentlichung gegen die „Financial Times“, die über die bevorstehende Unterzeichnung von Wirtschaftsverträgen zwischen Italien und England berichtet hatte und fügt hinzu, diese Richtigstellung gelte ein für allemal, denn Italien habe keine Zeit, sich dauernd mit ausländischen Phantastereien zu befassen. „Regime Fascista“ zieht am 27. 11. scharf gegen die britischen Blockademetoden zu Felde und hebt hervor, dass England den Krieg gewollt und kaltblütig ausgedacht habe, um „den englisch-jüdischen Kapitalismus in der ganzen Welt zu stärken“; es sei unfähig zu Lande, unterlegen in der Luft, und seine Flotte sei aus der Nordsee geflohen und werde von den Deutschen bis in ihre sichersten Schlupfwinkel verfolgt. — Die Anstrengungen von „Reuter“ und „Havas“ sind also verlorene Liebesmüh geblieben.

Das Haus Hohenzollern

„Nun haben sie sogar den Kronprinzen enthauptet“, sagte uns vor kurzem ein würdiger alter Herr, ein Deutscher, und bewies damit, welche Verwirrung die Lüge anstiften kann, wenn man sich bis heute noch nicht darüber im klaren ist, dass sie in manchen Kreisen als die Waife Nr. 1 gewertet und noch über Schlachtschiffe und U-Boot-Fallen gestellt wird. Da hat der angeblich enthauptete ehemalige deutsche Kronprinz, der nach „Havas“ (9. 11.) andererseits wieder in Cäcilienhof gefangen sass, sich am 20. 11. rechtzeitig an die Öffentlichkeit gewandt. Er nagelt die Behauptungen der Auslandspresse als lügenhaft fest und stellt klar, dass weder er oder seine Söhne oder Brüder, noch irgendein anderes Mitglied des Hauses Hohenzollern oder einer anderen deutschen Dynastie verhaftet oder gar erschossen worden sei. Der ebenfalls als erschossen gemeldete Prinz Max von Baden ist ja bereits vor 10 Jahren gestorben! Am Schluss der schriftlichen Erklärung nennt er derartige Lügen „ein reines Verbrehen“. — Am selben Tage gab Prinz August Wilhelm der vierte Sohn des ehemaligen Kaisers, Träger des goldenen Ehrenzeichens der Nationalsozialistischen Partei, vor ausländischen Pressevertretern eine ähnliche Erklärung ab, in der kurz zusammengefasst folgende Tatsachen herausgestellt wurden: 13 Mitglieder allein der Familie des Kaisers stehen an der Front, darunter Prinz Oskar, von dem ein Sohn in Polen gefallen ist, als Regimentskommandeur. Kein Prinz ist verhaftet, keiner dient als Geisel. Der ehemalige Kaiser selbst hat unmittelbar nach dem Münchener Mordversuch dem Führer seine tiefste Freude über seine Rettung ausdrücken lassen und eine überaus herzliche Antwort erhalten. Die Behauptung von Ausländern, der Kaiser habe den Auschlag organisiert, ist eine Niederträchtigkeit. Nach der Auffassung der gesamten Familie Hohenzollern richtet sich alles, was gegen den Führer zielt, gegen Deutschland. — Ob es alte Herren gibt — wir meinen nicht alt an Jahren —, die den Unsinn auch jetzt noch glauben?

Der deutsche Adel wehrt sich

Die von deutschfeindlicher Seite verbreiteten Behauptungen, dass die Reichsregierung sich des deutschen Adels als eines „reaktionären Elementes“ zu entledigen wünsche und deshalb den Adel an der Front so einsetze, dass er unverhältnismässig hohe Verluste habe, werden am 26. 11. von der „Deutschen Adelsgenossenschaft“ als lächerlich, grotesk und verleumdend zurückgewiesen. In der Erklärung heisst es weiter, diese „gemeine Lüge“ sei nur erfunden worden, um einen

Keil zwischen Volk und Führer zu treiben. Die Verluste des Adels seien noch in jedem Krieg gross gewesen, denn der Adel habe stets zu sterben gewusst, wenn das Vaterland angegriffen wurde. Als ein Teil seines Volkes ist der Adel „mit und im deutschen Volke hinter seinem Führer bereit, ihm dahin zu folgen, wohin er ihn führt.“

Das verlorene Tagebuch

Da weiss „Havas“ am 26. 11. zu melden: An der schweizer Grenze wurde das Tagebuch eines nationalsozialistischen Gauleiters mit Eintragungen über die letzten Besprechungen beim Führer gefunden. Danach war am 12. 11. der deutsche Einmarsch in Belgien und anschliessend der in die Schweiz geplant. Kindlich. Man kann der „Havas“ zu solchen Erfindungen nur mit einem allgemeinen und bedenklichen Schütteln des Kopfes — Glück wünschen.

Franzosen fordern die Wahrheit

An dieser Stelle sind schon mehrfach Aeusserungen französischer Blätter wiedergegeben worden, die verlangten, dass man dem französischen Volk die Wahrheit über den Krieg sagen solle. Am 16. 11. veröffentlicht das Pariser „Journal“ wieder eine solche Forderung, diesmal von einem Frontsoldaten, der u. a. schreibt: „Genug der Lügen! Täglich und stündlich fliessen neue Lügen von Lippen und aus Federn, die vielleicht gut gemeint sind, die aber für ernst genommen werden, weil sie von der Presse vervielfältigt und Millionen Personen dargeboten werden. Als Journalist, der an der Front dient, wende ich mich an alle meine Berufskollegen mit diesem Aufruf.“ Er führt sodann Beispiele an, Fälschung von Photos, falsche Angaben über Verpflegung, Ausstattung und Heimaturlaub und schliesst mit den Worten: „Die Lügen werden teuer bezahlt werden müssen.“ — Am 19. 11. gibt dieselbe Zeitung ihrer Empörung über die Art und Weise Ausdruck, in welcher das französische Volk unterrichtet werde. Der französische Rundfunk greife alle unkontrollierbaren Gerüchte auf, wenn sie nur irgend etwas gegen Deutschland zu sagen wüssten. Da es sich aber am folgenden Tage als notwendig erweise, die Unsinnigkeiten vom Vortage zu widerrufen, so ergebe sich daraus die moralische Erschöpfung des französischen Volkes. — Am 20. 9. befasst die Zeitung „Oeuvre“ sich ironisch mit der Lawine von Falschmeldungen über deutsche Angriffsabsichten, z. B. gegen Holland und Belgien, über die Verhältnisse im Reich und anderes mehr. Sie fragt zum Schluss, wer denn die Urheber „dieses unglaublichen Alarms“ seien. Nun, die Antwort dürfte nicht schwer fallen.

„Schwabenland“ nicht versenkt

Von zuständiger deutscher Seite wird am 17. 11. die von einer halbamtlichen englischen Agentur verbreitete Nachricht widerrufen, dass die „Schwabenland“, das bekannte Katapultschiff, durch einen englischen Kreuzer versenkt worden sei. Das Schiff befindet sich bereits seit Ende August wohlbehalten in einem deutschen Hafen.

A Guerra das Falsidades

(Continuação da 1.ª pag.)

deve ter deixado uma impressão duradoura em toda parte, onde a censura teve de abafar, sob a influência dos prolongadores da guerra. Apesar disso surgem, de quando em vez, notícias de que o Reich estaria planejando uma guerra relampago e que seu desencadeamento estaria iminente — „romperá ainda hoje“, etc. Entretanto, uma vez que não rebenta, visto que, protegida pela mole occidental, a Alemanha pôde aplicar armas bem diferentes contra a Inglaterra, e as aplica, de facto, com suficiente eficácia, isso representa, na opinião de certas fontes noticiosas, com certeza, um sinal da fraqueza, perturbação ou desorientação dos alemães tão ansiosamente desejadas. Neste sentido, a „United Press“ informa, entre outras, em 26. 11., de Paris, que Hitler teria desistido por ora, depois de consultar-se com seus conselheiros militares, do plano de uma guerra fulminante! Os senhores em Paris estão, portanto, bem ao par das cousas. São, sem dúvida, emigrados que receberam suas notícias por intermédio do Serviço Secreto inglês, do „emissor secreto alemão da liberdade“, que a Gestapo suprimiu até ao dia 22 de novembro, 10.10 h., com um sucesso surpreendente.

A Italia amavelmente cortejada

„Abri meu coração, quando eu tiver morrido, e lá encontrareis gravada a palavra: Italia“. Eis o que escreveu a seu tempo o poeta inglês Robert Browning, e hoje está fóra de dúvida, que a „Havas“ e a „Reuter“ lhe seguem as pegadas. Diariamente telegrafam para os quatro ventos amabilidades com que cortejam, mais ou menos abertamente, a Italia. Mussolini, entretanto, mantém-se frio, e a imprensa italiana responde com uma clareza refrigerante. Lembra as promessas anglo-francesas da época da guerra mundial e que deixaram de ser cumpridas, lembra ainda as ameaças inglesas e as sanções durante a campanha da Abissínia, e outras cou-

sas mais que hoje são tão desagradáveis. Escreve „Tevere“ em 21. 11., que é de admirar, que a imprensa franco-inglesa pense ter de prevenir a Italia de uma expansão alemã ou russa em direcção ao Mar Mediterrâneo, quando todo mundo sabe, que uma tal expansão só foi promovida pelas potências que dominam Gibraltar e o canal de Suez. Em 23. 11., a „Transocean“ informou de Roma sobre a grande indignação dos círculos governamentais ante as manobras dos inimigos da Alemanha, que datavam suas notícias falsas de Roma, afim de lhes emprestar o cunho da veracidade. No mesmo dia, Roma protestou, numa publicação oficial, contra o „Financial Times“, que havia falado da assignatura em perspectiva de convenios commerciaes entre a Italia e a Inglaterra. Acrescentou-se a esse protesto, que a rectificação valeria por uma e todas as vezes, pois a Italia não teria tempo para se occupar constantemente de phantasias estrangeiras. Em 27. 11., o „Regime Fascista“ investe de rijo contra os methodos do bloqueio inglês, salientando, que a Inglaterra quiz a guerra, afim de „robustecer o capitalismo anglo-judaico em todo o mundo“; ella seria impotente em terra, inferior no ar, e sua marinha de guerra teria fugido do Mar do Norte e estaria sendo perseguida pelos alemães nos seus esconderijos mais seguros. — Os esforços da „Reuter“ e da „Havas“ foram pois em pura perda.

A casa dos Hohenzollern

„Acabaram mesmo de decapitar o kronprinz“, disse-nos, ha pouco, um allemão, cavalheiro respeitavel e já edoso, provando assim, que perturbação pôde causar u'a mentira, desde que ainda não se esteja ás claras de que em alguns circulos ella é considerada a arma numero 1, collocando-se a mesmo acima de naus de guerra e armadilhas de submcrsivcis. Eis, porém, que em 20. 11. o ex-principe herdeiro allemão, suppostamente decapitado, que, segundo a „Havas“ (9. 11.), por sua vez, estaria recolhido preso em sua residencia em Cäcilienhof, se dirigiu em devido tempo ao publico. Acoimou as affirmações da imprensa estrangeira de falsidades e deixou bem claro, que nem elle, nem seus fillos ou irmãos, nem tampouco qualquer outro membro da casa dos Hohenzollern ou de outra dynastia allemã qualquer, foram presos ou mesmo fuzilados. O principe Max de Baden, que tambem se disse ter sido fuzilado, morreu já ha 10 annos! Ao terminar sua declaração, dada por escripto, elle qualifica tacs mentiras de „verdadeiro crime“. No mesmo dia, o principe August Wilhelm, quarto filho do ex-imperador, portador da insignia honorifica de ouro do Partido Nacional-Socialista, fez uma declaração semelhante perante representantes da imprensa estrangeira, em que poz em destaque, succintamente, os seguintes factos: Encontram-se na frente de luta, só da familia do ex-Kaiser, 13 membros, entre os quaes o principe Oscar, de que um dos fillos tombou na Polonia, como commandante de um regimento. Nenhum principe está preso, nenhum está servindo de refem. O proprio ex-imperador mandou manifestar ao Führer, immediatamente após a tentativa de morte em Munich, sua grande satisfação por sabelo salvo, ao que lhe foi dado uma resposta cordialissima. E' uma infamia a affirmação de estrangeiros de que o Kaiser teria tramado o attentado. Segundo a opinião de toda a familia Hohenzollern, tudo quanto se volta contra Hitler visa a Alemanha. Será que ainda existem cavalheiros edosos — não nos referimos a cidade avançada — que continuam a acreditar nesse absurdo?

A nobreza allemã se defende

As affirmações divulgadas por parte dos inimigos da Alemanha, de que o governo do Reich desejaria livrar-se da nobreza allemã como de um „elemento reaccionario“, dispondo-o no front de tal maneira, que venha a soffrer baixas desproporcionadamente elevadas, são repellidos em 26. 11. pela „Deutsche Adelsgenossenschaft“ (gremio dos nobres allemães) como ridiculas, grotescas e calumniosas. Na declaração se diz ainda, que essa „mentira desprezível“ só teria sido inventada, afim de metter uma cunha entre o povo e seu mentor. As perdas da nobreza sempre foram elevadas em todas as guerras, pois a nobreza sempre tem sabido inorrer, ao ser a Patria agredida. Como parte do seu povo, a nobreza está „com o povo allemão, e confundido com este, enfileirada atrás do seu Führer, afim de seguir-lhe para onde este o conduzir.“

Um diario perdido

Assoalha a „Havas“, em 26. 11., que junto á fronteira suissa teria sido encontrado o diario de um chefe regional nacional-socialista, contendo apontamentos sobre recentes conversações com Hitler. Segundo essas notas, havia sido planejada a incursão allemã pela Belgica para 12. 11., a que se seguiria a marcha através da Suissa. Infantilidades. Só se pôde felicitar a „Havas“, com um abanar grave e geral da cabeça, por tacs invenções.

Rußland und Finnland im Krieg

Nach dem Fehlschlagen aller Verhandlungen und dem Abbruch der diplomatischen Beziehungen zwischen Moskau und Helsinki am Mittwochabend haben die Feindseligkeiten zwischen Sowjetrussland und Finnland am Morgen des 30. November begonnen. Folgende Telegrammnachricht liegt darüber vor: Kopenhagen, 30. (T.O. — Agencia Allernã). „BT“ teilt in einer Sonderausgabe aus Helsinki am Donnerstag mit: „Der Krieg hat begonnen“. Grosse sowjetrussische Kontingente überschritten die finnischen Grenzen am Donnerstagmorgen um 9.10 Uhr finnischer Zeit. Ueber Helsinki flogen Geschwader der sowjetischen Luftwaffe und vor der Stadt erschienen Einheiten der roten Flotte. Sowjetische Bomber, die über der Stadt erschienen, lagen um 10 Uhr morgens am Donnerstag unter dem Feuer der finnischen Luftabwehrartillerie. Bis gegen 11 Uhr warfen die sowjetischen Flugzeuge keine Bomben ab. Es wurde Luftalarm gegeben und die Bevölkerung flüchtete augenblicklich in die jüngst unter grossem Kostenaufwand erbauten Luftschutzräume. Um 10 Uhr stand das ganze Land in Alarmzustand. „BT“ spiegelt in folgenden Worten den in ausländischen Kreisen über die Haltung Finnlands hervorgerufenen Eindruck wider: „Im Gefühl des Ernstes der Stunde, doch ohne Panik, hat Finnland die Verteidigung seiner Unabhängigkeit aufgenommen.“

Wie von amtlicher deutscher Seite mitgeteilt wird, steht das Reich in jeder Weise ausserhalb des Konflikts.

Finnland hat vier Millionen Einwohner, Sowjetrussland 180 Millionen und dürfte gegenwärtig allein acht bis zehn Millionen Mann unter den Waffen stehen haben.

Japan droht mit Vergeltungsmaßregeln

Tokio, 30. (T.O. — Agencia Allernã). Amtlich verlautet, dass die Kaiserliche Regierung im Falle einer negativen Antwort Englands und Frankreichs auf den japanischen Protest gegen die Verschärfung der britischen Blockade zu entsprechenden Gegenmassnahmen greifen wird.

Os francezes exigem a verdade

Já por diversas vezes reproduzimos nesta columna manifestações de folhas francezas que exigem, que se revele ao povo francez a verdade sobre a guerra. Em 16. 11. o „Journal“, de Paris, publicou de novo uma exigência dessas, partida, desta vez, de um soldado do front que escreve, entre outras: „Basta de mentiras! Diariamente e a todo momento escorrem novas mentiras dos labios e das pennas, as quaes talvez sejam ditas com boas intenções, mas que são levadas a sério, visto que são multiplicadas pela imprensa e offerecidas a milhares de pessoas. Como jornalista, que serve na frente, dirijo-me a todos os meus confrades com este appello“ — Enumera, a seguir, exemplos, adulterações de photographias, indicações falsas sobre tratamento, equipamento e licenças, concluindo com estas palavras: „Pagar-se-ão caras as mentiras.“ — Em 19. 11., o mesmo jornal dá largas á sua revolta sobre a maneira pela qual se informa o povo francez. Diz, que o radio francez acolheria todos os boatos incontrolaveis, comtanto que conttenham algo que seja contra a Alemanha. Mas, como no dia seguinte se torna necessario rectificar o absurdo do dia anterior, dahí resultaria o exgotamento moral do povo francez. — O jornal „Oeuvre“ occupou-se em 20. 9., ironicamente, da avalanche de noticias falsas sobre projectos de ataque allemães, por exemplo á Hollanda e á Belgica, sobre a situação dominante no Reich e assim por deante. Pergunta, por fim, quem seriam os autores „desse alarmo incrível“. Ora, a resposta a isso não ha de ser difficil.

Não foi afundado o „Schwabenland“

Foi desmentida pela autoridade competente allemã, em 17. 11. a noticia assoalhada por uma agencia inglesa officiosa de que o conhecido navio catapulta „Schwabenland“ havia sido posto a pique por um cruzador inglês. Ora, o navio encontra-se, já desde fins de agosto, bem abrigado em um porto allemão.

Irradiações especiaes

para o Brasil em Lingua Portuguesa

das 18,50 às 23,00 horas pelas emissoras

DZC — 10290 Kiloc — 29,15 metros e
DJP — 11855 Kiloc — 23,31 metros

Transmissão do Noticiario
de ultima hora

todos os dias ás 20 e ás 22 horas (hora local)

Verbrecher Georg Elser und seine Sintermänner

Berlin, 24. (T.-O. — Agencia Alemã) Am Freitagabend werden amtlich Einzelheiten über die Vorgeschichte zur Verhaftung des Münchener Attentäters Georg Elser veröffentlicht. Man erinnert dabei an die beiden früher schon von Otto Strasser organisierten Attentatsversuche. Im Mai 1938 wurden seine beiden Komplizen Döpping und Kremin verhaftet. Danach fand Otto Strasser in der Person des Georg Elser das ihm geeignet erscheinende Instrument zur Durchführung seiner verbrecherischen Pläne mit Aussichten auf Erfolg derselben. Elser selbst bewies, nachdem er anfangs hartnäckig gelehnet hatte, dass der britische Secret Service kaum ein geeigneteres Subjekt finden konnte, dieses verabschiedungswürdige Verbrechen auszuführen, das lange vorher mit allen nur erdenklichen teuflischen Mitteln vorbereitet wurde.

Am 8. November geschah dann im Bürgerbräukeller die Explosion jener Höllenmaschine, die das Herz des deutschen Volkes treffen sollte. Um 21.43 Uhr wurde von der Berliner Polizeizentrale aus die gesamte Polizei Deutschlands alarmiert. Automatisch wurden die Reichsgrenzen hermetisch abgeschlossen und zugleich eine besonders dichte Ueberwachung der übrigen offenen Grenzschnitte vorgenommen. In der Nacht nach dem Attentat noch wurde auf Befehl des Chefs der Reichspolizei und der SS eine Sonderkommission nach dem Tatort abgesandt. Unverzüglich wurde in Berlin eine unter dem Befehl des Polizeichefs stehende Zentrale gebildet, die sich mit der Ueberführung des wichtigsten Materials nach München befasste, nachdem alle Indizien, die aus allen Teilen des Reiches kamen, geprüft waren. Neben zahlreichen sorgfältig geführten Durchsuchungen wurden an den deutschen Grenzen in der Nacht auf den 9. November 120 Verhaftungen vorgenommen. Im Rahmen dieser ausserordentlichen Massnahmen beobachteten die beiden Hilfsbeamten Riger und Zitterer beim Abpatrouillieren in dem sogenannten Wessendberggarten, der sich bis an den Grenzübergang erstreckt, zwischen Kreuzlingertor und Emmishofort liegt und zu dem Zollgebiet des Bodensees gehört, einen Mann, der sich in 15 Metern Entfernung auf die schweizer Grenze zu bewegte. Der Unbekannte wurde angerufen und gefangen genommen; er erklärte jedoch, er suche einen gewissen Feichtlhuber, der einer Kulturvereinigung in Konstanz angehört, der auch er zugehöre. Die Zollbeamten forderten ihn danach auf, ihnen zum Wachtposten zu folgen, wo er sich mit einem Grenzpassierschein legitimierte, der zahlreiche Visas aufwies, woraus zu entnehmen ist, dass er die Grenze häufig überschritten hatte und der auf den Namen Georg Elser ausgestellt war.

Im Hinblick auf die Verfügungen für den Grenzzoll der deutschen Polizei wurde sofort bei dem Verhafteten eine genaue Durchsuchung vorgenommen. Hierbei wurden fünfzehn Papiere mit Plänen von verschiedenen Munitionsdepots und Lade- und Ablade-Einrichtungen bei Rüstungsfabriken sowie andere genaue Daten bezüglich Lieferungen nach München und der zu der Höllenmaschine zugehörigen Teile, die äusserst kompliziert waren und endlich doch den Plan im Bürgerbräukeller in München verwirklichen sollten. Georg Elser, der also gleich anfangs unter den 120 an den Reichsgrenzen Verhafteten war, wurde umgehend vor die Sonderkommission in München gebracht, nachdem die Zentrale der Sicherheitspolizei des Reiches benachrichtigt worden war.

Inzwischen hatte die Sonderkommission in München die Arbeiten aufgenommen. Zuständige Fachleute konnten vermöge von Berechnungen der Bruchstellen an den Eisenstützen und genauester Prüfung der Explosionswirkungen den genauen Ort festlegen, an welchem die Höllenmaschine untergebracht war, deren Anbringung dort, wie man feststellte, eine lange Vorbereitung benötigt hatte. Nach den übereinstimmenden Aussagen der Angestellten im Bürgerbräukeller vor der Untersuchungskommission erfuhr man, dass letzthin mehrere Verdächtige den Ort betreten hatten. Am 9. November mittags, nach der ersten genauen Prüfung der Trümmer, fand man interessante Beweismittel dafür, dass es sich um eine Höllenmaschine mit Zeitzünder gehandelt haben musste. Später fand man auch Teile des Uhrwerks und Eisenstücke, die nach Zusammensetzung mit den übrigen vorgefundenen Stücken ergaben, dass sie zu einem Zeitzünder gehörten, zu dessen Funktionieren zwei Präzisionsuhrwerke verwendet worden waren. Ebenso wurden unter dem Schutt Splitter von Röhren gefunden, die augenscheinlich die Munition und den Explosivstoff enthielten. Eine chemische Untersuchung der Pulverteilchen, die sich an einigen Splittern noch befanden, ergab, dass das Material einer besonderen Explosivart angehörte. Ebenso konnte die Untersuchungskommission eine Isolierplatte finden, auf welcher der Name des Fabrikanten eingraviert war. Aus den an einigen Stücken eingravierten Patentnummern kam man zu der Folgerung, dass die aufgefundenen Stücke aus der mechanischen Werkstatt einer Uhrmacherei hervorgegangen sein müssten.

Die Personalbeschreibung der im Bürgerbräukeller vor dem Attentat gesehenen verdächtigen Personen lieferte einige hinreichende Anhaltspunkte, um unter den an der schweizer Grenze verhafteten Personen auch den Georg Elser unter den meist Verdächtigen festzunehmen. Wie bei allen Verhafteten wurden sofort Nachforschungen über sein Privatleben angestellt, die ihn mehr und mehr

verdächtig werden liessen. Als man in Erfahrung gebracht hatte, dass er Gegenstände seines persönlichen Gebrauchs im Hause seiner in Stuttgart wohnenden Schwester aufbewahrte, wurde bei der sofort vorgenommenen Haussuchung überreiches Belastungsmaterial vorgefunden. In einem Werkzeugkasten, der zur Ausrüstung Elser gehörte, fand man mehrere Uhrwerke und Einzelteile, die vielfach mit den unter den Trümmern aufgefundenen identisch waren. Ferner enthielt der Kasten Drehbohrer und Stemmeisen, an denen noch Reste von Kalk klebten. Bei der Untersuchung dieser Reste ergab sich, dass sie mit dem für den Bau des Lokals, in dem das Attentat stattfand, verwendeten Materials identisch waren.

Trotz alledem versuchte Georg Elser, seine Teilnahme an dem Verbrechen zu leugnen. Den Versuch, die Grenze heimlich zu überschreiten, begründete er mit dem Versuch, sich der Zahlung von Alimenter für seinen unehelichen Sohn zu entziehen. Sein geheimnisvoller, mehrmonatiger Aufenthalt in München, für den er keinerlei Beweise von Arbeit oder Beschäftigung beibringen konnte, wurde von ihm dahin aufgeklärt, er habe einen Sonderkursus durchmachen wollen, um dann als Facharbeiter im Ausland zu arbeiten. Endlich sagte er, dass die Postkarte vom Bürgerbräukeller in München, die man bei seiner Verhaftung bei ihm vorfand, als Abschiedsgruss an seinen Vater gedacht war. Unterdessen aber hatte das Geschäftshaus, das das Korkisolierungsmaterial verkauft hatte, über den Käufer desselben Personalangaben gemacht, die genau auf die Person des Elser, der immer mehr verdächtig wurde, stimmten. Trotzdem leugnete er starr weiter. Am 10., 11. und noch am 12. bestritt er jegliche Beteiligung an der Tat. Schliesslich wurde Elser am 14. November denjenigen Angestellten des Bürgerbräukellers gegenübergestellt, die ihn im August wirklich gesehen hatten, und nachdem die Tatsache bekannt geworden war, dass er im Frühjahr 1939 sich um den Posten als Kellner beworben und sogar 50 Mark geboten hatte, wenn man ihm einen solchen verschaffte, wurde Elser vom Beweismaterial erdrückt.

Dem ersten Geständnis des Verbrechens am 14. November folgte ein schriftliches Geständnis am 15. November, das am 17. mit den Zeichnungen der genauen Pläne des gesprengten Pfeilers und der Explosionskammer sowie der Höllenmaschine folgte, die die gelegte Ladung zur Explosion brachte. So wurde durch die Untersuchung und das Geständnis des Verbrechens ein satanisch aufgezogener Plan, der mit einer phantastischen Beharrlichkeit ins Werk gesetzt wurde, und den nur die gütige Vorsehung zum Scheitern bringen konnte bis in alle kleinsten Einzelheiten aufgeklärt.

Er war das geeignetste Instrument jenes Verbrechens, der auf schweizer Gebiet in Sicherheit blieb, und er war auch hinreichend geweckt und geschmeidig, das, was man ihm auftrug, unter Umgehung all jener Fehler, die die früheren Versuche zum Scheitern brachten, in die Tat umzusetzen. Georg Elser Hess hinreichend Nerven, das Unternehmen vorzunehmen. Dies war die letzte Karte im Spiel der ausländischen Hetzer.

Wie aber konnte man, wenn das verbrecherische Ziel gelungen wäre die Auslieferung Elser an Deutschland wegen dieses Verbrechens hintertreiben? Auch dieser Punkt war von seinem Komplizen wohl bedacht

worden. Für diesen Fall führte Elser jenes Material des Hochverrats bei sich, das ihm sein Auftraggeber dank seiner guten Beziehungen sehr leicht hatte verschaffen können. Dieses Material genügte um ihn vor ausländischen Behörden zu sichern, wie man Elser gesagt hatte. Für diesen Fall, so erklärte Elser, hätte er dieses Material den schweizer Behörden übergeben um zu verhindern, dass es der deutschen Polizei ausgeliefert werde.

Das ist das Instrument — ein Verbrecher, der zweifelsohne den traurigen Ruhm genießt, in seinem Fach ein Spezialist zu sein. Strasser dahingegen ist der Verbrecher, der im Dunkel blieb und seinen Komplizen in der Schweiz erwartete und der sich dann beeilte, von dort zu entkommen und sich dorthin zu flüchten, wo er seine Auftraggeber finden konnte, nach London.

So weit der Stand der Untersuchungen, der sich auf die Person des Attentäters bezieht und der veröffentlicht werden kann, ohne den nachfolgenden Untersuchungen Abbruch zu tun. Die übrigen Untersuchungen, die, wie man erfährt, zur Feststellung der Komplizen und der Auftraggeber zu dem Verbrechen sowie weiterer Einzelheiten über das Verbrechen selbst dienen, können der Öffentlichkeit nicht übergeben werden, bevor die gesamte Untersuchung nicht abgeschlossen ist und der Stand des Polizeiverfahrens in seiner Gesamtheit vorliegt.

Der letzte Funkspruch an den Intelligence Service

Berlin, 22. (T.-O. — Agencia Alemã). Aus zuständiger Quelle wird mitgeteilt:

„Wie bereits gemeldet wurde, haben die Vertreter der Agenten der deutschen SS. Radiosende- und Empfangsgeräte eingehendigt im Glauben, sie hätten es mit Vertretern einer vermeintlichen Opposition innerhalb des Reiches zu tun. Mit Hilfe dieser Apparate und unter Benutzung des ihnen ebenfalls übergebenen Geheimkodes konnte die deutsche Polizei 21 Tage in Kontakt und Verbindung mit der englischen Regierung und dem Intelligence Service stehen. Der Inhalt der im Rundfunk gewechselten Mitteilungen wird bei seiner Veröffentlichung beweisen, welch traurige Mentalität unter der jetzt massgebenden englischen Klasse herrscht. Die Verbindung der deutschen Polizei mit der englischen Regierung und dem Intelligence Service in London war am 22. November um 10.10 Uhr beendet, als von deutscher Seite folgende Mitteilung durchgegeben wurde: „Es wird auf die Dauer lästig, mit Leuten Unterhaltungen zu führen, die langweilig und ihre eigenen Götzendiener sind. Sie werden es begreifen, wenn wir Schluss machen. Herzliche Grüsse von der „deutschen Opposition“, die Ihnen gewogen ist. Die deutsche Gestapo“. Wie es scheint, hatte der geheime Sendedienst noch keine Nachricht von der Entdeckung der ganzen englischen Spionageaktion durch die deutsche Polizei, denn die beiden englischen Radiotelegraphisten Inman und Walsh zeigten die letzte Botschaft in einer eben so dummen wie langweiligen Weise an.

16.000 Tonnen großer britischer Hilfskreuzer versenkt

Amsterdam, 26. (T.-O. — Agencia Alemã). Mit folgendem Communiqué gibt die britische Admiralität am Sonntagnachmittag den Verlust des englischen Hilfskreuzers „Rawalpindi“ bekannt: „Die britische Admiralität bedauert mitteilen zu müssen, dass der Kreuzer der Flotte, S. M. „Rawalpindi“, der frühere Dampfer „Pando“ versenkt worden ist. Es steht zu befürchten, dass alle Offiziere und Besatzungsmitglieder mit Ausnahme von 16 Mann und einem Offizier, deren Namen folgen, ertrunken sind. Die „Rawalpindi“ hatte 16.000 Tonnen“. Einzelheiten über den Untergang des erwähnten Schiffes von 16.997 Tonnen, das der Schiffahrtsgesellschaft P. and O. gehörte, das grösste Schiff dieser Gesellschaft war und in Friedenszeiten den Dienst nach Indien versah, stehen noch aus. „Rawalpindi“ ist das erste Schiff der britischen Handelsflotte, dessen Name auf der von Deutschland veröffentlichten Liste der französischen und englischen Schiffe figurierter, die infolge ihrer Bewaffnung als Hilfskreuzer angesehen werden müssen. Deutschland hatte

beimert, dass die Hilfskreuzer entsprechend dem Seerecht ohne vorherige Warnung torpediert würden und riet den Neutralen an, diese Schiffe nicht zu benutzen.

Auf einer Streifjagd deutscher Seestreitkräfte

Berlin, 28. (T.-O. — Agencia Alemã). Deutscher Heeresbericht von heute mittag: „An einigen Stellen der Westfront leichte Patrouillen- und Artillerietätigkeit. Infolge der Witterung beschränkte sich die Flugwaffe auf Aufklärungstätigkeit im Grenzgebiet. Deutsche Seestreitkräfte unter dem Kommando des Vizeadmirals Marschall streiften den Nordatlantik zwischen Färöer-Inseln und Grönland ab. Während der Aufklärungsfahrt wurde der englische Hilfskreuzer „Rawalpindi“ nach kurzem Gefecht versenkt. Trotz der sofortigen Rettungsmassnahmen konnten nicht mehr als 26 Mann der Besatzung gerettet werden.“

Taschenkreuzer „Deutschland“ — das Schreckgespenst der Meere

Eine hiesige Zeitung veröffentlichte vor einigen Tagen folgende durch Luftpostdienst aus New York übermittelte Meldung einer nordamerikanischen Agentur: „Die Nachricht, dass der Taschenkreuzer „Deutschland“ sich

auf offenem Meer befindet, um britische Handelsschiffe abzufangen, trifft die Dampfer „Deutschland“ ist für einen Geleitzug (Konvoi) dasselbe, was ein Unterseeboot für Geleitzüge wie eine Schreckensbotschaft. Die

ein einzelnes Schiff bedeutet. Im Weltkrieg hat das System der Konvoi-Fahrten die Handelsschiffe vor dem Unterseebootkrieg gerettet. Die Zerstörer schützten die im Zickzack dahinziehenden Schiffe, indem sie immer bereit waren, ihre Unterwasserbomben zu schleudern, wo immer nur der Schatten eines Periskops entdeckt wurde. Die „Deutschland“ ist mit sechs 11-zölligen Kanonen bestückt, welche 15 Kilometer weit reichen. Ein gut gezielter Schuss dieser Kanonen genügt zur Versenkung eines grossen Handelsschiffes. Aber wenn ein leichter Kreuzer den Geleitzug begleitet, kann die „Deutschland“ noch viel näher an ihr Ziel herankommen. Das deutsche Panzerschiff bleibt auch dann noch überlegen. An Stelle der 4,7 Zollgeschütze der zum Schutz des Konvoi bestimmten Zerstörer besitzt der Taschenkreuzer 5-zöllige Kanonen, die jeden angreifenden Zerstörer erledigen können. So könnte die „Deutschland“, selbst ohne den Einsatz ihrer 11-Zollgeschütze ein Schiff nach dem anderen aus einem Geleitzug versenken, ohne selbst den geringsten Schaden zu nehmen. Solange ein modernes Schlachtschiff der britischen Flotte dieses Gespensterschiff nicht stellt, kann es uneingeschränkt seiner Tätigkeit nachgehen. Alles hängt von seiner Versorgung mit Brennstoff und Lebensmitteln ab, die allerdings ebenso auf hoher See wie in irgendeinem neutralen Hafen vorgenommen werden kann.

Wie hat der deutsche Taschenkreuzer nun eigentlich die britische Blockade durchbrochen? Sollte er sich schon bei Kriegsausbruch jenseits der Absperrung befunden haben? Das dürfte wohl möglich sein. Viele Leute neigen zu der Ansicht, dass die „Deutschland“ bei einer Kreuzfahrt der deutschen Flotte, besonders gut versteckt, in einem spanischen Hafen geblieben ist. Als ebenso sicher wird angenommen, dass „Admiral Graf Spee“ und „Admiral Scheer“ sich gleichfalls ausserhalb des Blockaderings befinden und gewiss auch die neue „Emden“ und andere schnelle Kreuzer. Die einzige Gelegenheit zum Blockadedurchbruch des Taschenkreuzers — wenn



Fangen Sie doch nicht so den neuen Arbeitstag an — sich und anderen zur Qual —, weil Sie schlecht geschlafen haben! Nehmen Sie endlich einmal

Bromural

Seit 30 Jahren wird das Mittel von zahllosen Ärzten aller Länder verordnet, um die Nerven zu beruhigen und tiefen, erquickenden Schlaf herbeizuführen.

Bromural ist unschädlich. Keine Gewöhnung. In Röhren mit 10 oder 20 Tabletten in allen Apotheken erhältlich.

KNOLL A.-G., Ludwigshafen a. Rh. (Deutschland).

geradezu unglaubliche Geschwindigkeit verleihen. Die „Hood“ läuft 31 Seemeilen in dem deutschen Genie nicht gerade die Erfindung eines Zaubermittels zwecks unsichtbaren Passierens eines Stahlriesen gelungen ist — konnte nur durch einen Nebel und zwar nachts vorhanden gewesen sein. Nur so konnte er dank seiner grossen Geschwindigkeit in unbekannter Richtung verschwinden. Geschwindigkeit und Kanonen — das sind nun einmal die Meer beherrschenden Geschwister!

Der britische Schlachtkreuzer „Hood“ könnte der „Deutschland“ mit Ueberlegenheit entgegenreten, vorausgesetzt, dass dieser 42.000 Tonnen grosse Koloss die deutsche Schiffseinheit ausfindig machte. Die Bestückung der „Deutschland“ ist ausserordentlich stark und ihr Widerstand ist von den Deutschen nachdrücklich betont worden. Dazu kommt, dass bezüglich der seetechnischen Waffen die Deutschen bessere Qualitäten, vor allem mit grösserer Durchschlagskraft besitzen, als die Briten. Die Taschenkreuzer verfügen über sehr viele Neuerungen, die den Geschossen eine

der Stunde und könnte die „Deutschland“ leicht einholen, welche nur 26 Seemeilen erreicht, aber zu diesem Zweck müsste sie erst die Verfolgung aufnehmen. Die Geschosse der „Hood“ sind schwer genug, um der „Deutschland“ verderbliche Verluste beizubringen. Die Engländer besitzen in der „Repulse“ und in der „Renown“ zwei ähnliche Schlachtkreuzer.

Die Franzosen verfügen über die „Dun-

kerque“ und die „Strassburg“, die beide 30 Seemeilen laufen und mit 13-zölligen Geschützen ausgestattet sind. Diese Schiffe sind stark genug, um auf die „Deutschland“ zu achten, falls die Engländer an anderen Stellen beschäftigt sind. Die grossen englischen Kreuzer reichen wegen der Schnelligkeit der „Deutschland“ an diese nicht heran.

Der Verfasser dieser Zeilen spricht zum Schluss noch einmal vom „Schreckgespenst“

der Konvois und vergisst auch nicht die Torpedierung der „Repulse“ zu erwähnen, die bekanntlich zur selben Stunde erfolgte, als die „Royal Oak“ im britischen Scapa Flow in die Luft flog. Deutscherseits ist übrigens mehrfach betont worden, dass auch die „Hood“, das beste und schnellste Kriegsschiff Englands, bei einem Sturzangriff deutscher Bomber auf ein britisches Geschwader in der Nordsee erheblich „beschädigt“ wurde.

Ganze Arbeit im Weichselland

Während der Kampf gegen Britannien von Tag zu Tag gewaltigere Aufsehen erregende Ausmasse annimmt und Folgen für die Inselbewohner nach sich zieht, wie sie in allen vier Weltkriegsjahren überhaupt nie erreicht wurden, während am Westwall die graue Front in stahlharter Entschlossenheit jeden Versuch eines Feindesmarsches in das Reich abschlägt und überall schnelle deutsche Flugzeuge den Luftraum über dem Grenzland im Westen sichern, vollzieht sich im deutschen Osten in Ruhe und Frieden, planmässig und systematisch ein einzigartiges Aufbauwerk. Heute kann darüber noch nicht viel bekannt sein. Die Welt ist zu sehr von dem entscheidungsschweren Ringen zwischen dem britischen Empire, seinem Alliierten und dem Reich in Atem gehalten. Wer spricht heute noch vom polnischen Staat Versailler Prägung? Innerhalb der britischen Kriegsziele ist nur von der Vernichtung Deutschlands die Rede, und die Franzosen, welche eine polnische Emigrantenregierung im eigenen Lande dulden, haben ganz andere Sorgen. Sie müssen jetzt zuerst einmal den Briten helfen. Später dann soll auch wieder von Polen die Rede sein. Die Agenturen „Reuter“ und „Havas“, die schon während des 18-Tage-Feldzuges im Osten in der unglücklichen Lage waren, keine Berichterstattung in Polen zu haben, sind heute über die Entwicklung im Weichselland überhaupt nicht im Bilde, und folglich wissen auch die von ihnen versorgten Zeitungen in anderen Erdteilen nichts über den Aufbau und die Organisation dieses wichtigen osteuropäischen Gebietes zu berichten. Gewiss, in Kriegszeiten mag die Berichterstattung über eine wahrhafte Friedensarbeit ein undankbares Geschäft sein. Aus kühnen Luftkämpfen, wagemutigen Angriffen

der Tommies auf die Siegfriedstellung, aus der Handelsblockade gegen das Reich und ähnlichen frei erfundenen oder traurig wahren Heldenstückchen lassen sich grössere Schlagzeilen dreschen. Bei allem Verständnis für die Methoden der Sensation wollen wir nachstehend kurz zusammenfassen, was wir in einigen Telegrammen des weniger sensationell, dafür aber mehr auf die Wirklichkeit zugeschnittenen Transocean-Dienstes über die deutsche Arbeit im Osten entnehmen. Dabei soll eine Betrachtung besonders festgestellt werden: Wenn die Reichsregierung den gegenwärtigen Zustand an der deutschen Ostgrenze als Uebergangserscheinung werten müsste, würde sie niemals derartig weitgreifende grundsätzliche Massnahmen treffen. Allein aus der unbedingten Erkenntnis, dass die Sicherung der deutschen Agrargau an der Weichsel durch eine deutsche Bauernbevölkerung das Unterpfand für den Frieden in Osteuropa bietet, lässt sich der deutsche Organisationswille begreifen. Die Gestaltung des deutschen Lebensraumes im Osten, seit vielen Jahrhunderten ein Stiefkind der gesamten deutschen Politik, ist jetzt aus der Phase ihrer theoretischen Erwägung in das Zeitalter der praktischen Ausführung getreten und wird ihre schicksalhafte Bedeutung für kommende Zeiten erweisen. In unmittelbarer Verbindung damit werden auch die zahllosen Probleme der mitteleuropäischen Minderheiten und Streusiedlungen und für das Reich nicht zuletzt die in vergangenen Jahrhunderten so furchtbare Aderlasse fordernde Raumnot mit der daraus wachsenden Auswanderung nach Uebersee gelöst. Dieses Thema soll hier nur angedeutet werden. Eine nähere Behandlung wird selbstverständlich erst nach Festigung der europäischen Neuordnung möglich sein.

Die Umsiedler aus dem Baltikum

Die erste Bedingung für das Weichselland lautet: deutsche Bauern her, so viel wie möglich. Wenn man bedenkt, dass den Polen in den zwanzig Jahren seit Versailles die Verdrängung von fast einer Million Deutscher aus den Gebieten Westpreussen und Posen gelang, dann sahen sich jetzt die deutschen Behörden vor die Aufgabe gestellt, deutsche Siedler für die zurückeroberten Reichsgaue heranzuholen. Im Gau Danzig-Westpreussen, der die Brücke zwischen Pommern und Ostpreussen bildet, ist diese Frage sehr dringlich gewesen. Fast alle Polen müssen dieses Gebiet verlassen. Die deutschen Familien sind zunächst aus Lettland und Estland sowie aus dem ehemaligen Ostpolen zur Umsiedlung aufgefordert worden und haben ziemlich ausnahmslos dem Ruf der grösseren Heimat Folge geleistet. Wochenlang sind grosse Transportschiffe zwischen den Hafenstädten des Baltikums und Gotenhafen und Danzig hin- und hergefahren. Galt es doch, Zehntausende von deutschen Familien über die Ostsee zu schaffen, um sie möglichst noch vor Beginn des Winters auf die neuen Bauernstellen zu setzen. Ein deutscher Presse-Mitarbeiter gibt folgendes Stimmungsbild aus Gotenhafen:

„Die Riesenschuppen und Lagerhäuser von Gotenhafen reichen nicht aus, um die gesamten Umzugsgüter unterzubringen. Rund 300 000 Quadratmeter Lagerfläche werden benötigt, von denen Gotenhafen nur etwa zwei Drittel stellen kann. Man hat deshalb sogar Lagerhäuser von Danzig, Hamburg und Bremen herangezogen. Fast täglich kommen in Gotenhafen Dampfer mit Umsiedlern mit allen Möbeln und Hausrat an. Manchmal sind es täglich bis zu 5000 Umsiedler, und die Kollis, die durch Gotenhafen hindurch gehen, schätzt man auf eine Million. Tag und Nacht arbeiten 400 Speditionsarbeiter, um diese Riesensendungen zu übernehmen und weiter zu leiten. Eine grosse Organisation, bestehend aus den Vertretern erster deutscher Speditionsfirmen, leistet diese Arbeit unter Ueberwachung des Verkehrsministeriums. „Bedenken Sie — sagte mir der leitende Beamte des

Reichsverkehrsministeriums Dr. Färben — dass wir in wenigen Wochen Haushalte von 75.000 Menschen speditionsmässig bewältigen müssen. Das ist die Umzugsspedition einer Völkerwanderung, wie sie noch nie dagewesen ist. Um diese hunderttausende einzelner Sendungen in Ordnung hereinzubringen und richtig nach überall versenden zu können, haben wir für jede Sendung eine Kartei eingerichtet, die die grösste ihrer Art in der Welt sein dürfte. Wir werden einige Dutzend Beamte einsetzen, nur um die rund eine Million Karteikarten für alle diese Kollis aufzustellen“. In den grossen Lager- schuppen liegen nun diese Kollis aller Firmen und aller Verpackungsarten, die sich menschliche Phantasie nur ausmalen kann. Für den Empfang der Baltendeutschen stehen in Gotenhafen die riesigen Hallen der polnischen Amerikalinie zur Verfügung, die für den polnischen Auswanderer gebaut worden waren aber seit ihrer Entstehung noch nie solche Massen von Reisenden zu bewältigen hatten“.

Aber nicht nur aus den baltischen Ländern kommen die Bauernfamilien, sondern ebenso aus Wolhynien, Ostgalizien und Russland. Alle zusammengefasst werden immer noch nicht die benötigte Zahl für den deutschen Volkswall im Osten ergeben. Dafür kann das Reich aus seinen besonders übertölpelten Gauen in West- und Mitteleuropa viele siedlungsfreie Familien im Weichselland ansetzen. Während nämlich in diesen Gebieten des Altreiches 200 bis 300 Menschen auf dem Quadratkilometer leben, sind es im Osten nur zwischen 50 und 80. Man kann daraus schliessen, welche hervorragenden Bedingungen für die bevölkerungspolitische Gestaltung im Reich selbst bestehen. Gleichzeitig wird ein für allemal jener raumpolitische Unsinn von einem Korridor beseitigt, wird nimmermehr die Frage nach der deutschen Stadt Danzig zum Spielball internationaler Ränkeschmiede werden, kann mehr denn je der Gau Ostpreussen seine kulturelle und wirtschaftliche Aufgabe als Grenzland erfüllen.

Große Aufgaben für Jahrzehnte

Ohne einschneidende Massnahmen freilich konnte das neue Werk im Weichselland gar nicht begonnen werden. Es gibt Völker, die nach einem siegreichen Krieg über ihren Nachbarn Tribute und Steuern fordern und sich um das Schicksal des ehemaligen Gegners nicht im geringsten kümmern. Die deutsche

Auffassung von Leben und Arbeit im Sinne von Frieden und Ordnung gestattet diese unverantwortliche Haltung nicht. Das Reich hätte nach dem gewonnenen Krieg über Polen sehr wohl sagen können: „Ihr habt uns herausgefordert, seid gestraft worden; wir nehmen unsere Beute und ihr seht zu, wie

ihr mit dem Rest fertig werdet.“ Das wäre die bequemere Lösung. Aber eine solche Einstellung ist nicht deutsch. Deutsch dagegen ist der klare Begriff der Pflicht, der Arbeit, der Ordnung, kurz, der bewussten Lenkung aller Kräfte auf dem Weg der wertschaffenden, und auch aus sich selbst schöpferischen, zivilisatorischen und kulturellen Entwicklung. So verstehen wir auch die Einführung der Arbeitsdienstpflicht für die gesamte polnische Bevölkerung, welche vom Generalgouverneur für die besetzten Gebiete mit dem einfachen Satz festgelegt wurde: „Zur Arbeit sind alle verpflichtet, die arbeitsfähig sind.“ Von dieser Verordnung werden selbstverständlich auch die 3,5 Millionen Juden in Polen erfasst. Wer diese Juden auf Bildern bei der Arbeit sieht, wie sie beim Tragen von drei bis vier Ziegelsteinen förmlich zusammenknicken, (ein deutscher Bauarbeiter trägt zehnmal so viel Steine auf schwankendem Gerüst), wer sich vergegenwärtigt, dass diese Juden nur handelnd und raffend überhaupt nie körperliche Arbeit kennengelernt haben, wird verstehen wo die Krebschäden des früheren polnischen Staates zu suchen waren.

Das Arbeitsbeschaffungsprogramm der deutschen Behörden ist gewaltig. Zunächst ist die Schiffbarmachung der Oberweichsel als erster Plan ins Auge gefasst. Es handelt sich hier um die lange Strecke des hogenförmigen Weichsellandes von Krakau bis Dombin kurz vor Warschau. Die Regulierung dieses Weichselabschnittes, der von den Polen völlig vernachlässigt wurde und daher versandete, wird zwei Millionen Menschen auf Jahre hinaus beschäftigen. Die Arbeit soll sofort im nächsten Frühjahr beginnen. Es steht unbedingt fest, dass in diesen Gebieten ein Problem der Arbeitslosigkeit niemals auftauchen wird. Ueberhaupt ist der Ausbau der Wasserstrassen eine vom Reich als vordringlich bezeichnete Aufgabe. In Danzig wurde ein eigenes Verwaltungsamt für diesen Zweck eingerichtet, das neben der Weichselregulierung bereits zahlreiche neue Kanäle projektiert. Vor allem soll der von Friedrich dem Grossen erbaute Bromberger Kanal, der die Oder mit der Weichsel verbindet, wieder

schiffbar gemacht werden. Dann gilt es, die von den Polen gesprengten zahlreichen Brücken und Flussübergänge zu beseitigen, die Schleusen wieder betriebsfähig zu machen, Dämme zu bauen, damit die fruchtbaren Niederungen von Ueberschwemmungen geschützt werden. Wege müssen angelegt, Landstrassen gepflastert werden, eine ordentliche Forstwirtschaft ist für die Holzindustrie unerlässlich. Wir können uns viele Dinge kaum vorstellen und doch sind sie ein sichtbarer Beweis für die Rückständigkeit der Entwicklung im Land um die Weichsel. Da gibt es Städte und Dörfer, die planlos aufgebaut wurden, es fehlt an festen Strassen, man kennt keine Wasserleitung, keine Kanalisation und andere sanitäre Einrichtungen. Man habe den Eindruck, so schreibt ein Besucher dieser Gebiete, als sei hier das 18. Jahrhundert stehen geblieben. Aufbau auf der ganzen Linie heisst also die Tageslosung, heute, morgen, und auf Jahre hinaus. Es steht ausser Zweifel, dass der vorzügliche Organisationsapparat der Nationalsozialistischen Deutschen Arbeiterpartei, der Keimzelle für das heutige Grossdeutschland nach dem Willen des Führers und Reichskanzlers, in den neuen deutschen Ostgaue wieder einmal ganze Arbeit leisten und ihre gemeinschaftsgestaltende Kraft unter Beweis stellen wird. Die Erziehung der Jugend, die Schulfrage, Freizeitgestaltung, Heimat- und Volkstumsabende, das alles sind im Reich keine Probleme. Ein Monat nach der Befreiung von Danzig und Westpreussen waren dort bereits 700 deutsche Schulen wieder im Betrieb. Ab 1. April nächsten Jahres, nachdem der Umsiedlungsvorgang als einigermaßen abgeschlossen betrachtet werden kann, wird überall der im Reich gültige Schulzwang eingeführt. Zurzeit mangelt es noch an ausreichenden Lehrkräften, aber besser, die Arbeit geht unter auch nur provisorisch eingesetzten Seminaristen langsamer voran, als dass sie überhaupt unterbleibt. Für die ländlichen Weichselgaue spielt die Volksschule im Rahmen des Gesamtvolkes eine weit grössere Rolle als irgendein Gymnasium in einer Stadt, deren Bewohner vom Grenzlandkampf nur blasse Vorstellungen haben. Das bereits geschichtliche Verdienst des Nationalsozialismus ist eben die Blickausrichtung des ganzen Volkes nach Osten. Irgendwie hatte man immer beim Betrachten der Landkarte zwischen Oder und Weichsel das Empfinden, dass dort etwas zu berichtigen, etwas gutzumachen sei. Heute ist die Mission erkannt und in ihrer ganzen Grösse vorgezeichnet. Es kommt nun darauf an, praktisch und kräftig Hand anzulegen, damit die Kartographen des Jahres 2000 leichtere Aufgaben vorfinden, als ihre Berufskameraden vergangener Zeiten. Diese neue und abschliessende Epoche der deutschen Ostland-siedlung schliesst nicht aus, dass das Reich als erstes Industrieland Europas, als Hauptsäule der europäischen Kultur, als Land der begabtesten Erfinder, Techniker, Ingenieure, Konstrukteure, Chemiker und Organisatoren seine bedeutende Rolle als Handelspartner anderer Nationen auch weiterhin spielen wird.

Das Reich löst die Judenfrage

Wenn man von ganzer Arbeit im Weichselland spricht, kann man nicht umhin, auf die klaren Entscheidungen hinzuweisen, welche von der deutschen Verwaltung in den besetzten Gebieten zur eindeutigen Lösung der Judenfrage getroffen wurden: Die drei bis vier Millionen Juden in Polen sollen unter sich bleiben. Wie die Reichsregierung die Deutschen aus Lettland und Estland heimgeholt hat, wie es die Südtiroler zurückrufft, wie es andererseits die Polen aus Westpreussen und Posen nach dem ehemaligen Kongresspolen zurückschickt, so wünscht es auch, dass die Juden im Gebiet zwischen Lublin und Warschau ihr eigenes Reservat erhalten. Für Deutschland ergibt sich dabei noch die vorzügliche Möglichkeit, zahlreiche Juden aus der Ostmark (Wien) und anderen deutschen Gauen in ihre eigentliche Heimat zurückzuverfrachten. Der Ostjude ist in Europa zu einem festen Begriff geworden. Man kennt ihn heute in Paris und London, in Amsterdam und Brüssel genau so gut wie in Berlin. Nur, dass das Reich bezüglich der jüdischen Minderheit die Schlussfolgerung gezogen hat. Man kann auch gegen die vom Reich beabsichtigte Einrichtung eines rein jüdisch besiedelten Gebietes östlich der Weichsel nichts einwenden. Warum sollten nicht fünf Millionen Juden dort in Ruhe und Frieden den Acker bestellen, untereinander Handel und Wandel pflegen, ihre eigenen Schulen haben, ihre eigenen Zeitungen drucken und ihre Volkstänze tanzen? Bis alles soweit kommt, wird man sich noch ein Weichen gedulden müssen, aber diese Lösung ist nicht nur gut denkbar, sondern auch absolut überzeugend. In den polnischen Städten selbst sind zur Stunde noch andere Massregeln vonnöten. Nachstehende, unlängst in der Tagespresse veröffentlichte Telegramme dürften für sich sprechen:

Warschau, 19. (T.O. — Agencia Allamā). Durch ein vom Gouverneur für Warschau, Dr. Fischer, erlassenes Dekret, wird bestimmt, dass das Ghetto von den übrigen Stadtvierteln durch Schranken abgesperrt und unter Polizeikontrolle gestellt wird, was aus wirtschaftlichen und sanitären Gründen geschehen soll, da das Ghetto als ein Herd von Krank-

heiten und Epidemien bekannt ist. Ausserdem wurde festgestellt, dass die Juden in Warschau die prekäre Lage der Warschauer Bevölkerung ausbeuteten, die sich teilweise ohne Unterkunft befand.

Warschau, 23. (T.O.) — Agencia Allamā). Nachdem am letzten Sonntag die Abschlüssung des Judenviertels von Warschau von dem übrigen Rest der Stadt dekretiert worden war, führen die Juden nun ihr eigenes, von den übrigen Einwohnern der Stadt abgeschlossenes Leben. Deutschen Soldaten ist das Betreten des Judenviertels verboten. Eine der Hauptursachen für die Abschlüssung waren die zahlreichen Funde von geraubten und aus Plünderungen stammenden Gegenständen, seien dies wertvolle Schmuckstücke, Teppiche, Möbel, Kleider usw. und andere Wertgegenstände. Der Gouverneur ordnete die Beschlagnahme all dieser unehrlich erworbenen Gegenstände an, denn es konnte erwiesen werden, dass die Mehrzahl der aus den leerstehenden Häusern verschwundenen Gegenstände ihren Weg ins Judenviertel genommen hatten.

Ob allerdings die Juden selbst das Leben in der eigenen Gemeinschaft hochschätzen, ist eine Frage, die hier nicht untersucht werden soll. Verschiedentlich wurde bereits bekannt, dass zahlreiche Juden aus Polen die Auswanderung nach Uebersee auf ihre Fahne geschrieben haben und besonders Amerika, die Neue Welt, als das heiss ersehnte Ziel ihrer Träume in Aussicht genommen haben. Ob sie bleiben oder nicht, ist schliesslich für die weitere Entwicklung im Reich und in Europa nicht ausschlaggebend. Für jeden unvoreingenommenen Beobachter der Zeitschichte steht fest, dass gegenwärtig im Weichselland ganze Arbeit geleistet wird: Mehr als 10.000 junge deutsche Soldaten haben den Kampf um den deutschen Lebensraum im Osten eben erst mit ihrem Leben besiegelt und dieses Opfer verpflichtet eine ganze Nation. Der alte, heute vom Kriegslärm übertönte Erdteil Europa wird bald erkennen, dass der Kampf für seine neue Ordnung auch ein Kampf für seinen wirklichen Frieden bedeutet.

ep.

Comboios Maritimos

Os comboios marítimos são, em geral, um producto da guerra, existem, porém, já ha seculos. Servem de defesa contra ataques inimigos aos navios mercantes e são sempre um signal de que aquelle que lança mão desse recurso não está em condições de exercer integralmente seu dominio marítimo. Se este for absoluto — como ocorre actualmente no Mar Baltico — a navegação mercante do que exercer esse dominio marítimo tem seus movimentos inteiramente livres. Dispensa ella combinações auxiliares em forma de conjuntos de navios mercantes que constituem um comboio sob a protecção de vasos de guerra. Póde ser um signal de aprovação desses factos, se os ingleses adoptaram desta vez, logo no começo da guerra economica contra a Alemanha — que, praticamente, representa um bloqueio applicado aos neutros — o systema de escoltas, quando, na guerra mundial, só se viram compellidos a recorrer a esse meio na phase final do conflicto armado.

Essas cousas podem ser explicadas pela historia dos comboios marítimos. E é bom a gente lançar ás vezes, um olhar retrospectivo, pois póde-se obter assim explicações para muita cousa. A costa da Europa do lado do Atlantico e o Mar do Norte são o pateo de manobra da navegação mundial. Graças á sua posição geographica privilegiada, a Inglaterra se encontra num ponto central e póde porisso tirar facilmente proveito dessa situação vantajosa e, simultaneamente, perturbar a navegação. A Grã-Bretanha viu-se collocada nessa posição, sem que para isso tivesse contribuido de alguma forma, quando o espaço atlantico se viu convertido na principal zona de movimento do commercio mundial, consequentemente da navegação, depois das grandes viagens dos descobridores lusos e hispanicos.

Outrora a cousa era differente. Ao tempo em que o Mar do Norte ainda era chamado Mar de Germania, o ponto central da navegação marítima se encontrava alli e no Mar Baltico, então chamado Mar dos Suevos, depois de destronizada a navegação no Mar Mediterraneo. Foi no seculo 14 que a Dinamarca se encontrou, entre os mares decisivos — o Mar do Norte e o Mar Baltico — na mesma situação-chave que hoje a Inglaterra entre o Mar do Norte e o Oceano Atlantico. A Dinamarca achava-se então sob o dominio do rei tenaz Waldemar IV que tentou valer-se da favoravel posição geographica para o fortalecimento de sua influencia. Como adversaria, tinha pela frente a Hansa. Esta lhe lançou um desafio. A esse desafio Waldemar IV respondeu com uma elacota em forma de uma quadrilha em rimas. Entretanto, a Hansa saiu victoriosa da luta por um commercio marítimo pacifico. Veio então a era que se caracterizou pela pirataria dos „irmãos vitalianos“. Esta prejudicou muito a Hansa que procurou proteger-se mediante organização de comboios — ora, justamente a reunião de navios mercantes sob a vigilancia de vasos de guerra. O revide da Dinamarca foi habil, pois esta impediu que a Hansa exercesse desembaraçadamente o dominio dos mares.

Assim é que a expressão comboio marítimo (ou navegação escoltada) é originaria da era hanseatica, e os hanseaticos chamavam os navios de guerra, especialmente construidos para a defesa dos seus barcos mercantes, navios de comboio. Hamburgo, por exemplo, construiu os dous famosos navios de comboio „Imperador Leopoldus“ e „Escudo de Hamburgo“ que, este, prestou bons serviços sob o experimentado almirante Karpfanger.

Prova-se por ahi — e com isto voltamos ao nosso thema propriamente dito — pela primeira vez, que a escolta sempre se torna necessaria — e só então! — quando o dominio marítimo não mais for incontestado. Já na Grande Guerra, os ingleses chamaram os submarinos e cruzadores mercantes teutos de „corsarios“, julgando poder diffamalos com isso. Mas constituiu um titulo honorifico, pois elles moviam uma guerra economica legal.

Foi sempre a potencia em ascensão que teve de mover a guerra economica; a potencia dominante tinha de defender-se, mesmo que tivesse provocado a guerra economica. Esta potencia será mais seguramente succedida, se conseguir destruir a frota inimiga ou então banila completamente dos mares. Se não puder fazelo, terá de socorrer-se de combinações auxiliares. Agora são os ingleses que se encontram desempenhando esse papel passivo de fazer escoltar navios mercantes.

Na época em que a Inglaterra estava tratando de escalar a posição de dominio marítimo, a cousa tinha outro aspecto. Naquelles tempos eram os ingleses os „corsarios“ dos mares, que consideravam tão nobre o seu negocio, que ninguém menos que a rainha Elisabeth se associou ao mais celebre dos piratas ingleses, Sir Francis Drake. O que mais correspondia ao gosto dos ingleses era sequestrar as frotas hespanholas carregadas de prata que regressavam do Mundo Novo.

Com isto matavam dous coelhos numa só cajadada: prejudicavam a Hespanha o quanto lles era dado e ao mesmo tempo se locupletavam dessa forma.

Durante muito tempo, a luta em torno dos comboios (no inicio do seculo 17) era o ponto capital de todas as occurrencias navaes. Essa guerra de capturas era a causa de verdadeiras batalhas navaes, como, por exemplo, lá para fins do seculo 17, ao ferirse a primeira batalha naval das guerras revolucionarias francezas, provocada em defesa de um comboio marítimo que devia conduzir cereaes norte-americanos para a França. Todos os adversarios da Inglaterra — holandeses, hespanhóes e francezes — travaram conhecimento com os metodos de apresamento da Bretanha que ascendia á posição de predominio dos mares. Naquella época, os ingleses se orgulhavam por lles ser dado impôr aos seus adversarios a forma de navegação irracional dos comboios. Não ha razão nenhuma por que se deva ver hoje as cousas através de outro prisma.

De resto, o passado mais recente fez surgir também comboios pacificos. Trata-se das expedições soviétrussas nos mares glaciaes e as viagens em torno da Siberia. Não temos ahi, porém, nenhuma frota inimiga contra a qual se tenha de proteger navios mercantes, sim, porém, uma força natural adversa, o gelo. Por conseguinte, os navios-escoltas também não são vasos de guerra, mas barcos quebra-gelo.

O comboio marítimo possui também um importante lado economico. Não apenas encarce o transporte, mas diminui ainda a capacidade de transporte do porão do navio. Praticamente, o comboio marítimo moderno, para o qual não mais basta, como nas épocas deantão, navegar á distancia, sob a vista, dos navios de guerra que o acompanhavam, mas, antes, bem infiltrado e com suas unidades juntas, se organiza da seguinte forma: O Almirantado Britannico indica o ponto de reunião do comboio, digamos Gibraltar. Alli os navios mercantes têm de se encontrar.

Cabe-lhes, portanto receber, primeiramente, o carregamento no porto de embarque, que poderá estar distante do ponto de reunião, para o qual os navios têm de viajar sem escolta. Alli permanecem, até que o comboio esteja completo. Alli se verifica a primeira longa pausa antieconomica, pois os comboios só podem partir com grandes intervallos, proximadamente duas semanas. Uma vez pronto o comboio, elle se compõe, quasi sempre, de navios de tamanhos e velocidades diversos. O navio mais vagoroso é o que indica a rapidez da viagem. Todas as unidades velozes perdem, por sua vez, tempo, e isso tanto mais quanto maior for a differença á mais de sua velocidade. Perde-se tempo, outrosim, porisso que um conductor inilhabil (em geral, os capitães de navios mercantes não estão habituados á navegação de conjunto, além disso a viagem também é difficultada pela disparidade das varias uni-

dades) faz com que se verifique confusão no comboio, e porisso que devem ser dadas voltas, afim de se desviar de vasos de guerra inimigos, e por se tornar necessario viajar em zigzagane, em momentos perigosos.

Ao chegar o comboio — dentro do qual os navios navegam escalados mais ao largo que a fundo — finalmente ao seu destino, perde-se ainda tempo com sua dissolução e em consequencia do abarrotamento dos ancoradouros e com a penetração de 20 ou mais embarcações. As vezes, alguns navios devem ser encaminhados, em viagem isolada, para outros portos. Sommando-se tudo isso, tem-se um prejuizo de tempo que, isoladamente considerado, varia, mas que, em todos os casos, é bem consideravel. Isso aumenta ainda as despesas e não apenas as ligadas ao transporte, mas também as originadas pela necessidade das organizações em terra, consideravelmente maiores que as exigidas para a navegação avulsa normal.

Mas ainda ha algo mais decisivo na absoluta dependencia da Grã-Bretanha de sua importação: O comboio marítimo diminui enormemente o rendimento do transporte. Segundo as experiencias da guerra mundial, deram-se reduções mesmo a razão de um terço. Se tomarmos por base os dados ingleses, segundo os quaes existem cerca de 12 milhões de toneladas brutas disponiveis em unidades de 3000 toneladas para cima, a execução rigorosa do systema de comboios marítimos tornaria, portanto, possível apenas um rendimento effectivo de 8 milhões de toneladas em aproveitamento normal. Isso representa para a Inglaterra um sério deficit, dado o balanço de tonelagem já por si assaz desfavoravel.

Seezufuhr — Landzufuhr

Die Auseinandersetzung zwischen Deutschland und Grossbritannien, soweit sie unter den Begriff „Wirtschaftskrieg“ fällt, geht darum, ob die Seeverversorgung der Landversorgung überlegen sei oder umgekehrt. Die Analogie des Weltkrieges ist nicht mehr gültig; dazu sind die äusseren Umstände zu verschieden und die Angriffs- und Verteidigungsmittel im Blockadekrieg zu stark entwickelt. Beide Länder sind auf die Zufuhr angewiesen — Grossbritannien in höherem Masse als Deutschland. Bis in die jüngste Zeit hinein galt fast unangefochten der Satz, dass eine starke Seemacht wie Grossbritannien die Zufuhr gegen eine nicht an der Fahrstrasse ge-

lativ gesunken. Da auch Deutschlands Anteil an der Welthandelsflotte in den letzten 25 Jahren einen Rückgang erfahren und Frankreichs Handelsflotte nur in geringem Masse zugenommen hat, verfügen im Herbst 1939 die drei kriegführenden europäischen Grossmächte zusammen über einen absolut und erst recht relativ geringeren Teil der Welthandelsflotte als im Jahre 1914. Daraus ergibt sich für das auf Seezufuhr angewiesene Grossbritannien bei der Führung des Wirtschaftskrieges die Notwendigkeit die neutrale Tonnage in der Hand zu halten und sie für die Belieferung des Vereinigten Königreichs zu verpflichten. Für Deutschland dagegen ergibt

der Hilfe zu bedienen, hatte Grossbritannien um die Jahreswende 1935—36 die Völkerbundsmitglieder gegen Italien aufgebieten und die „Sanktionen“ durchgesetzt, die den Italienern im Kampf gegen Abessinien die Zufuhr von Nahrungsmitteln und Rohstoffen sperren sollten. Es gelang, die italienische Einfuhr von 1935 auf 1936 um 22,5 vH. zu senken; die Ausfuhr stieg dagegen weiter, und zwar gegenüber dem Vorjahre um etwa 6 vH. Die Sanktionen mussten aufgehoben werden, und Italien füllte im Jahre 1937 die durch die Sanktionen gerissene Versorgungslücke durch eine gegenüber dem Jahre 1936 um mehr als 20 vH., gegenüber dem Jahre 1935 immerhin um etwa 5 Prozent erhöhte Einfuhr wieder auf. Hierbei ist übrigens die im Oktober 1936 vorgenommene 40prozentige Währungsabwertung berücksichtigt. Die Einfuhrsteigerung wäre noch grösser gewesen, wenn nicht zu jener Zeit — auf Grund der Lehren des ostafrikanischen Krieges — in Italien starke Autarkiebestrebungen sich durchgesetzt hätten. Obwohl man in der englischen Presse recht aufgeschlossene Betrachtungen über die gegenüber früher sehr viel unsicherere Seeverversorgung lesen konnte, ist der nach dem 3. September 1939 gegen Deutschland eröffnete Wirtschaftskrieg unter der Voraussetzung eingeleitet und geführt worden, dass die Überlegenheit der britischen Seemacht über die deutsche volle Gewähr für die laufende Zufuhr aus überseeischen Ländern bietet. Die britische Formel lautet: britische Seezufuhr zuzüglich Inlandsvorräte sind grösser als deutsche Landzufuhr zuzüglich Vorräte. Der Mann, der im Jahre 1936 gegenüber Italien so völlig falsch kalkuliert hatte, Herr Anthony Eden, hat Gelegenheit, sich entscheidend am zweiten britischen Versuch eines modernen Wirtschaftskrieges zu beteiligen. Die Ereignisse der ersten Kriegsmonate — oder eigentlich das Fehlen grosser Ereignisse an den grossen Befestigungslinien im Westen — bestätigen, dass Grossbritannien wähnt, den Krieg wirtschaftlich und dann auch politisch gewinnen zu können, ohne militärisch schwere Opfer zu bringen.

Die Kriege der letzten 20 Jahre waren nicht gross genug, um die Wirkung moderner Waffen auf Kriegs- und Handelsfahrzeuge erproben zu können. Im fernöstlichen Krieg ist China kein auch nur annähernd ebenbürtiger Gegner für Japan gewesen. Auch in Spanien wurde der Bürgerkrieg auf beiden Seiten nicht mit einem Einsatz, der mit den Luftstreitkräften der beiden sich jetzt gegenüberstehenden Parteien vergleichbar wäre, geführt. Der erste Kriegsmonat hat der deutschen Flugwaffe im polnischen Feldzug Erfahrungen gebracht, die dem Gros der Flieger des gegnerischen Lagers nicht zur Verfügung stehen. Er hat aber auch noch ein weiteres gebracht: eine recht erhebliche Vernichtung britischer Schiffsraums, die Durchsuchung zahlreicher neutraler Frachtschiffe auf Konterbande und die Aufbringung jener Fahrzeuge, die Waren der Sperrliste nach Grossbritannien zu bringen im Begriffe waren. Endlich hat er Kampfhandlungen zu verzeichnen, an die man noch vor wenigen Wochen nicht glauben wollte: erfolgreiche Flugzeugangriffe auf Kriegsschiffe des Gegners und die Vernichtung von Schiffen ohne wesentliche Verluste des Angreifers. Was Ende September den in einem Geschwader fahrenden britischen Kriegsschiffen in der mittleren Nordsee passierte, droht in noch viel stärkerer Masse den Begleitschiffen, die Grossbritannien den neutralen Schiffen bei den Transporten von Sperrwaren nach dem Vereinigten Königreich oder nach Frankreich zu stellen bereit und entschlossen ist. Man ist sich in den neutralen Ländern wohl bewusst, dass ein britisches Konvoi-Schiff den Beweis dafür bildet, dass Sperrware nach England ge-

Für die Ferien

Agfa ISOCHROM

Der neue Feinkornfilm für jedes Wetter

legene, an Seestreitkräften schwächere Macht werde schützen können. In den 25 Jahren von 1914 bis 1939 hat die Welthandelsflotte von etwa 49 Millionen auf mehr als 69 Millionen Tonnen zugenommen, also um etwa 40 vH. Grossbritanniens Anteil belief sich im ersten Jahre des Weltkrieges auf 19,3 Millionen, im Jahre 1939 auf etwa 18 Millionen Tonnen. Er ist also absolut und besonders re-

lativ gesunken. Da auch Deutschlands Anteil an der Welthandelsflotte in den letzten 25 Jahren einen Rückgang erfahren und Frankreichs Handelsflotte nur in geringem Masse zugenommen hat, verfügen im Herbst 1939 die drei kriegführenden europäischen Grossmächte zusammen über einen absolut und erst recht relativ geringeren Teil der Welthandelsflotte als im Jahre 1914. Daraus ergibt sich für das auf Seezufuhr angewiesene Grossbritannien bei der Führung des Wirtschaftskrieges die Notwendigkeit die neutrale Tonnage in der Hand zu halten und sie für die Belieferung des Vereinigten Königreichs zu verpflichten. Für Deutschland dagegen ergibt

bracht werden soll, und dass die Bedeckung die Gefahr der deutschen Aktion nicht mildert, sondern verstärkt. Das ist der Grund, warum die schwedische Regierung für die Schiffe ihres Landes den Konvoi durch Kriegsschiffe abgelehnt hat. Ist das Ergebnis der Blockade und der Gegenblockade, dass die neutralen Fahrzeuge sich weigern, für britische Rechnung Sperrwaren nach dem Vereinigten Königreich zu bringen, so ist die Lage für Deutschlands Gegner wesentlich anders als vor 25 Jahren, als die britische Kriegsmarine beträchtlich unangreifbarer war als heute, die eigene britische Handelsflotte grösser war und die neutralen Länder nicht jenen grossen Anteil an der internationalen Handelsflotte besaßen, den sie heute auf sich vereinen. Dass man sich seiner Sache in London doch nicht ganz sicher fühlte, ging aus den krampfhaften Bemühungen hervor, Sowjetrussland in die antideutsche Front einzuspannen. Wenn auch die militärische Hilfe, die man in London und Paris für die Polen erhoffte an erster Stelle gestanden haben mag: die Abschnürung Deutschlands von der Landzufuhr aus dem Osten war zweifellos eine wichtige Nebenabsicht. Sie ist durch den deutsch-russischen Nichtangriffs- und Konsultationspakt und durch die Zusammenarbeit der beiden Länder in Polen gründlich widerlegt worden.

Wie sich Grossbritanniens Zufuhr auch verlagern würde, der Seetransport — und sei es auch nur der über den Kanal — wäre unwiderruflich und unabänderlich die letzte Etappe; und dort würde er auf die deutsche Gegenblockade stossen. Dagegen hat Deutschland durch eine planmässige Politik die Wirtschaftsbeziehungen in den östlichen und südosteuropäischen Ländern so ausgestaltet, dass es unter den Ländern der Erde nicht nur weitaus an der Spitze des Wirtschaftsverkehrs (Einfuhr und Ausfuhr) steht, sondern für das wirtschaftliche Gedeihen dieser Länder schlechthin unentbehrlich geworden ist. Durch die Besetzung Polens, durch die nahen politischen und wirtschaftlichen Beziehungen zu den Donau- und Balkanländern sowie durch die jüngsten wirtschaftlichen Zusicherungen der Moskauer Räteregierung hat Deutschland für die laufende Lebensmittel- und Rohstoffversorgung Verlagerungsmöglichkeiten der Belieferung aus abgelegenen Gebieten auf solche mit gesicherter Landzufuhr erhalten. Soweit also das früher aus Argentinien und anderen transatlantischen Ländern eingeführte Getreide nicht mehr zur Verfügung stehen sollte, lassen sich aus den Ländern der unteren Donau, die eine fast so gute Weizen-, Gersten- und Maisernte gehabt haben wie im vorigen Jahre, die Einfuhren mühelos steigern. Als zusätzlicher Gerstenlieferant ist noch die Räteunion hinzutreten. Als Reislieferant hat Italien derart an Bedeutung gewonnen, dass bei einiger Einschränkung die Einfuhr aus Hinterindien entbehrt werden kann. Der deutsche Butterbedarf lässt sich durch Inanspruchnahme derjenigen nordeuropäischen Lieferungen, die für Grossbritannien bestimmt waren, und die Deutschland auf Grund der britischen Konterbandeliste nicht nach Grossbritannien hineinlassen wird, über dasjenige Mass hinaus befriedigen, das zunächst auf Grund der inländischen Produktion für die Versorgung verfügbar ist. Auch Sowjetrussland hat Butterlieferungen zugesagt. Gleiches gilt für Eier, die nach Sperrung der Ausfuhr nach Grossbritannien in den nord- und osteuropäischen Ländern in grossen Mengen auf Absatz warten werden. Dass auch im Raum der unteren Donau grosse Posten Eier erhältlich sind, hat das Erscheinen rumänischer Eier während der letzten Monate auf dem deutschen Markt gezeigt. Etwas schwieriger wird es werden, bei der Räteunion sowie den vorderasiatischen Ländern in grösseren Posten Baumwolle und Wolle zu erhalten. Da aber die Zellwollproduktion in raschem Aufblühen begriffen ist, wird sich auch hier — bei den bekannten Einschränkungen des zivilen Bedarfes im Reich — die vorzügliche Versorgung ermöglichen lassen. Oelfrüchte werden in gewissem Umfang aus Ost- und Südosteuropa verstärkt angeliefert werden können. Dazu kommt, dass die Beförderung mandschurischer Sojabohnen zu erschwüngen Rückfrachtsätzen auf der sibirischen Bahn in Aussicht gestellt worden ist. Für die Eisenerzeugung kommen — soweit die deutsche Erzeugung, noch nicht auf vollen Touren läuft — verstärkt Schweden und Norwegen, in etwas geringerem Umfang auch Jugoslawien in Betracht. Auch hat sich die deutsche Eisenerzausstattung durch die Inbesitznahme des polnischen Erzgebietes von Kiele gebessert. Ein erheblicher Teil der bisherigen überseeischen Einfuhr an Nichteisenmetallen lässt sich nach den Südostländern (Rumänien, Jugoslawien, Bulgarien, Griechenland und der Türkei) sowie nach Sowjetrussland verlagern. So hat die räterussische Kupfererzeugung in den letzten 10 Jahren eine Verdreifachung erfahren. Der deutsche Bedarf an Erdöl und Erdölprodukten liesse sich in einer Höhe von 4 bis 5 Millionen Tonnen allein aus der laufenden rumänischen Förderung decken. Dazu kommt die reiche Erdölproduktion in der Räteunion. Grossbritannien hat keine Ausweichmöglichkeiten — ausser in die Verbrauchseinschränkung. Ein Vergleich der Ein- und Ausfuhrzahlen der letzten Jahre zeigt, dass nennenswerte, d. h. den Bedarf von wenigen Monaten übersteigende Vorräte vielleicht in Nichteisenmetallen, in Baumwolle und in Erdöl vorhanden sein mögen, geringere Bestände in Kunstfettrohstoffen, Eiern und allenfalls in Holz, keine erheblichen Mengen jedoch in Weizen, Zucker, Butter und Käse Wolle und Eisenerz. Dass man auch in Grossbritannien selber der Ansicht ist, die Vorratswirtschaft in den letzten Jahren sei unzureichend gewesen und habe sich vor allem nicht genügend auf Lebensmittel erstreckt, ist Gegenstand lebhafter Klagen der Londoner Presse. In der Frage, ob die britische Seezufuhr der deutschen Land-

zufuhr überlegen oder gar unterlegen sei, hat sich in den letzten Wochen in der neutralen Presse ein bemerkenswerter Umschwung vollzogen. Es mehren sich die Stimmen, dass

eine Aushungerung Deutschlands ausgeschlossen sei, dass aber Grossbritannien ernste Versorgungsstörungen zu gewärtigen habe. Walther Croll

Grenzen der englischen Seeherrschaft

Es liegen eine Reihe von Anzeichen dafür vor, dass in England Sorge besteht, dass auf die Dauer der zur Verfügung stehende Schiffsraum nicht ausreicht, um die Gewähr für eine einwandfreie Versorgung Grossbritanniens mit lebenswichtigen Wirtschaftsgütern sicherzustellen. Der Grund mag vor allem darin liegen, dass England heute einen Tonnagebestand an Handelsschiffen hat, der um rund 300.000 BRT geringer ist, als im Jahre 1913, um weitere 200.000 BRT bereits jetzt durch Versenkung durch deutsche U-Boote verringert wurde, dass seine Einfuhr aber in der gleichen Zeit erheblich gestiegen ist. Da ausserdem das Durchschnittsfrachtschiff heute erheblich grösser ist als vor dem Weltkrieg, so ist die Anzahl der englischen Frachtschiffe, da ja der Tonnageraum grösser ist, heute gleichfalls erheblich geringer als im Jahre 1914. Damals hatte England an leistungsfähigen Frachtschiffen 2813 Einheiten gegenüber 1740 Einheiten im Jahre 1933. Die letzte Zahl mag sich inzwischen etwas, jedoch keineswegs erheblich, erhöht haben.

Im Gegensatz zu dieser Verringerung der Handelstonnage stieg die englische Einfuhr von 56 Millionen Tonnen im Jahre 1913 auf 75 Millionen Tonnen im Jahre 1937. Die Einfuhr ist also um 34 v. H. gestiegen, während sich die englische Tonnage im gleichen Zeitraum verringerte. Es ist daher kein Wunder, wenn England in den letzten Jahren, allerdings ohne Erfolg, sich bemüht, eine Reserveflotte von Handelsschiffen, die nur im Kriegsfall eingesetzt werden sollte, zu schaffen. Aus allen diesen Gründen bemüht sich Grossbritannien, die Reeder neutraler Länder dafür zu gewinnen, ihre Schiffe in den Dienst der Versorgung Englands zu stellen.

Gerade die letzten Meldungen haben jedoch gezeigt, dass England hierbei immer wieder auf Schwierigkeiten stösst. Einmal steigen die Frachtraten bis ins Uferlose, nicht nur wegen der hohen Kriegsrisikoprämien, sondern vor allem auch aus Angst der Reeder vor Totalverlusten als Folge der deutschen Gegenblockade, dann aber ist es in vielen Fällen auch bei den höchsten Raten nicht einmal möglich gewesen, überhaupt Schiffsraum für die Fahrt nach England zu erhalten. Es besteht durchaus die Tendenz, dass sich die neutrale Schifffahrt aus den Gewässern, die durch Kriegsschiffe besetzt und durch Minen verseucht sind, zurückzieht und lieber in den Weltmeeren fährt, wie im

Pazifik, in denen sie, wenn auch zu kleineren Raten, mit weniger Risiko ihren Geschäften nachgehen kann. Wenn es der britischen Regierung nicht einmal gelungen ist, zu erreichen, dass ihre eigenen Schiffe die festgesetzten Höchstfrachten einhalten, so werden sie kaum die Möglichkeit haben, zu einigermassen tragbaren Bedingungen, wenn überhaupt, die Tonnage der neutralen Länder in grösserem Umfang für die Versorgung einzusetzen. Die Leistungsfähigkeit der 15,5 Millionen BRT grossen englischen Tonnage wird noch dadurch verringert, dass bei der Fahrt nach dem Osten immer mehr, anstatt durch das Mittelmeer zu fahren, die Schiffe den weiten Weg um das Kap nehmen. Der Transport der Waren dauert natürlich beträchtlich länger. Das gleiche gilt auch bei dem sogenannten Konvoisystem, denn eine von Kriegsschiffen begleitete grössere Anzahl von Frachtschiffen kann sich natürlich nur sehr langsam vorwärts bewegen. Auch hierdurch wird die Leistungsfähigkeit der Flotte sehr geschwächt.

Bereits an diesen wenigen Beispielen ist zu erkennen, dass die englische Eigenversorgung keineswegs unbeschränkt durchgeführt werden kann, sondern dass auch hier sich erhebliche Schwierigkeiten zeigen, die um so grösser werden, je mehr Schiffe durch deutsche U-Boote versenkt werden. Allein im Weltkrieg hat England 2479 Schiffe verloren, also beträchtlich mehr als heute der Zahl nach die englische Handelsflotte gross ist.

Nach den letzten deutsch-russischen Wirtschaftsabreden liegt ein Vergleich nahe, der zeigt, dass Deutschland nach Osten hin ein praktisch unbeschränktes Hinterland für seine eigene Versorgung zur Verfügung hat und dass der Gütertausch auf der Ostsee, die unter deutschem Schutz steht und sich der englischen Blockade zu entziehen vermag, bereits ein grösserer Schiffsverkehr herrscht als auf der Nordsee. Viele Schiffe sind bereits von der Nordsee auf die riskosere Ostsee abgewandert, sie alle fallen auch für Englands Versorgung vollkommen aus. So entsteht der Eindruck, dass sich langsam um Grossbritannien herum ein Vakuum neutraler Schifffahrt bildet. Ueber diese Entwicklung Gedanken, wogegen Deutschland und die neutralen Länder immer mehr die Grenzen erkennen, die der englischen Seeherrschaft gezogen sind.

gierung, den Verlust des für die Kriegsführung unbedingt notwendigen Industriegebietes in Rundfunksendern grosser Länder als „strategischen Rückzug“ und womöglich als polnischen „Erfolg“ darzustellen, dann weiss man eigentlich nicht, was auf dem Gebiete der Propaganda bzw. der Verhüllung der Wahrheit noch weiter geschehen wird. Mir scheint, dass heute noch mehr als im Weltkrieg jedes vom Kriege nicht direkt betroffene Land die Verpflichtung hat, die Thesen und Auffassungen der kriegführenden Länder durch die Presse in einer Form zur Kenntnis der öffentlichen Meinung zu bringen, die eine wirkliche Urteilsbildung ermöglichen. Nach deutscher Auffassung kann ein Zweifel darüber nicht bestehen, dass die englische Politik diesmal den Krieg wollte und seit dem Frühjahr planmässig Polen in die Hölle des Zusammenbruchs gejagt hat, obwohl ihr klar sein musste, dass es keine Möglichkeit gab, diesem voreilig und zu seinem Verhängnis „garantierten“ Land rechtzeitig Hilfe zu bringen. Polen war auch bald „abgeschrieben“ — und nun?

Was stand zwischen Deutschland und Polen seit 1919? Das neue Polen war durch deutsche Waffen im Weltkrieg befreit worden. Diese Befreiung hat es mit Undank gelohnt. Es hat die Periode zeitweiser deutscher Ohnmacht in massloser Ueberschätzung seiner Kräfte dazu benutzt, in Versailles nicht nur „unzweifelhaft polnisches Land“, sondern darüber hinaus auch grosse Teile einwandfreien deutschen Landes an sich zu reißen. Dieser schwere Irrtum wurde nunmehr von der Geschichte revidiert. Denn die Geschichte kennt besser als heutige Staatsmänner gewisser Länder den Begriff der „Gerechtigkeit“. Die Methode der friedlichen Mittel hat sich nicht anwenden lassen. So blieb schliesslich nach der polnischen Provokation nur das übliche Mittel, mit dem, solange die Welt steht, die Geschichte ihre Revisionen vollzieht. Diese deutsch-polnischen territorialen Fragen waren das letzte grosse Problem, das Versailles noch offen gelassen hatte. Das „Scheusal von Versailles“ ist tot.

Ueber die deutsch-polnische Auseinandersetzung hinaus haben England und Frankreich Deutschland angegriffen, weil sie angeblich der „Freiheit und Gerechtigkeit“ dienen wollen. Dazu muss nach ihrer Auffassung das deutsche nationalsozialistische Regime und im besonderen die Person des deutschen Führers selbst vernichtet werden. Umgekehrt ist das Ziel Deutschlands, so unabhängig, so gross und so stark zu werden, dass durch diesen Faktor und durch die Freundschaften, die das deutsche Reich besitzt, eine neue europäische Ordnung entsteht, die Europa endlich wieder einen wirklichen Frieden gibt. Alles, was von deutschen Gewaltplänen gegen die Staaten des Südostens oder womöglich gegen neutrale Staaten des Westens gefaselt wurde, hat sich als falsche Propaganda erwiesen. Das Hirngespinnst deutscher Angriffsabsichten auf den amerikanischen Kontinent wird heute kaum noch aufrecht erhalten. Es bleiben im wesentlichen die Vorwürfe wegen der Methoden, durch die Grossdeutschland geschaffen worden ist. Der englische Premierminister selbst hat dem deutschen Führer Lüge und Wortbruch in den einzelnen Etappen der Aufrichtung Grossdeutschlands vorgeworfen.

Es wird nicht schwer sein, eine deutsche Antwort zu diesen aus Enttäuschung und ohnmächtigem Hass geborenen Vorwürfen zu geben. In Wahrheit ist Deutschland zu seinen Methoden durch die Politik der Westmächte gezwungen worden und hat nichts zu bereuen. Die Geschichte wird feststellen, dass dieser jetzige Krieg zwar keine „Revanche für Versailles“ ist — denn Deutschland hat immer wieder ehrlich versucht, auf friedlichem Wege sich von den unerträglichen Bindungen des Friedensdikates zu befreien —, wohl aber die klare Folge der kurzsichtigen Handlungen der Sieger 1918-19 und nachher. 25 Jahre sind geschichtlich gesehen eine kurze Zeit. Der Nationalsozialismus, der Deutschland einte und alle inneren Schranken beseitigt hat, gab dem deutschen Volk die Kraft, eine dunkle Vergangenheit für immer abzuschliessen.

Und die Zukunft? Englische und französische Stimmen haben sich alsbald erhoben und der staunenden Mitwelt ihre „Patentlösung“ mitgeteilt. Sie finden als Lebensform für Deutschland nach dem immer noch erwarteten Siege seiner Gegner die gezwungene Rückkehr zu dem System der Einzelstaaten, zu der Verhinderung eines einigen, grossen, germanischen Blocks zum Lokalpatriotismus früherer Jahrhunderte. Sonst hätte man leider immer mit dem Geist Friedrichs des Grossen, Bismarcks oder Wilhelms II. zu rechnen. Wie falsch ist dies alles gesehen und wieviel Urteile müssen noch durch die harten Tatsachen berichtigt werden!

Nach dem militärischen und politischen Zusammenbruch des polnischen Staates hat der Krieg nur dann einen Sinn, wenn England und Frankreich ihn mit dem klaren Ziel führen, Deutschland zu besiegen und dauernd zu schwächen. Freiheit und Gerechtigkeit hat mit dieser machtpolitischen Zielsetzung nichts zu tun. Gerechtigkeit müsste nämlich auch für Deutschland Geltung haben und das, wozu es im Osten Europas gekämpft hat, ist nichts anderes als ihre Wiederherstellung. Und die Freiheit? Nicht nur Deutschland, sondern auch eine grosse Zahl anderer europäischer Staaten wollen frei werden von dem unerträglichen Druck, der sich von Westen her ihrer freien Entfaltung entgegenstellt. Deutschland, das grosse einige und kraftvolle Deutschland, steht nach der Niederwerfung Polens erst recht unbesieglich da. Der Krieg kann den Westmächten keinen Erfolg bringen. Deutschland bedauert, dass Frankreich sich in ein aussichtsloses Unternehmen hat hineinziehen lassen. Für alles Leid, das kommen sollte, trägt England die Hauptverantwortung!

Um ein neues Europa

Von Staatssekretär a. D. Fehr. v. Rheinbaben

Es kann nicht anders sein, als dass sich alle denkenden Menschen in den vom Kriege nicht betroffenen Ländern unter einer Flut von widersprechenden politischen und militärischen Meldungen Gedanken darüber machen, welches die wahren Gründe für den Zusammenbruch der Bemühungen um die Erhaltung des Friedens gewesen sind. Noch wichtiger als das ist die Frage nach Sinn und Ziel der blutigen Auseinandersetzung, die am 1. September begonnen hat. Ich werde versuchen, die Auffassung zu beiden Fragen in der Form einiger Ueberlegungen wiederzugeben, wie sie ein Deutscher anstellt, der sowohl in den Jahren vor 1914 als auch unterbrochen bis 1939 Gelegenheit hatte, die Entstehung und den Aufmarsch der der Frieden gefährdenden Kräfte in Europa fortlaufend zu verfolgen.

Warum blieb der Frieden nicht erhalten und warum hatten alle wohlgemeinten Vermittlungsversuche keinen Erfolg?

Fern sei es von mir, hier in die Einzel-

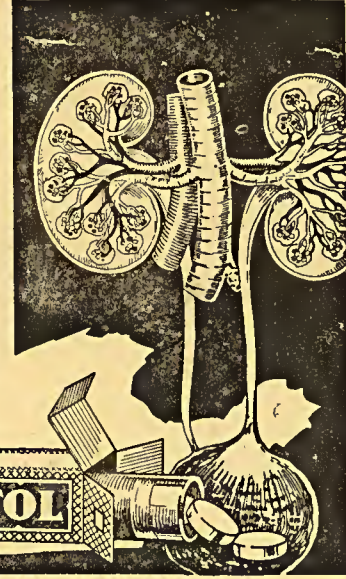
heiten der heute überall in der Welt angestellten Erörterungen der Vorgänge der Vorgänge in den letzten Tagen vor dem 1. September bzw. 3. September einzutreten. Die Weissbücher der Gegner sind erschienen. Sie sprechen ihre klare und durch keine „Propaganda“ wegzuleugnende Sprache. Auch die Zeitungen der neutralen Länder haben die diplomatischen Dokumente veröffentlicht, dazu die Reden und Aufrufe der Staatsmänner. Ihre Presse wird auch in Zukunft, wenn sie die Neutralität ihres Landes unterstützen und es nicht unnötigen Gefahren aussetzen will, beide Seiten zu Worte kommen lassen müssen. Jeder, der will kann sich also eine objektive Ansicht bilden. Allerdings, der Wille dazu ist notwendig. Wenn es nach mehreren Tagen Kriegsführung und angesichts der unwiderleglichen deutschen Heeresberichte möglich war, die Einnahme wichtigster polnischer Festungen, das Zurückfluten der polnischen Armee in Unordnung und Auflösung, das Verlassen der Hauptstadt durch die Re-



Das Sieb ist
unbrauchbar
geworden!

Es ist nicht mehr imstande die überflüssigen Bestandteile zurückzuhalten.

Auch Ihre Harnwege könnten nicht mehr richtig arbeiten und das Blut muß dann die Nierenfilter passieren, ohne genügend gereinigt zu sein. Machen Sie deshalb von Zeit zu Zeit eine innere Desinfektion mit HELMITOL-Tabletten. Ihr Arzt wird Ihnen die Richtigkeit dieses Rates bestätigen. Denken Sie daran, daß man Gesundheit und Kraft durch eine Desinfektion der Harnwege mit HELMITOL-Tabletten leicht wiedergewinnen kann.



VIGOR-MILCH

Die beste Milch in São Paulo

S. A.
Fabrica de Productos
Alimentícios "VIGOR"

Rua Joaquim Carlos 178
Tel.: 9-2161, 9-2162, 9-2163

Aços Roechling

Der gute deutsche Stahl!



Qualitätswerkzeuge!



Eigene Härtestube
mit modernsten Einrichtungen zur Verfügung unserer
Kundschaft!

Aços Roechling Buderus do Brasil Ltda.

São Paulo

Rua Augusto de Queiroz 71-103

Rio de Janeiro

Rua General Camara 136

Porto Alegre

Avenida Julho de Castilho 265

Vertretungen in Brasilien:

Curityba - Belem do Pará - Belo Horizonte
Bahia

In anderen südamerikanischen Ländern:

Buenos Aires Montevideo
Santiago de Chile

Wer sein Geld stets in der
Tasche trägt, gibt es aus.

Legen Sie jeden Monat nur
einen kleinen Betrag auf

Sparkonto

an, so erleichtern Sie sich das Sparen,
und das zurückgelegte erhöht sich um
Zins- und Zinseszinsgewinn.

Banco Germanico

da America do Sul

São Paulo

R. Alvares Penteado 121 (Ecke Rua Quitanda)
Rio de Janeiro, Rua da Alfandega 5
Santos, Rua 15 de Novembro 114

"Zum Hirschen" Hotel und Restaurant

Rua Victoria 186 — Tel. 4-4561
São Paulo Inh.: Emil Russig

Anzüge

macht gut und billig

Henrique Dietsch

Av. S. João 345 - App. 2 - Tel. 4-3196

Adolpho E. Müller & Cia.

Flor. de Abreu 172 Caixa postal 712
Telefon 4-2617

Generatoren für Gleich- und Wechselstrom — Elektro-
motoren für alle Zwecke — Ventilatoren — Werkzeug-
maschinen — Hebezeuge — biegsame Wellen usw. —
Zubehör für elektrische Kühleinrichtungen.

Farbstark — durch
höchsten Farbgehalt

... das bietet der Copier CASTELL von
A.W. Faber. — Der CASTELL gleitet zü-
gig — man schreibt also schnell und ohne
Ermüdung. Die haltfesteste Schriftspur
ist schwer radierbar und rechtsgültig.

ERKENNUNGSZEICHEN:

Die goldene Waage auf grünem Stift.

Copier
CASTELL

für rasche, klare Schrift, zum schnellen,
rechtsgültigen Unterscheiden, für Statist-
tik und Organisation, für Revision und
Korrektur und das flotte, zügige Diktat.

A.W. FABER CASTELL

Schreibkultur



AO PINGUIM

RESTAURANTE: AV. SÃO JOÃO 128
E TAVERNA: RUA ANHANGABAHU, 2

H. Hillebrecht

São Paulo

Telefon:

Bar 4-5507

Gruta 4-2626

Ausgezeichnete Küche Jeden Sonnabend: Feijoada completa
Allabendlich Künstlerkonzert, 7-1 Uhr; Sonn- u. Feiertags: Frühkonzert

Sturmfahrt der „Tinto“

F. W. FLEISCHER / Verlag Gerhard Stalling, Oldenburg i. O.

(Schluss.)

Den ganzen Tag über und auch in der Nacht tobt ein Höllenkonzert in unserem Hörer. Wolf, der den Apparat nicht eine Sekunde verlässt, meldet: englische Kreuzer, Dampfer, Linienschiffe. Alle funkeln durcheinander. Ein ganzes Geschwader scheint auf dem Marsch, kaum 50 Seemeilen ab, so schätzt Wolf. Eine grässliche Spannung; man möchte am liebsten den Hörer weglegen und nichts, gar nichts mehr hören. Niemand geht schlafen. — Endlich dämmert der Tag herauf — immer noch Windstille. Wir versuchen, mit allen seglerischen Künsten und meteorologischen Ueberlegungen herauszukommen aus der fatalen Lage, aber es ist vergebens. Wir schlagen nur einen grossen Kreis und landen am Abend auf derselben Stelle. Viele Dampfer ziehen an uns vorbei, aber sie schrecken uns nicht mehr, denn jeder schlägt einen Haken, sobald er in unsere Nähe kommt. Nur ein Kriegsschiff oder ein Hilfskreuzer darf uns nicht erwischen in dieser Flaute — dann ist mit unserer Odyssee Schluss. Brüllend laut sind die englischen Kriegsschiffe im Hörer, und voller Sorge suchen wir unaufhörlich den Horizont ab. Wir atmen auf, als es endlich dunkel wird und eine leichte Brise einsetzt.

DURCHBRUCH

Hei, am 22. März kräftiger Südwest! Jetzt gilt es, den Durchbruch zu wagen, mitten zwischen Färöer und Island hindurch. Alles, was wir an Segel haben, wird gesetzt, und unsere „Tinto“ läuft schnaubende Fahrt. Das Wetter ist günstig wie nie. Schneetreiben, achterliche See. Alle Mann an Deck sind voll gespannter Erwartung. Die letzten Vorbereitungen werden getroffen, alle Rettungsboote sorgfältig ausgerüstet, Schwimmwesten und Rettungsringe klargelegt. Jeder hat seinen Posten. Nach allen Seiten wird scharfer Ausguck gehalten.

Hundertundfünfzig Meilen schaffen wir am ersten Tage. Der Wind nimmt noch zu an Stärke, Schneesturm. Uns ist es recht; unsere „Tinto“ muss jetzt alles hergeben. Alle Segel bleiben stehen, die Masten und Rahen stöhnen unter den dahinfegenden Böen, der

Schneesturm heult in der Takelage. Eine pechschwarze Nacht hüllt uns ein, eine richtige Torpedobootsnacht. So ist auch die Stimmung an Bord, jeder steht auf dem Sprung klar. „Tinto“ gibt ihr Alles her, Bestes her, es ist, als ob sie mit uns fühlt: heut oder nie! In dem Hörer tobt der Funkverkehr der Engländer, immer wieder ruft Wolf: „Da muss einer in Sicht sein.“ Die Ausguckposten verdoppeln, verdreifachen ihre Aufmerksamkeit, nichts wird gesichtet. Deutlich sind an der Lautstärke die einzelnen Bewachungslinien zu unterscheiden, zwischen denen wir hindurchpreschen. Wir preisen den Schneesturm, der uns ihren Blicken entzieht. Um Mitternacht haben wir die schmalste Stelle und damit auch den nördlichsten Punkt unserer Reise erreicht. „Hart Steuerbord!“

vollen Segeln einzulaufen! Der Plan wird im Ernste erwogen und die Gemüter erhitzen sich. Aber dann siegt die Vernunft; der kürzeste Weg ist der richtige, und wer weiss, welche Gefahren von U-Booten und Minen uns in der Nordsee drohen. Niemand von uns kennt die Kriegführung daheim. Vermessene Gedanken hebt euch hinweg! — Wir steuern weiter: Kurs Kristiansund.

Am 25. März vormittags meldet der Ausguck von oben: „Zwei Dampfer voraus in Sicht.“ „Norwegische Bark Eva“, tönt der Ruf überall. Es kommt Leben ins Schiff, alles rennt durcheinander, holt seine Schilder und bringt sie an der Bordwand und am Heck aus. Aus der „Tinto“ wird die norwegische Bark „Eva“. Am Heck weht stolz die norwegische Flagge, und zu beiden Sei-

Confeitaria

Aeltestes und
vornehmstes Haus

Tel. 4-9230 - RUA BARÃO DE ITAPETININGA 239 - S. Paulo



Viennense

Nachm. und abends
gutes Konzert

und „Herum die Rahen!“ Kurs auf das Festland! Ein beseligender Gedanke: das Festland!

Die Nordsee nimmt uns auf, wir kommen durch!

Bravo, treue alte „Tinto“! Du hast deine Schuldigkeit getan. Hundertsiebenundachtzig Seemeilen hast du uns in einem Tag der Heimat nähergebracht! — Die englischen Funkstationen werden schwächer, die Bewachungslinien scheinen hinter uns zu liegen.

Mit allen Segeln im Topp geht es weiter, hundertundfünfzig Seemeilen bringt uns der nächste Tag. Noch ein solcher Tag, und wir sind der ärgsten Gefahr glücklich entronnen. Wir werden fast übermütig vor Freude. Wie schön wäre es doch, mit unserer „Tinto“ ganz in die Heimat durchzubrechen, und in Kiel oder Wilhelmshaven mit

ten ist zu lesen: „Eva-Norge“. Die Rauchwolken kommen schnell näher, und die Dampfer scheinen Kurs auf uns zu halten. Das ist verdrückend. Abraham entert mit einem guten Glas auf. Plötzlich ruft er von oben: „Einer ist bestimmt ein Kriegsschiff!“ Lähmendes Entsetzen an Deck, schreckensbleiche Gesichter. Verd...!, so dicht vor dem Ziel. — Nun heisst es, keine Zeit zu verlieren. Im Nu gleicht das ganze Schiff einem Amcisenhaufen. Die Antenne und die Funkrah werden heruntergerissen und fliegen ausenbords, der Empfangsapparat wird schweren Herzens hinterher geschickt. Nichts darf uns als deutsches Schiff verraten. Die Loggbücher, die Bibliothek werden vergraben, alle Chronometer bis auf einen verstaut, und die Sextanten der Kadetten verschwinden unten im Schiff. Noch ein kurzer Blick über die

Reeling nach dem heranbrausenden Koloss an Steuerbord — kein Zweifel, ein grosses Kriegsschiff — dann verschwindet jeder in seinem Versteck, bis auf die für solche Fälle abgeteilte Besatzung, ausgesuchte Segelschiffsmatrosen in entsprechender Aufmachung. Wir harren der Dinge, die da kommen sollten. Das Herz klopfte bis an den Hals hinauf. Unsere aufgeregte Phantasie malt schreckliche Bilder: ein englisches Kriegsschiffboot kommt längsseit — grosse Untersuchung — dann werden wir aus unseren Verstecken herausgezerrt — hohnlachende Gesichter der Engländer, ein Prisenkommando kommt an Bord — Kurs Kirkwall! Aus ist der Traum von der Heimkehr! Nicht auszudenken! — Abraham und ich sitzen in unserer Klause und beobachten durch unser winziges Bullauge. Da braust der riesige Panzerkreuzer ganz dicht an uns vorbei, „Minotaur“, heisst er. Seinen vorderen Turm hat er ständig auf uns gerichtet. Jetzt wird wohl sofort bei ihm das Signal hochgehen, das wir so oft auf der „Dresden“ gesetzt: „Stoppen Sie sofort, ich schicke ein Boot.“ Um uns zu beschäftigen, packen wir ein paar unserer notwendigsten Sachen zusammen und horchen doch mit gespannten Sinnen nach oben an Deck, wo Richarz, Reumer und der Zimmermann stehen. Wir warten schon zu hoffen, dass sie vorbeifahren werden und uns ungeschoren lassen, aber da hören wir oben: „Sie drehen hinter uns auf!“ In atemloser Spannung öffnen wir einen Spalt unserer Klappe nach achtern. Auf dem Hilfskreuzer weht ein internationales Signal. Was besagt es? Unten wird nachgeschlagen und heraufgerufen: „Wie heisst das Schiff?“ Ganz langsam und pomadig, wie es so auf einem alten Segelkahn zugeht, trollt sich unser Zimmermann an die Flaggleine, holt die norwegische Flagge runter, steckt sie ab und schleicht erst mal unter Deck, um die Signalflaggen zu holen. Umständlich steckt er eine nach der anderen an und hisst unseren Namen: „Eva“, Langesund. Nach ein paar Sekunden geht ein neues Signal drüber hoch: „Welche Ladung?“ Da war nicht viel zu überlegen. Wir antworten: „In Ballast.“ Er ist noch nicht zufrieden. Neue Frage: Woher kommen Sie?“ Eine kitzlige Frage; hier hilft nur kalblütigste Frechheit. Wir müssen alles auf eine Karte setzen. Nur die Nennung

Dralle Birkenwasser
Die Rettung für
Dein Haar!

Zu den Mahlzeiten...



Ganz gleich ob zum Frühstück oder zum Abendbrot. Trinken Sie zu Ihren Mahlzeiten das vorzügliche

Malzbier da Brahma

MALZBIER DA BRAHMA ist Ihrem Organismus dienlich, jederzeit, zu jeder Stunde.

eines englischen Hafens kann uns retten. Der Zimmermann schleift seine Flaggen heran, fisst sie erst einmal umgekehrt, und dann weht unsere Antwort: „Birkenhead“ (Liverpool). In höchster Spannung erwarten wir sein nächstes Signal. Um uns ganz unverdächtig und harmlos erscheinen zu lassen, lässt Richarz durch ein paar Mann die Bramsegel festmachen, als berühre uns die Anwesenheit der Kriegsschiffe gar nicht. Der Hilfskreuzer fragt weiter: „Wohin fahren Sie?“ Wir geben „Kristiansund“ an, wie es mit unserem tatsächlichen Kurs übereinstimmt. Lange Zeit keine Antwort. Schier endloser Scheinwerferverkehr zwischen dem Hilfskreuzer und der „Minotaur“. Was mag der Hilfskreuzer ihm melden? — In unserem dumpfen Versteck können wir unsere innere Unruhe und Erwartung kaum noch zügeln, bis endlich Reumers frohlockender Ruf uns erlöst: „Jungens, die fahren ja los!“ Wir riskieren einen Blick — es ist wahr, die beiden Schiffe laufen mit hoher Fahrt von uns ab. Der Zimmermann läuft nach vorn und brüllt es hinunter in alle Räume: „Unten bleiben, alles gut, sie fahren weg!“ Ein Jubelgeheul antwortet ihm. Dreimal senkt sich unsere norwegische Flagge bis zur Reeling zu ehrfurchtsvollem Gruss gegen das meerbeherrschende Albion, und majestätisch erwidert „Minotaur“ unseren Gruss durch Dippen der Kriegsflagge. Verhaltener Jubel an Bord, denn noch sind sie zu nahe, unsere Widersacher. Aber dann, als sie im Schneetreiben aus Sicht kommen, da brechen aus den Verstecken die Schweregeprüften heraus, und ein Hurra nach dem anderen schallt hinter dem

überlisteten Engländer her. Unsere letzten, sorgsam gehüteten Schnapsflaschen werden aus den Rettungsbooten geholt. „Besanschoot an!“ schallt es über Deck, und jeder bekommt einen Schluck, sogar der Ausguckposten. Ein Freudentaumel erfasst das ganze Schiff.

Noch einmal werden wir am gleichen Tage in nicht gelinden Schrecken versetzt, als der Ausguck einen kleinen Kreuzer mit zwei Schornsteinen voraus, quer zu unserem Kurse, meldet. Schnell drehen wir ab und danken dem Schneesturm und der hereinbrechenden Nacht, die uns gnädig vor einem neuen Zusammentreffen bewahren.

— Ein schlimmes Wetter sucht uns heim, als wollte es uns den Weg zur rettenden Küste verlegen. Hagelböen, Schneetreiben und Regen wechseln sich ab in lieblicher Reihenfolge und dazu kommt eine schneidende, alles durchdringende Kälte. Bald überfällt uns ein Südweststurm, bald stürmt es aus Nordosten. Wir müssen zwischen zwei Minima stehen, die uns abwechselnd mit ihren Ausläufern beglücken. Ueberall leckt das Schneewasser durch die Kojen sind durchnässt, kein Mann kann vor Nässe und Kälte Schlaf finden. Immer wieder werden wir von den harten Stürmen zum Beidrehen gezwungen. Wir zermartern uns den Kopf, wie wir bei diesem schrecklichen Wetter an die uns gänzlich fremde Küste herangehen sollen. Stunden hindurch grübeln wir über unserer einzigen Karte — einer Ansteuerungskarte der Küste von Mittelnorwegen in grossem Massstab — welchen Hafen wir einigermaßen gefahrlos ansteuern können. In unserer Navigation sind wir ganz auf Schätzung und das Logg angewiesen, denn der Himmel ist verhangen mit schweren Schneewolken, kein Sonnenstrahl dringt mehr durch, und so ist kein Besteck zu bekommen.

Wir müssen es wagen und uns trotz unsicheren Standortes und des üblen Wetters heranzuhängen an die Küste, im Vertrauen auf unser Glück. Wir setzen Kurs ab auf Kristiansund und gehen nach unten, um uns mit einer Tasse heissen Kaffees etwas aufzuwärmen.

Plötzlich ein Laufen und Rennen an Deck, laute Rufe schrecken uns aus unserer Ruhe auf. Wir stürzen nach oben — da klingt uns der allseitige Jubelruf entgegen: „Land in Sicht, Norwegen ist da!“ Wir werden von der allgemeinen Begeisterung angesteckt und entern auf. Es ist so —, vor uns liegt die schneebedeckte norwegische Küste! Die Kadetten sind ausser sich vor Freude. Aber die erste Begeisterung verfliegt und macht wieder der ruhigen Ueberlegung Platz. Wir stehen also näher an der Küste heran, als wir nach unserem Besteck angenommen haben; aber es ist kein Anhalt zu gewinnen, vor welcher Einfahrt wir uns befinden, denn im nächsten Augenblick ist die Küste schon wieder im Schneesturm verschwunden. Was tun? In diesem Schneetreiben und Unwetter bei Einbruch der Nacht eine fremde, klippenreiche Küste anzusteuern, das wäre Wahnsinn. Wir entscheiden: zunächst einmal abhalten von der Küste und erst in der Nacht wieder umkehren, um die Leuchtfeuer auszumachen. Dieser Entschluss, von dem einmal gesichteten Land wieder abzuhalten, erzeugt einen Sturm der Entrüstung unter den Kadetten. Eine kleine Revolution bricht aus, und der älteste der Kadetten erscheint bei Richarz, um ihre Enttäuschung zur Sprache zu bringen. Nur mit Mühe gelingt es uns, ihn von der Notwendigkeit unserer Absichten einigermaßen zu überzeugen. In der Nacht machen wir kehrt und halten wieder auf Land zu. Ein Blinkfeuer kommt in Sicht; wir stellen es an Hand der Karte als Sulefener fest. Erst jetzt gewinnen wir einen Anhalt über unseren Standort: wir befinden uns mitten zwischen den Einfahrten von Kristiansund und Drontheim. Für Kristiansund stehen wir bei südlichem Wind viel zu weit nördlich. Wir halten auf das Feuer zu, um wenigstens einen Lotsen überzunehmen. In der Morgendämmerung halten wir uns in unmittelbarer Nähe des Leuchtturmes und brennen ein Flackerfeuer und Blaufeuer nach dem anderen ab, aber es ist vergeblich. Kein Lotse erscheint. Richarz fasst den Entschluss, in die Nord-

einfahrt von Drontheim einzulaufen, da diese nach unserer Karte noch am günstigsten und klippenfreiesten erscheint. Ein harter Entschluss — wieder müssen wir von Land abdrehen, das uns schon so greifbar nahe ist. Die armen Kadetten geraten in eine Art stumpfe Verzweiflung. Sie sind fast am Ende ihrer Kraft, todmüde, eiskalt und durchnässt. Am Nachmittag erreichen wir die Höhe von Haltenfeuer. Wir wollen auf die Einfahrt zudrehen, da springt urplötzlich der Südoststurm in Nordoststurm um. Unser ganzer Plan wird damit zunichte gemacht. Wir müssen erst aufkreuzen. In dieser Nacht erreicht unsere Niedergeschlagenheit den Höhepunkt. So kann es nicht weiter gehen. Uns ist nunmehr alles gleichgültig, was kommen mag; wir müssen aus dieser hoffnungslosen Lage heraus. Fest steht unser Entschluss: gegen Morgen wird um jeden Preis die Küste angesteuert, und wenn das Schiff dabei draufgeht. Nach Mitternacht drehen wir auf Haltenfeuer zu, trotz Schneesturm und Barometerstand. Ununterbrochen brennen wir, in die Nähe des Leuchtturms gekommen, Flackerfeuer als Lotsensignal ab. Keine Antwort. Bald sehen wir nichts mehr von dem Leuchtturm, so dicht wird der Schneefall, und es ist die höchste Zeit, abzudrehen, falls wir noch einmal Kehrt machen wollen. Richarz hält Kurs durch. Der Wind flaut leider immer mehr ab. Eben noch mit dem letzten Windstoss rutschen wir in der Morgendämmerung ganz dicht am Halten-Leuchtturm vorbei in die Einfahrt. Schlaft hängen die Segel herunter. Vor uns, an Steuerbord und Backbord donnert eine schwere Brau-

Werkzeuge
aller Art, beste Qualität, zu mässigen Preisen. — Ebenso reichhaltiges Lager in Haushalt-Artikeln, Garten-Geräten

FREDERICO WITTE
RUA DO SEMINARIO 81
TEL. 4-5237

Jorge Dammann
Deutsche Damen- u. Herrenschneiderei. Große Auswahl in nat. u. ausländ. Stoffen. R. Ypiranga 193, Tel. 4-2320

Josef Hüls
Erstklassige Schneiderei. — Mässige Preise. — Rua Dom José de Barros 266, 1.º etr., São Paulo, Telefon 4-4725

João Knapp
Klempner, Installation. Registr. Rep. de Aguas und Esg. — Rua Mont. Baffa-Iaqua 6. Telefon 7-2211.

Hugo Lichtenthäler
Rua Aurora Nr. 135

Ältestes deutsches Möbelhaus
Grosse Auswahl in kompl. Zimmern u. Einzeilmöbeln. Auch TAUSCH und KAUF von gebrauchten Möbelstücken

Deutsche Schuhmacherei
Rua Sta. Ephigenie 225
Ausführung aller ins Fachschlagenden Arbeiten
Hermann Radelsberger
(früher Heinrich Lutz)

Familienpension CURSCHMANN
Rua Florencio de Abreu 133, Sobr. (bei Bahnhof)
Telephon: 4-4094

Farben-Lacke-Pinsel

und alle übrigen Bedarfsartikel für Hausanstrich und Dekoration

Emilio Müller, R. José Bonifacio 114

Deutsches Farbenhaus Henrique Zuehlke & Cia.

S. Paulo, R. Christovam Colombo 1, Tel. 2-0671

Alleiniger Vertrieb der bekannten **TEMPEROL-FABRIKATE** (Lacke - Oelfarben - Lackfarben)

Reichhalt. Sortiment in: Pinseln, Buntfarben, Oelen, Schablonen und sonstigen Malerbedarfsartikeln.

KRANK?

Dann lassen Sie sich

homöopathisch

behandeln. — In dem

Dispensario Homöopathico São Paulo
Praça João Mendes 130

stehen Ihnen von 9—18,30 Uhr die besten homöopathischen Aerzte São Paulos

unentgeltlich

zur Verfügung. Denken Sie daran, dass jede leichte Erkrankung in eine schwere Krankheit ausarten kann. Die Homöopathie heilt auch in schwersten Fällen auf eine milde Weise und mit recht geringen Spesen.
(Neben der homöopathischen Apotheke Dr. Willmar Schwabe Ltda.)

DR. OTTO C. LEHMANN
RECHTSANWALT

Rua Boa Vista 116 - 5. Stock - Saal 518
Tel. 2-9981 SÃO PAULO

„Sublime“

die beste Tafelbutter

Theodor Bergander

Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

TECHNISCHE ABTEILUNG:

Krupp-Stühle zur Herstellung von Federn, Matrizen jeder Art, Drehstäble, WIDIA-Metall. Qualitäts-Schneidwerkzeuge, Bohrer, Schneidseilen, Fräser, Gewindebohrer usw., Messwerkzeuge jeder Art. Schleifsteine, Zirkel, Tournierzähler, Geodimeter, Mikrometer, Dampf-Armaturen wie Kondensstöpfe, Stahlbürsten, Dampfpumpen, KLINGERIT Dichtungsplatten, Zylinder-Schmied-Apparate, Tropföler, Manometer, Ventile, Wasserstandsgläser, Transmissionsgeräte, Lederriemen, Gummiriemen der bekannten Marken BULLDOG und O PODEROSO, Riemenverbinder, Lagermetalle, Riemenwachs, Holz- und Stahlriemen - Scheiben, Ringschmied-Lager, Kugellager. Glasscherer-Artikel wie Schmelztiegel, Graphit, Stahlbürsten usw. Mechanische Werkstätten-Werkzeuge und Zubehörscheiben Marke ALEGRITE, Schmirgel-Leinen und -Papier in Blättern und Rollen, Schweißapparate mit sämtl. Zubehör, Metallsägeblätter für Hand- und Maschinenbetrieb, Staufferbüchsen, Stahldraht-Seile, Drehbankfutter, usw. Galvanoplastik-Artikel wie Nickelanoden, Freischleifen, usw. Holzindustrie-Zubehör, Kreis- und Gattersäge-Blätter Marke HUNDEKOPF, Schmirgelpapier Marke RUBINITE, Bohrer usw. Eisenwaren-Abteilung: Klein-Eisenwaren und Werkzeuge aller Art, Feilen Marke „TOTENKOPF“ und „KRIEGER“, Bau- und Möbelbeschläge, Haus- und Küchengeräte, sanitäre Artikel, Fittings, Röhren, Bleche, Drähte, Schädlingsbekämpfungsmittel, Arsenik, Bleiseleniat Marke „BROMBERG“, Öl- und Trockenfarben, Zinkweiß, Leinöl usw. — Elektrische Abteilung: Drehtrommotoren und Dynamos in jeder Grösse. Isolierte Drähte und Kabel jeder Art für Hoch- und Niederspannung. Zählapparate, Voltmeter und Amperemeter, tragbar und für Schalttafeln. Elektrische Heiz- und Kochapparate, Bügeleisen und Lötkolben. Widerstandsdrähte für Heizapparate, Konstantan und Chromnickel. Material für Inneneinrichtungen und Freileitungen. Isolierrohre, Schalter in jeder Ausführung, Klingeln, Lampen, Leuchter, Sicherungen und Sicherungsdrähte aus Blei und Silber. Isolatoren, Blitzableiter und blanke Kupferdrähte. Anker-Isoliermaterialien, Presspan und Vulkanfaser in allen Stärken. Lacke, Lötpaste und Isolierband. Material zur Installation von Motoren. Sterndeck-Schalter, autom. Schalter und handbetätigte Schalter. Draht-Sicherungen. — Abteilung landwirtschaftl. Maschinen: Traktoren „LANZ BULLDOG“, Schleppergeräte, Pflüge, Pferdehacken, Sämaschinen „RUD. SACK“, Mähmaschinen und Heubereicher, „KRUPP“, Milchzentrifugen „LANZ“, Ameisensäure, Pflanzenspritzern, Dreschmaschinen, Windfegen, Futterschneider, Pumpen und sonstige zur Landwirtschaft gehörenden Geräte und Maschinen, Marken „BROMBERG“, „O PODEROSO“ und „COLONO“. — Öl-Abteilung: Öle für Automobile, Lastwagen und Traktoren. Öle für Dynamos, Motoren und Turbinen. Öle für allgemeine Maschinen-Schmierung. Öle für besondere Zwecke; Bohrlösl, Eismaschinen-Öl usw. Fette in allen Arten. — Maschinen-Abteilung: Maschinen für Eisen-, Blech- und Holzbearbeitung. Komplette Einrichtungen für jede Industrie. — Ingenieur-Abteilung: Fried. Krupp A. G., Gussstahlfabrik, Essen; Fried. Krupp A. G., Friedrich-Alfred-Hütte, Rheinhausen; Fried. Krupp Germania-Werke A. G., Kiel; Bleichert Transportanlagen G. m. b. H., Leipzig; Drahtseilfabriken, Rheinfelden; Maschinenfabrik Buckau R. Wolf A. G., Magdeburg; Lokomotiven, Dieselmotoren; Bayerische Maschinenfabrik F. J. Schläpfer, Regensburg; Gerberel-Maschinen.

BROMBERG & CIA.

SÃO PAULO
AV. TIRADENTES NR. 32

CAIXA POSTAL 756

TELEFON: 4-5151

Dr. Erich Müller-Carioba

Frauenheilkunde und Geburtshilfe
Röntgenstrahlen — Diathermie
Ultraviolettlampen

Kons.: R. Aurora 1018 von 2-4,30
Uhr. Tel. 4-6898. Wohnung: Rua
Groenlandia Nr. 72. Tel. 8-1431

Dr. G. H. Nick

Facharzt

für innere Krankheiten.

Sprechstunden täglich v. 14-17 Uhr
Rua Libero Badaró 73, Tel. 2-3371
Privatwohnung: Telefon 8-2263

Erwin Schmied

Dentist

Umgezogen nach

Largo Santa Efigenia 1

3. Stock, App. 32

(Eingang von der Brücke)

Sprechstunden

von 8.30—18.30 Uhr, Sonn-

abends: bis 12 Uhr mittags

Damen-Schönheits-Institut

„ELSE“

Dauerwellen (elektrisch u.
nicht elektrisch), Ondula-
tion u. Wasserwellen, Man-
iküre, Färben u. Massage

Rua Domingos de
Moraes Nr. 84-c
Telephon 7-5480

Die besten Schuhe

bekommen Sie nur

im bekannten

Casa Brasil

Damenschuhe

bis zur Nr. 40

Abfah. Louis XV., japani-
sche Form 40\$000, 45\$000
Das Haus, welches bestes
bedient und reelle Preise hat.

Rua Santa Efigenia 285

nahe der Rua Aurora

Vor
Annahme falschen Geldes

schützt der bargeldlose Zahlungsverkehr

Eröffnen Sie ein Konto beim

Banco Allemão
Transatlântico

RUA 15 NOVEMBRO 268

und zahlen Sie Ihre Rechnungen

per Scheck!

Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie
von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um
Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen
zu erleichtern.

Deutsche Färberei und chemische Waschanstalt

„Saxonia“

Annahmestellen: Rua Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396

und Fabrik: Rua Barão de Jaguará 980. Tel. 7-4264

Dres. Lehfeld und Coelho

Dr. Walter Hoop

Rechtsanwälte

São Paulo, Rua Libero Badaró Nr. 443,

Telef.: 2-0804 — 2. Stock, Zim. 11 — 16 — Postfach 444

... und Kuchen gibts auch!

Für alle Feinschmecker, ob groß

oder klein, ist Kuchen zum Fest

die Hauptsache und über einen

Oetker-Kuchen

freuen sie sich am meisten. —

Immer wohlgeraten, schön

lockend, schmackhaft und groß, ist

er stets von ausgezeichneter Bekömmlichkeit.

Wichtig! Sie brauchen zum Backen Dr. Oetker's "Backin" — Fermento

Allemão, Dr. Oetker's Vanillinzucker und "Gustlin"

feinster Maisstärke-Puder (in der blauen Packung).

Alleinhersteller für Brasilien:

WALTER HUSMANN - São Paulo - Caixa Postal 2599

Livraria Delinee

Aelteste deutsche Buchhandlung

Rua São Bento 541 - Caixa Postal 2-V São Paulo

Reichhaltigstes Sortiment. Bestellungen werden rasch

und gewissenhaft ausgeführt.

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente

und Zubehör, feinmechanische Werkstätten

OTTO BENDER

Rua Sta. Efigenia 80 - Telefon 4-4705

Zeichenmaterial A. Nestler, Lahr und Gebr. Haff,

Pfronten. - An- und Verkauf von gebrauchten

Vermessungsinstrumenten.

Deutsche Brombeeren

Bestellungen werden entgegengenommen

frei ins Haus - 5 Rilo - R\$. 15\$000

Rua Santa Efigenia 64 / Tel. 4-1087

Dr. Mario de Fiori

Spezialarzt für allgemeine Chirurgie

Sprechst.: 2-5 Uhr nachm., Sonnabends: 2-3.

Rua Barão de Itapetininga 139 - II. andar - Tel. 4-0038

Deutsche Automobile

Willi Hofang,

São Paulo

Caixa postal 3168 - Telef.: 4-2451 ou 4-3825

Deutsche Apotheke

In Jardim America

Anfertigung ärztlicher Re-

zepten, pharmazeutische

Spezialitäten - Schnelle

Lieferung ins Haus.

RUA AUGUSTA 2843

Tel. 8-2182

Deutsche Apotheke

Ludwig Schwedes

Rua Libero Badaró 45-A

São Paulo / Tel. 2-4468

ding über den spitzen zackigen Riffen. Haus-
hohe Dünnung und Strom treiben uns unauf-
haltsam auf die Klippen zu. Wir sehen den
Leuchtturm in greifbarer Nähe, können die
Menschen sehen und kleine Boote, die im
Innenhafen liegen, aber kein Lotsenboot kommt
uns entgegen, noch erhalten wir eine Antwort
auf unser Lotsensignal. In höchster Not ma-
chen wir alle Segel fest, um nicht den Un-
tergang noch durch eine plötzlich einsetzende
Böe zu beschleunigen.

Unser Schiff und unsere Habe ist verlo-
ren. Es heisst jetzt nur noch, das nackte
Leben zu retten. Richarz lässt alle Mann
wecken und an Deck kommen. Das Schick-
sal unserer braven „Tinto“ ist besiegelt. Ge-
lingt es uns, die Boote zu Wasser lassen, in
dem Augenblick wo die „Tinto“ auf den
Klippen festsetzt, dann können wir uns viel-
leicht noch retten. Blich werden die Gesichter
— wird „Tinto“ nicht beim ersten Anprall
von der schweren Brandung in Stücke zer-
schellen und uns alle mit hinabreißen in die
Tiefe? Werden wir in der Brandung über-
haupt ein Boot unbeschädigt zu Wasser las-
sen können? — minen näher rückt der Augen-
blick der Katastrophe, immer lauter und dro-
hender grollt die Brandung. Wir geben uns
verloren. — Da fährt ein ganz leichtes Kräu-
seln über das Wasser. Ein Windhauch aus
Norden, der einzige Wind, der uns retten
kann — ein letzter Hoffnungsschimmer. Wie
der Blitz ist der Besan gesetzt, ein ganz
schwaches Lüftchen fällt in das Segel, „Tinto“
nimmt Fahrt auf! Sekunden später erneut
ein tollkühnes Manöver: Halsen allein vor
dem Besan. Aber es gelingt trotz der schwe-
ren Dünnung. „Tinto“ kommt frei von den
Schären und schickt sich in das freie Fahr-
wasser. Im allerletzten Augenblick gerettet!
Es ist uns zu Mute, als seien wir zu neuem
Leben erwacht. Alle Hände fassen zu, im
Nu stehen alle Segel, und vor dem Wind
segeln wir ohne genaue Karte hinein in das
gänzlich unbekannte klippenreiche Fahrwasser.
Von Fischerbooten, die wir überholen, versu-
chen wir durch Zuruf einen Lotsen zu be-
kommen. Vergeblich — wir müssen auf un-
sere Stern vertrauen und uns an der Hand
des grossen Ueberseglers selbst den Weg
suchen. Ein navigatorisches Kunststück. Ge-
gen Mittag haben wir den ersten Teil des

Fjords, ohne zu stranden, glücklich hinter
uns. Jetzt biegt der Fjord scharf nach Osten,
wir brassen hart an. Immer enger und un-
übersichtlicher wird das Fahrwasser. Jetzt
gilt es, aufzukreuzen mit dem grossen Rah-
schiff im immer enger werdenden Fjord.
So manche Boje und Pricke erwischen wir an
der falschen Seite, es geht aber klar. Hart
geht es erneut um die Ecke nach Süden.
Noch im Drehen erkennen wir in einer Bucht
einen kleinen Dampfer mit norwegischer Flag-
ge. Wir setzen Signal: „Bitte Lotsen- und
Schlepperhilfe.“ Er antwortet mit: „Stoppen
Sie sofort!“ Er ist also anscheinend ein Re-
gierungsfahrzeug. Ein kleines Boot steuert
auf uns zu und ein Regierungslotse steigt an
Bord.

Ein paar Stunden später liegt unsere brave,
alte „Tinto“ im sicheren Hafen von Dront-
heim und ruht aus von den unendlichen Stra-
pazen des hundertfünfundzwanzigtägigen
Kampfes gegen Sturm und See. Ueber 12 000
Seemeilen hat sie über den Ozean zurückge-
legt.

Zwei Tage darauf gibt es an der Lan-
dungsbrücke in Warnemünde bei der Ankunft
der Gjedser-Fähre einen kleinen Anlauf. Eine
Rotte Männer stürmt über den Laufsteg an
Land, macht weder beim Zoll noch der Pass-
kontrolle halt und verblüfft die Zuschauer
durch ihre strahlenden Gesichter. Das sind
wir — die Offiziere der „Dresden“, die
dem grossen Haufen vorausgefahren. Wir
sind glücklich, wieder deutschen Boden unter
den Füßen zu haben und nehmen freudig
Glückwünsche und Händeschütteln entgegen.

— Vom Admiralstab nach Berlin befo-
hlen, erstatten wir dort eingehenden Bericht.
— Darauf ein kurzer Urlaub im Elternhause,
und dann geht es voller Begeisterung an die
Front in ehrenvolle Kommandos.

Wenige Tage später ist auch die übrige
„Tinto“-Besatzung in der Heimat und vollendet
bei der Matrosen-Division ihre militärische
Ausbildung.

Das heisserschte Ziel ist erreicht.

U-Boote an der Front

Zahlen aus dem Weltkrieg, die zu wenig bekannt sind

Wenn sich die deutschen Tauchboote aus
den heimatischen Gewässern, also aus dem
Schutz der Linienschiffe und Torpedoboote,
entfernt hatten, bargen sie immer Soldaten,
auf verlorenem Posten, Soldaten, die im Den-
ken und Handeln ganz auf sich selbst gestellt
waren und dabei eine ungeheure Verantwor-
tung trugen: Waren sie doch die Waffe,
von der die Heimat die Sprengung der Blok-
kade-Hungerkette um Deutschland erwartete
oder, was auf das gleiche herausläuft, —
die Waffe, von der Deutschland die Nieder-
zwingung des unerbittlichsten Gegners, Eng-
land, erhoffte. Es soll hier nicht der leiseste
Versuch gemacht werden, das Ge-
schwätz um die Frage des unbeschränkten
U-Bootkrieges um ein weiteres zu vermehren.
Wer sich ganz nüchtern sein Urteil bilden
will, dem ist das an Hand der Tatsachen
ohne jedes Wort einer streitsüchtigen Ausein-
andersetzung möglich.

Nach amtlichen englischen Quellen wurden
in den einundzwanzig Monaten des unbeschränkten
U-Bootkrieges 3600 Schiffe angegriffen,
und zwar 2930 durch Torpedos
und 742 durch Artilleriefeuer. Dabei sanken
2262 in die Tiefe des Meeres, 345 konnten
in schwerstbeschädigtem Zustand noch
einen Hafen erreichen, und 1065 kamen heil,
davon oder konnten sich schwimmend halten.
Das leisteten ungefähr 125 U-Boote, die 1917
eingesetzt werden konnten. Insgesamt stell-
te Deutschland während des Krieges 371 U-
Boote mit einer Gesamtzahl von 13 000 Mann
in Dienst. 199 — einhundertneundneunzig
— U-Boote kehrten nicht in die Heimat zu-
rück, 5126 Offiziere und Mannschaften sind
vor dem Feind geblieben auf ihrem verlorenen
Posten. Das Endziel haben die U-Boote nicht
erreicht, das heisst nicht bis zum 9. Novem-
ber 1918, bis ihnen die Waffen aus der
Hand geschlagen wurden.

England hat stets zugegeben, dass es in
kritischen Augenblicken der Jahre 1917 und
1918 nur um Wochen von der gleichen Aus-
hungerrung getrennt gewesen ist, die es
Deutschland aufzwang. Mehr als ein Drittel
der gesamten Weltflotte wurde von den U-
Booten in die Tiefe geschickt. Die amerika-
nischen Truppentransporte, die in buchstäb-
lich letzter Sekunde gegen die deutsche Front
wirksam werden konnten, hätten niemals über
den Ozean geführt werden können, wenn die
Kriegführenden nicht so gut wie den gesam-
ten holländischen Schiffsraum unter Drohung
mit Gewalt und eigentlich unter Ausübung
von Gewalt in ihre Dienste gezwungen hätten.
6604 der grössten und leistungsfähigsten Schif-
fe mit insgesamt 13 Millionen Tonnen, mehr
als 60 vH. davon unter britischer Flagge, ver-
sanken in den Ozeanen, und gegen Ende
1917 lagen ständig eine Million Schiffston-
nen zur Ausbesserung auf den Werften, so
dass die Vernichtung von Schiffsraum sich
trotz Aufbietung aller Baumöglichkeiten viel
rascher entwickelte als der Neubau von Er-
satzschiffen.

Deshalb wird es auch verständlich, dass
der wildeste, hartnäckigste Angriff der Ge-
gner an der so schlahtenreichen Westfront im
Herbst 1917 in Flandern erfolgte, wobei das
Ziel nach Möglichkeit der Durchbruch, minde-
stens aber die Vernichtung der Tauchboot-
stützpunkte an der flandrischen Küste gewe-
sen ist. Die unmittelbare Einwirkung der
Boote auf die Kriegstätigkeit wird sichtbar
an der Versenkung von 27 Truppentransport-
dampfern, 565 Schiffen mit Kriegstransporten,
darunter allein fast 100 ausgesprochene Mi-
nitionsschiffe, allein vom Februar bis in den
Dezember 1917. Geschafft wurde dies, wie
gesagt, von 13 000 Mann während des gan-
zen Krieges, von denen 5 000 fielen, im
Jahre 1917 von nur 125 U-Booten.

Selbst diese 125 U-Boote hätten mit ihrer
schwachen Kraft das ganze grosse britische
Weltreich auf die Knie gezwungen, wenn
man der U-Bootabwehr nicht zweieinhalb Jahre
Zeit zu einer, man muss schon sagen, phan-
tastischen Entwicklung gelassen hätte, son-
dern wenn der sogenannte unbeschränkte U-
Bootkrieg niemals Begriff geworden wäre,
wenn es also einfach von vornherein auch
für die U-Boote eine richtige Kriegführung

gegeben hätte, so wie sie gegen Deutschland erbarmungslos wirksam gemacht wurde.

Jeder mittelgrosse Dampfer, der für die Versorgung der Gegner tätig war, verfügte ja über viel stärkere Waffen als die schwersten U-Boote. Allein England unterhielt auf seinen Schiffen mehr als 13 000 Geschütze mit 65 000 Mann Bedienung; wohl verstanden auf den Handelsschiffen.

Aber doch, trotz der Beschränkung der Wirksamkeit ihrer Waffen brachten die U-Boote das britische Weltreich an den Rand des Verderbens. Man braucht darüber auch keine langen Auseinandersetzungen einzuschalten angesichts der Tatsache, dass ein britischer Kriegsernährungsminister, Lord Ronda, der sich selbst sklavisch gewissenhaft an die von ihm verordneten Rationen hielt, an Unterernährung gestorben ist, eine Erscheinung, die im übrigen von der ungeheuren Zähigkeit der Verantwortlichen auf der anderen Seite in der Durchführung ihrer politischen Pläne spricht.

Trotzdem hätte selbst Lloyd George, der angeblich die Deutschen aus ihren Rattenlöchern herausziehen wollte, sein Reisevorhaben für eine vertrauliche Beratung der Ministerpräsidenten Frankreichs, Englands und Italiens ausgeführt unter dem Druck der U-Boote, wenn nicht die verräterische Denkschrift für den Kaiser Karl gerade in dem Augenblick des Wankens den Gegnern in die Hand gespielt worden wäre und ihnen die Kraft gegeben hätte, angesichts des verheissenen Zusammenbruchs Oesterreichs die Luft noch ein wenig anzuhalten.

Und das war eine Leistung einer lächerlich geringen Zahl deutscher U-Boote, die unter denkbar schwersten Umständen mit beispiellosem Mut dem Gegner auf den Leib rückten. Deutsche U-Boote sind sogar trotz aller Minensperren bis in den Eingang des Haupthafens der englischen Flotte Scapa Flow eingedrungen.

Beispielsweise bewahrte die Engländer nur ein Zufall vor dem Verlust einiger ihrer grössten Panzerschiffe, der Zufall nämlich, dass „U 18“ das Nest von Scapa Flow leer fand, als das Tauchboot sich bis in den Hafen hineingepircht hatte. Gerade an jenem Morgen, an dem das gelang, war die britische Flotte für einige Stunden ausgelaufen. Nur einmal erschien ein englisches U-Boot vor dem Jadebusen und wurde dort versenkt. Deutsche U-Boote wirkten jedoch regelmässig in allen grossen Häfen unserer Gegner und lenkten ihre Minen unter anderem genau zwischen die Hafennähen oder auf die Reeden von Cherbourg, von Brest, von Dover, Boulogne, Tarent und in andere englische, französische und italienische Häfen, ohne Scheu vor der wunderbar aufgebauten U-Bootsabwehr. Hat irgend jemand etwas davon gehört, dass britische oder andere U-Boote gegen Emden oder Bremerhafen oder Cuxhafen, Stettin oder Danzig regelmässig vorgestossen wären? Nein, sie haben den Todesmut und die Entschlossenheit bis zum letzten der deutschen Tauchboote nur ausnahmsweise gebracht.

(Aus: „Auf verlorenem Posten“, von Franz Lehnhoff — Wilhelm Limpert Verlag, Berlin.)

Wirtschaftskrieg

Moderne Kriege treffen nicht nur unmittelbar kriegsführende, sondern auch die neutralen Länder. Gerade der Weltkrieg von 1914 bis 1918 hat dies in aller Deutlichkeit gezeigt. In einem unerhörten Ausmass schnellten damals die Preise herauf und die Zufuhren von lebensnotwendigen Waren, vor allem aus den überseeischen Gebieten, nach den neutralen Ländern wurden immer kleiner. Deutschland hatte einen U-Boot-Ring um England gelegt, und ein beträchtlicher Teil der einkommenden Tonnage wurde versenkt. Da England aber zu 80 vH. auf die Auslandslieferungen angewiesen war, musste es weit über den normalen Bedarf hinaus sich Rohstoffmengen sichern, da es damit rechnen konnte, dass ein erheblicher Teil nicht seinen Bestimmungsort erreichte. Der Preisauftrieb hätte sich noch ertragen lassen, da auch die neutralen Länder für ihre Erzeugnisse, die sie exportierten, höhere Preise erzielten. Verschärft wurden die Schwierigkeiten erst durch die englische Hungerblockade gegen Deutschland, durch die den neutralen Staaten nur soviel an Rohstoffen zugestanden wurde, dass sie ihre Bevölkerung gerade ernähren konnten. Im Dezember 1917 zum Beispiel, als England noch auf Friedenssätzen lebte, setzte Norwegen die Tagesrationen von Mehl auf 200 gr fest und den Fettverbrauch ging von 0,70 auf 0,37 Pfund je Woche zurück.

Allzu gut hat man noch die Vorgänge von 1917—18 im Gedächtnis, und auf wirtschaftlichem Gebiet haben alle europäischen Länder zu einschneidenden Massnahmen gegriffen, gleich, ob wir nach Südosten, nach Belgien und den Niederlanden, nach den Ostsee- und Randstaaten oder der Schweiz schauten. Ueberall wurden Ausfuhrverbote erlassen; Beschlagnahmungen erfolgten, um mit den zur Verfügung stehenden Rationen über einen längeren Zeitraum zu reichen, und der Benzinverbrauch wurde stark gedrosselt, da in diesem eine Knappheit zuerst zu befürchten war. Auch Kohlenwierigkeiten sind in unmittelbarer Nähe gerückt, da die Engländer ihre Ausfuhr noch drosselten. Norwegen, Schweden und Dänemark befinden sich besonders in einer heiklen Lage, denn alle drei Staaten hatten damit gerechnet, dass wie in früheren Jahren während des Winters die Kohlenlieferungen aus England kommen werden. So hatte man sich nicht weit über den Bedarf hinaus eingedeckt. Die vorhandenen Bestände reichen für ein bis zwei Monate, und wenn Deutschland sich nicht bereitgefunden hätte, die Kohlenklemme zu mildern, hätten eine grosse Anzahl Industrien in den drei nordischen Staaten stillgelegt werden müssen. Es ist nur ein kleiner Ausschnitt aus den Nöten, der sich beliebig erweitern lässt. Das Abgleiten des Pfundes zum Beispiel veranlasste zu währungspolitischen Massnahmen, da man sich vielfach an das Pfund gebunden hatte. Die Ostseestaaten mussten ihre Ausfuhr umlagern, da sie nicht mehr auf England als Abnehmer rechnen konnten, und im Südosten Europas musste man Vorkehrungen treffen, um die grossen Frucht-ernten, die normalerweise ihren Weg nach Deutschland und England genommen hätten, sinnvoll zu verwerten. Die englische Konterbandenliste ist so vervollständigt, dass es ja kaum noch ein Erzeugnis gibt, das frei gelassen ist. Auch die neutralen Staaten dürfen nicht eines von diesen Gütern nach Deutschland liefern, sofern sie nicht Gefahr

laufen wollen auf die schwarze Liste gesetzt zu werden. Deutschland soll völlig abgeschnürt werden. Man übersieht aber, dass durch die Besetzung Polens nunmehr auch der ungehinderte Warenverkehr nach Russland der deutschen Wirtschaft möglich ist und dass auch der Südosten kaum auf englische Drohungen reagieren wird. Grosse Agrarräume stehen somit der deutschen Wirtschaft offen, aus denen sie sich die notwendigen Mengen beschaffen kann.

Betroffen werden vor allem die Oststaaten, wie Belgien, Holland, Norwegen, Dänemark und die Schweiz. Die Schweiz erhält auch aus dem Fremdenverkehr und dem Verkauf von Veredlungserzeugnissen die Devisen, die sie zum Ankauf von Lebensmitteln und überseeischen Waren benötigt. Durch den Krieg ist der Fremdenverkehr zum Erliegen gekommen, und für schweizerische Uhren- und Luxusartikel herrscht keine Nachfrage. Woher soll man jetzt die Mittel nehmen, um die Auslandsbezüge zu bezahlen? Holland führt ebenfalls in grossem Umfang überseeische Rohstoffe ein, die es veredelt wieder auf den Markt bringt. Die grossen Oel- und Reismühlen müssen stillgelegt werden, da ihnen nicht mehr der notwendige Rohstoffbezug gewährleistet ist. Dänemark braucht ausländische Futtermittel, ohne dass es gezwungen ist, seine landwirtschaftliche Veredlungsproduktion, die den Wohlstand des Landes begründet, zu drosseln. Auch Norwegen benötigt überseeische Lebensmittel. Besonders schwierig ist die Lage Belgiens, das von jeher grosse Mengen Rohstoffe einfuhrte und diese als Fertigfabrikate zur Ausfuhr brachte, womit dem belgischen Volk eine sichere Lebensgrundlage gegeben war. Mit der gegen Deutschland errichteten Blockade ist dieser Veredlungsverkehr auf einen Nullpunkt zusammengeschrumpft, und es lässt sich auch nicht übersehen, ob sich dieser später in beschränktem Umfang aufrecht erhalten lassen wird.

Seine vollen Absichten hat das Blockadeministerium in Grossbritannien noch nicht offenbart, aber immerhin schon durchblicken lassen, dass man den Aussenhandel der neutralen Staaten scharf unter die Lupe nehmen werde. Ob die Vorstellungen der neutralen Staaten in England Erfolg haben werden, ist nach den Erfahrungen aus dem Weltkrieg kaum anzunehmen. Auch aus den südamerikanischen Ländern sind schon Proteste laut geworden. Besonders hat Argentinien sich dagegen verwahrt, dass in die englische Konterbandenliste Lebensmittel einbezogen worden sind. Nach den völkerrechtlichen Grundsätzen fallen Lebensmittel nicht unter Konterbande und nur solche Waren gehören zu diesen, die unmittelbar die Wehrkraft der kriegsführenden Parteien stärken. Nur direkte Lieferungen an feindliche Regierungen oder an die feindliche Wehrmacht können also beschlagnahmt werden. Es ist zu befürchten, dass man den englischen Absichten deutscherseits nicht tatenlos zusehen wird. Als Antwort auf das englische Vorgehen hat Deutschland ebenfalls seine Konterbandenliste erweitert und Lebensmittel in diese eingesetzt. Dass diese Massnahme offenbar nicht gegen die Neutralen gerichtet ist, geht daraus hervor, dass Deutschland sogar allen seinen Lieferungsverpflichtungen nach den neutralen Ländern, soweit hierzu die Möglichkeit gegeben war, nachkam. Selbst Flugzeuge wurden den neutralen Staaten zur Verfügung gestellt.

führenden Ländern, die stark zurückgehen, zu senken. In den unmittelbar am Krieg beteiligten Nationen muss dagegen die Kriegswirtschaft aufgebaut und die Produktion weitgehend auf die Herstellung von Kriegsmaterial umgestellt werden. Der Staat wird der Hauptauftraggeber und muss sich die erforderlichen Mittel für die Bereitstellung der Güter beschaffen. Mehrere Wege können in dieser Hinsicht beschritten werden; der eine ist die Anleihefinanzierung und der zweite die Auferlegung hoher Steuern. Während des Weltkrieges 1914—18 sind beide Formen nebeneinander angewandt worden, wobei Deutschland vor allem den ersteren Weg, England den letzteren beschritt. Fast alle Regierungen liessen dann noch inflationistische Tendenzen zu. Die Preise stiegen und eine Drosselung des Verbrauchs trat ein, die erst im Laufe der Jahre stärker fühlbar wurde. In England und Frankreich scheint man die alten Möglichkeiten der Kriegsfinanzierung wieder aufgreifen zu wollen. Die Notenausweise der Bank von England und der Bank von Frankreich zeigen eine erhebliche Ausweitung des Notenumlaufs, und der Wert des englischen Pfundes ist seit Anfang September um über 20 vH. gesunken. So entschloss man sich dann zu einer Devisenbewirtschaftung und machte dadurch dem freien Spiel der Kräfte auf den Devisenmärkten ein Ende. Immerhin bedeutet die Verschlechterung des Pfundkurses für die Bevölkerung, dass diese die eingeführten Waren um 20 vH. teurer bezahlen muss, während auf der anderen Seite die Löhne noch nicht heraufgesetzt worden sind. In Deutschland will man nicht die Beispiele der Vergangenheit nachahmen, sondern bemüht sich, jede inflationistischen Erscheinungen zu vermeiden, da sie die verschiedenen Bevölkerungskreise ungleichmässig treffen. Der eine, der früher Schulden gemacht hat, kann mit entwertetem Geld diese schnell abdecken, während der andere, der sparte geschädigt wird. Zum erstenmal sucht Deutschland nicht durch Geldaufblähung und Lohn- und Preissteigerung die stark zunehmenden öffentlichen Ausgaben zu finanzieren, sondern es ist beabsichtigt, alle frei verfügbaren Gelder der Wirtschaft abzusaugen und dem Reich dienstbar zu machen. Zu diesem Zweck hat man einen Kriegszuschlag zur Einkommensteuer in Höhe von 50 vH. eingeführt. Das Gesamtaufkommen der Einkommensteuer im vergangenen Jahr stellt sich auf 5,4 Milliarden RM. Zwar werden die Steuererträge infolge von Einberufungen und durch die Umstellung der Wirtschaft zurückgehen, aber auf der anderen Seite treten die Ostmark und das Sudetenland als Steuerzahler im laufenden Jahr verstärkt auf, so dass mit einem Mehreinkommen von über 2 Milliarden RM zu rechnen ist. Eine weitere Milliarde bringt der Kriegszuschlag auf Bier, Tabakwaren, Branntwein und Schaumwein. 1,25 Milliarden RM müssen die Gemeinden aufbringen. Die Beträge dürfen nicht auf den Steuerzahler abgewälzt werden. Es handelt sich hierbei um eine Einschränkung

der gemeindlichen Verfügungsgewalt, die nur dadurch ausgeglichen werden kann, dass man die Ausgaben drosselt. Auch das Reich wird seine Aufträge um 50 vH. senken. Der grösste Posten wird hierdurch eingespart. Als letztes wird man die Arbeitsverdienste herabmindern, und die dadurch gegebene Verbilligung der Produktionskosten soll in den Preisen zum Ausdruck kommen. Die Unternehmer selbst dürfen die Einsparungen nicht für sich verwenden. Sollte sich noch in der Kriegsindustrie Mehreinkommen bilden, wird dieses einmal durch die 50prozentige Einkommensteuererhöhung und andererseits auch durch die schon im Frühjahr 1939 eingeführte Mehreinkommensteuer, die sich somit als Kriegsgewinnsteuer auswirkt, beseitigt. Sollten dann noch Gelder fehlen, so besitzt man einmal ein Ventil in den Steuergutschriften und andererseits besteht auch die Möglichkeit, auf dem Kredit- und Anleiheweg sich die Mittel zu beschaffen. Eine stärkere Belastung der Wirtschaft über das jetzige Ausmass hinaus wird sich kaum als notwendig erweisen. Von einer Vermögensabgabe will man Abstand nehmen, um die Produktionsunternehmungen nicht in ihrer Investierungskraft zu schwächen. Die deutschen Wirtschaftsunternehmungen sollen aus ihren Ueberschüssen die laufenden Investitionen bestreiten.

Wenn man die deutschen Finanzmethoden kritisch unter die Lupe nimmt, so muss man einmal hervorheben, dass die deutsche Regierung keine populären Massnahmen getroffen hat. Mit aller Deutlichkeit ist ausgesprochen worden, dass man dem Volk Opfer zumutet, wobei man alle Volksteile gleichmässig heranzieht. Nur die kleinsten Einkommen bis zu RM 200.— monatlich werden verschont. Aber weit bedeutsamer ist die Senkung der Löhne und Gehälter, die für weite Bevölkerungskreise eine starke Belastung bedeutet. Auf der anderen Seite hat man verhindert, dass sich der Typ des Kriegsgewinners in Deutschland bildet. Alle deutschen Unternehmungen sind in Pflicht genommen und für sie gelten die gleichen Bestimmungen wie für die Wehrmacht. Nicht mehr wie 1914 bis 1918 können einzelne Betriebe durch Bewilligung überhöhter Preise sich grosse Rohstoffmengen sichern, sondern jeder Betrieb ist kontingentiert, erhält seine bestimmten Rohstoffmengen zu den festgelegten Preisen und hat seine Kalkulation wie in Friedenszeiten fortzusetzen. Der Preiskommissar wird sofort rigoros eingreifen, wenn Ueberschreitungen vorkommen, und die Preise, zu denen die Ware zu liefern ist, normieren. Bei der straffen staatlichen Lenkung und den schweren Strafen wird es kaum einen Unternehmer geben, der gegen die Anordnungen verstösst. Im übrigen hat Deutschland sofort das Kartensystem eingeführt und dadurch die Kaufkraft begrenzt. Auf jeden Fall wird Deutschland aus dem Krieg nicht mit einer so gewaltigen Schuldenlast wie England und Frankreich im Jahre 1918 hervorgehen.

Kurzberichte aus Europa

Umstellung des Hamburger Hafens

Hamburg. — Nach Aufhören der überseeischen Verbindungen macht sich im Hamburger Hafen eine bemerkenswerte Umstellung geltend. Nach dem Ausbau aller Schifffahrtslinien mit den Ostseestaaten und nach der Einstellung vieler Trampschiffe für den Ostseeverkehr hat sich bereits im Hamburger Hafen wieder ein lebhafter Schiffsverkehr entwickelt. Da in den ersten Wochen des Kriegszustandes sehr grosse Gütermengen zurückgehalten wurden, ist das Angebot an Ladungen sehr stark. Auch die Flaggen neutraler Länder beleben wieder das Hamburger Hafenbild. Der hanseatische Exporthandel stellt sich ebenfalls in verstärktem Ausmass auf einen Ausbau der Beziehungen nach den nordischen und baltischen Staaten, nach Sowjetrussland und nach den Südoststaaten um. Zwischen der Hamburger Industrie- und Handelskammer und dem Oherfinanzpräsidium ist eine Vereinbarung getroffen worden, nach der diejenigen Sendungen, die infolge des Kriegsausbruches nicht mehr zur Ausfuhr gekommen sind, und die im Hamburger Freihafen lagern, auf Grund einer vom Freihafenamt ausgestellten Bescheinigung wieder in das Zollinland eingeführt werden können.

Wachsende Bedeutung des Donaumischlags

Wien. — Im Zusammenhang mit den steigenden Transporten zwischen dem Südosten und dem Grossdeutschen Reich haben die Donaumischlagsplätze der Ostmark in der Zukunft wachsenden Anforderungen gerecht zu werden, zumal manche früheren Verkehrswege infolge der kriegerischen Ereignisse jetzt ausscheiden. Es wird daher von den Kreisen der Verladere allgemein begrüsst werden, dass die grossdeutsche Donauschiffahrt schon seit längerer Zeit ein Modernisierungs- und Ausbauprogramm in Angriff genommen hat und dass die beiden führenden Umschlagsplätze der Ostmark, Wien und Linz, über eine Kapazität verfügen, die nicht nur den gegenwärtigen Ansprüchen gerecht zu werden vermag, sondern ohne jede Schwierigkeit weiter wachsenden Ansprüchen Rechnung tragen kann. Die Umschlagfunktionen der Häfen Wien und Linz dürften insbesondere immer stärker dem Verkehr zwischen Ost- und Mitteldeutschland auf der einen Seite und der Ostmark und dem Südosten auf der anderen Seite zugute kommen.

Jugoslawischer Auftrag für die deutsche Elektroindustrie

Belgrad. — Die jugoslawische Regierung hat den Beschluss gefasst, zum Zwecke der Automatisierung des Telefonbetriebes 10 000 automatische Telefonapparate in Deutschland in Auftrag zu geben. Der Auftrag wird der Firma Siemens erteilt.

Norwegen erhält von Deutschland Schiffsbaumaterial

Oslo. — Die Zeitung „Stavanger Aftenblad“ stellt mit Befriedigung fest, dass es trotz des Krieges möglich sei, von Deutschland Schiffsbaumaterial zu bekommen. Wie der Direktor der Rosenberg Mechanische Versted dem Blatt erklärte, ist die Werft mit Reparaturaufträgen stark beschäftigt und hat demgemäss starken Bedarf an Schiffsbaumaterial. U. a. wurden in diesen Tagen 300 Tonnen Stahl aus Deutschland nach Norwegen geliefert.

Deutsche Lastkraftwagen für Ungarn

Berlin. — Im Interesse der Vermehrung des ungarischen Kraftwagenbestandes wurden für die Einfuhr von 1500 Stück Lastkraftwagen Zollbegünstigungen erlassen. In der Verordnung wird darauf verwiesen, dass die deutschen Fabriken trotz der gegenwärtigen Verhältnisse ungestört weiterliefern.

Englische Minen an Hollands Küste

Haag. — Die von den Engländern im Aermkanal und in der Nordsee angelegten Minenfelder werden von der Meeresströmung gegen die holländische Küste getrieben, so dass hier die Schifffahrt äusserst gefährlich geworden ist. An mehreren Stellen der Küste, so bei Hoek van Holland und bei Scheveningen, sind bereits Minen angespült worden. Scheveninger Fischer, die zum Fischfang innerhalb der Dreimeilenzone ausfahren, meldeten dass sie auf engem Raum nicht weniger als 14 treibende Minen entdeckt hätten.

Flugzettel gegen den Krieg in Frankreich

Paris. — Trotz grösster Bemühungen der amtlichen französischen Stellen und der von ihnen abhängigen Presse gelingt es nicht,

Wie wird der Krieg finanziert?

Der Krieg zwingt die unmittelbar Beteiligten, wie auch die neutralen Staaten zu einer grundlegenden Umstellung ihrer Wirt-

schaft. In den neutralen Ländern müssen neue Bezugsquellen im In- und Ausland erschlossen werden, um die Zufuhren aus den krieg-

die Öffentlichkeit Frankreichs von der Notwendigkeit des augenblicklichen Krieges zu überzeugen. Die in die Tausende gehenden Verurteilungen sogenannter Defaitisten, das heisst solcher Leute, die nicht einsehen wollen, warum Frankreichs Söhne sich für England todschiessen lassen sollen, ist ein Beweis dafür. Ein anderer Beweis kann in den unzähligen Flugschriften gesehen werden, die täglich verteilt werden, wie aus den zahlreichen Gerichtsurteilen gegen solche Zettelverteiler hervorgeht. In der letzten Zeit wird in ganz Frankreich ein Flugzettel verteilt, der die Überschrift „Sofortiger Friede“ trägt.

Nur 741 Kinos im ehemaligen Polen

Der kulturelle Tiefstand des ehemaligen Staates Polen erstreckte sich auch auf das Filmwesen. Nach einer Aufstellung aus dem Jahre 1937 gab es 741 Lichtspieltheater in diesem Lande. Davon lag der grösste Teil, nämlich 85 vH. der Gesamtzahl, in den durch deutschen Einfluss kulturell gehobeneren Westgebieten. Je weiter es nach Osten geht, desto spärlicher wird die Zahl der Kinos. In Warschau selbst war natürlich hervor eine Ausnahme zu beobachten. Im Rundfunkwesen zeigte der Kulturstaat Polen eine ähnliche Aermlichkeit.

Wieviel Theater hat Berlin?

Berlin. — Die Reichshauptstadt besitzt zu Beginn der neuen Spielzeit 26 Bühnen mit zusammen rund 30.000 Plätzen. Die Berliner Kleinkunstbühnen verfügen zudem noch über weitere 11.000 Plätze. Ausserdem gibt es in der Reichshauptstadt zurzeit 408 Lichtspieltheater, die zusammen 206.000 Plätze aufweisen. Von den 26 Theatern besitzen zwölf mehr als tausend Plätze.

Deutschland, Zuckerlieferant der Schweiz

Prag. — Infolge des in England herrschenden grossen Zuckermangels sind die englischen Zuckerexporte eingestellt. Skandinavien und die Schweiz sind bestrebt, eine Umstellung ihrer Zuckerbezüge durchzuführen. Seitens der nordischen Staaten und insbesondere auch seitens der Schweiz herrscht gegenwärtig starke Nachfrage nach Raffinade aus Deutschland und dem Protektorat.

Aufhebung des Tanzverbotes in Grossdeutschland

Berlin. — Ab 30. September 1939 ist die Veranstaltung von Tanzlustbarkeiten ab 19 Uhr täglich wieder gestattet.

Deutsche statt polnischer Kohle

Wien. — Infolge der eingestellten polnischen Kohlenlieferungen in die Slowakei entstand hier eine gewisse Knappheit an Kohlen. Die zuständigen deutschen Stellen haben das slowakische Wirtschaftsministerium bereits verständigt, dass es mit einer Lieferung von Kohlen aus dem oberschlesischen Gebiet für die Slowakei rechnen könne. Es dürfte sich um eine monatliche Lieferung von 120.000 Tonnen Kohle handeln.

Gute deutsche Tabakernte

Berlin. — In fast allen deutschen Tabakanbaugebieten dürfte die normale Tabakernte des Jahres 1939 eingebracht sein. Selbst die badische Haardt mit ihrem Frühsatzrollendeck hat den ihr zustehenden Nachtakab grösstenteils gebrochen. Nur in Südhaden steht augenblicklich noch ein Teil aus, da durch besondere Verhältnisse eine kurzfristige Verzögerung eingetreten ist. Beim Erntegut selbst handelt es sich um ein vorzügliches Material, das sogar den ausgezeichneten 1936er Jahrgang noch übertrifft. Die Zigarrentabake zeigen einen vorzüglichen Brand, Geruch und Geschmack, haben sehr schöne Farbe und leichtes spezifisches Gewicht. Gerade der 39er wird selbst in den Gruppen die Möglichkeit gehen, ansehnliche Partien nach fachgemässer Fermentation noch als Umblatt auszusortieren, während im allgemeinen in diesem Jahr mit einem guten Umblattanfall überhaupt zu rechnen sein wird.

Deutsche Jagdflugzeuge für Rumänien

Berlin. — Kürzlich verliessen elf Heinkel-Jagdinsitzer des Baumusters He 112 den Heinkel-Flugplatz zum Ueberführungsflug nach Rumänien. Die rumänische Luftwaffe, die nach den vorangegangenen Lieferungen jetzt über insgesamt 30 Heinkel-Jagdinsitzer verfügt, hatte zur Uebernahme Flugzeugführer nach Deutschland entsandt.

Deutsche Verkehrsflugzeuge für Estland

Berlin. — Ein von der estnischen Luftverkehrsgesellschaft „Ago“ bei den Junkerswerken bestellten Verkehrsflugzeug ist jetzt in Reval eingetroffen. In den Berichten der Presse über die Ankunft des Flugzeuges wird u. a. hervorgehoben, dass Deutschland ungeachtet des Krieges alle Verträge erfüllt.

Auch die Stockholmer Abendzeitung meldet, dass eine Reihe von Heinkel-Flugzeugen nach Schweden vertragsgemäss geliefert worden seien und äussert dazu, dass dieser Typ was Geschwindigkeit und Verwendbarkeit anbelange, wohl an der Spitze liegen dürfte. — Im gleichen Zusammenhang wird an die Lieferung von elf Heinkel-Flugzeugen nach Rumänien erinnert.

Zur Lage der deutschen Verpflegung

Berichte von Zeitungen, die auf Nachrichten englischer Quellen zurückführen, geben den Eindruck, als ob Deutschland sich in halbverhungertem Zustande befinde. Ein Brief, der eine Reise in Deutschland beschreibt, ist uns zum Einblick vorgelegt worden, und sollte deshalb manche Neugier befriedigen.

um eine bessere Verteilung sicherzustellen. Jeder seiner Bekannten betonte ihm gegenüber, dass zweifellos genügend und gute Nahrung vorhanden ist, um jeden Appetit zu befriedigen. Vor allem von Kartoffeln hat Deutschland genügende Mengen, da die Produktion stets grösser war als der Verbrauch.



Der Briefschreiber besuchte Berlin geschäftlich und hatte dabei auch Gelegenheit, einige Tage in kleineren Städten zu verbringen. Da er in Hotels wohnte, so waren seine persönlichen Erfahrungen mit den Nahrungsmittelverhältnissen in diesen sowie in Restaurants und Cafés: jedermann, ob Einheimischer oder Besucher, braucht Karten für Nahrungsmittel, ausser für Fisch, Gemüse, Kartoffeln und Früchte. Für Kaffee, Tee und Kuchen, die in öffentlichen Lokalen verzehrt werden, sind keine Karten notwendig.

Nur eine Auswahl von Mittagstisch (Suppe, Braten, Gemüse, Kartoffeln und Nachtisch) wird gegen Fleischkarte gereicht, jedoch gibt es ausserdem einige a-la-carte-Mahlzeiten, ferner ohne Karten fleischlose Stammgerichte, ausser Fisch- und Gemüseplatten; die Auswahl ist von der Grösse des Restaurants abhängig. Qualität von Zubereitung und Material war gut und die Quantität genügend für einen guten Esser. Abends werden meist nur a-la-carte-Mahlzeiten verabreicht. Preise sind dieselben wie vor dem Krieg, und Preiserhöhungen sind nicht erlaubt. Zwei Tage der Woche sind fleischlos.

Der Schreiber erkundigte sich bei verschiedenen alten Bekannten nach den Nahrungsmittelverhältnissen in Haushalten, und hier wird das Nahrungskartensystem viel genauer

In Gemüse und Früchten besteht in dieser Jahreszeit ein Ueberangebot auf dem Markte und den Einwohnern wird empfohlen, reichlich davon Gebrauch zu machen, und sie, wenn irgendmöglich, einzumachen. Man kann den deutschen Hausfrauen schon zutrauen, dass sie verstehen, am besten über die jetzige Situation hinwegzukommen, und dass sie ihren Anteil dazu beitragen werden, damit die Verteidigung hinter der Front gesichert ist. Nahrungsmittel und Karten werden monatlich ausgegeben und berechtigen den Eigentümer zu wöchentlichen Bezügen der verschiedenen Nahrungsmittel.

Es wurde dem Schreiber erklärt, dass Deutschland 83 vH. seines Nahrungsverbrauches selbst produziere, und dass das jetzige Kartensystem geschaffen wurde, um für irgendeine Länge des Krieges und für irgendwelche Vorkommnisse, wie ungünstige Ernte, Sorge zu tragen. Die Fehler, die beim Weltkrieg gemacht wurden, in den ersten Jahren des Krieges mit Nahrung verschwenderisch umzugehen, und sie nicht gleichmässig zu verteilen, werden nicht wiederholt werden. Das Volk akzeptiert die jetzige Kontrolle, mit vollem Einverständnis und Mitarbeit.

Nach deutschen Angaben bestehen grosse Reserven von Nahrungsmitteln zusätzlich der



und umfassender gehandhabt. Nur Fisch, Gemüse, Kartoffeln und Früchte sind kartenförmig zu beziehen. Die zugestellten Mengen scheinen genau berechnet zu sein, um jedem Fall gerecht werden zu können: Kinder erhalten mehr Milch und Schwerarbeiter mehr Fleisch. In einer grossen Stadt wie Berlin ist die Verteilung mit grösseren Schwierigkeiten verknüpft als in kleineren Plätzen. Diese Schwierigkeiten sind von offizieller Seite erkannt, und Bemühungen werden gemacht,

jährlichen Produktion. Im Falle von Weizen wird berichtet, dass die Reserven mehr als einen Jahresverbrauch betragen. Man spürt überall einen eisernen Willen, dass wenn auch der Krieg einige Jahre dauern sollte, kein Mangel an Nahrungsmitteln auftreten und der Kriegführung im Wege stehen soll.

Es wurde betont, dass in der Zeit des Weltkrieges beinahe alle Wege, Nahrung einzuführen, geschlossen waren, dass aber jetzt der Osten, Süden, Norden offen seien, ge-

nau wie in Friedenszeiten. Weiterhin hat Deutschland sich von dem Zweifrontenkrieg befreit, und Polen ist aus einem schwachen Faktor das Durchgangstor zu den grossen Reichtümern Russlands geworden. Alles dies hat einen günstigen Einfluss auf den Geist und das Vertrauen des deutschen Volkes.

Das Leben in jedem kriegführenden Lande, mit seinen Begrenzungen, Anweisungen, Verdunkelungen, kann nicht als Vergnügen betrachtet werden, aber dies findet seine Anwendung ebenso auf England und Frankreich wie auf Deutschland.

Chemie ergänzt die Medizin

Vitamine und Hormone heilen Nervenkrankheiten

Es gibt wohl niemand heute, der im eiligen Ablauf unseres Zeitgeschehens nicht heimlich hin und wieder etwas Sehnsucht verspürte nach dem geruhlichen und beschaulichen Dasein unserer Vorfahren, deren Lebenslauf uns heute fast wie ein Idyll anmutet. Die Hetze unserer Zeit, die Jagd nach Ruhm und Geld haben zu einer ersten Krankheitserscheinung der Menschheit geführt: der Nervosität, deren stärkste Medizin und deren bestes Heilmittel die Ruhe und Entspannung ist, deren Mangel sie entsprang. Besonders deutsche Nervenärzte sind es gewesen, die hier die Zusammenhänge zwischen Ursache und Wirkung erkannt und grosse Heilerfolge erzielt haben. Seitdem man in den Vitaminen wichtige chemische Stoffe erkannt hat deren Mangel in der Nahrung von Mensch oder Tier zu ersten Krankheiten führen kann, und seitdem diese Kenntnis von den „Lebensstoffen“ in weiteste Kreise gedrungen ist, gehören die Vitamine zu den gesündlichsten „Modestücken“ und zahllose Menschen erwarten von ihnen alles Heil und jede Heilung. Die Tatsache, dass man bei den einzelnen Vitaminen verschiedene Wirksamkeit erkannte, dass das eine als das Wachstumsvitamin, das andere als das Nervenvitamin ein drittes als der „Hautfaktor“ bezeichnet wird, leistete diesen Auffassungen Vorschub, dass man bei vielen Krankheiten nur das entsprechende Vitamin einzunehmen brauche, um zu gesunden.

Vom richtigen Gleichgewicht

Die Verhältnisse im Körper sind aber nicht wie bei einem Automaten, wo man etwas hineinstecken und dafür etwas herausholen kann. Nicht das einzelne Vitamin ist für sein Wohlergehen wichtig, sondern das richtige Gleichgewicht aller dieser Lebensstoffe untereinander. Eine Krankheit entsteht auf dem Boden eines gestörten Vitaminhaushaltes, ist aber nur einer von verschiedenen auslösenden Faktoren! Zum Beispiel bereitet der Vitaminmangel die Anfälligkeit der Nerven gegen ansteckende Krankheit vor. Kommt dann eine Mandelentzündung oder sonst eine Eiterung im Körper dazu, so werden plötzlich die Nerven befallen, und es gibt eine Nervenentzündung. So können die verschiedensten Vitamin-Ernährungsfehler die verschiedensten Folgen haben, und eine einseitige Beköstigung, auch die an sich oft wertvolle Rohkost, die doch viel Vitamin enthält, kann eine Muskelschwäche oder Störung verschulden, oder der Mensch kann nicht mehr sicher geradeaus sehen. So ist es auch ein weit komplizierterer Vorgang, als man früher annahm, wenn im Ticrexperiment die Tauben Beri-Beri bekommen. Ja, man kann annehmen, dass sich im Gefolge des Vitamin-B-Mangels bei den Tieren sogar ein Giftstoff bildet, der seinerseits erst die Krankheit ausmacht. Nun sind aber die Nervenbahnen sehr fein gegliederte Organe. Wenn es erst einmal an ihnen zu Entzündungen gekommen ist, so hinterlassen diese auch meist Narben, und diese Narben stellen selbst wieder dauernde Nervenschäden dar. Jenes Gift, das vielleicht durch den Vitaminmangel im Körper gebildet werden kann, verschwindet auch nicht sofort, wenn man das fehlende Vitamin zuführt und den Haushalt ausgleicht, sondern es wirkt wahrscheinlich weiter. Daraus erklärt sich, dass das Vitamin nicht ohne weiteres als Nervenarznei zu werten ist, wenn einmal ein Schaden vorliegt. Demgemäss betrachten es die Ärzte, und besonders die Nervenärzte, als ihre Aufgabe hinsichtlich der Vitaminmängel, rechtzeitig für ausreichende Vitaminversorgung in der Nahrung einzutreten.

Auch die Hormone beteiligt

Etwas anders liegt es bei den anderen Wirkstoffen, die die eigenen Drüsen des Körpers produzieren müssen, den Hormonen. Zwischen ihnen und den Nerven bestehen noch weit engere Zusammenhänge, denn, wie ganz besonders von den Professoren Gagel und Förster (Breslau) bewiesen werden konnte, werden die einzelnen Organe des Körpers nicht allein, wie man das früher annahm, von dem Zwischenhirn über die Nervenbahnen gesteuert und zur Arbeit wie zum Wachstum angeregt, sondern auch chemisch durch die Hormone der verschiedenen Drüsen über die Blutbahnen. Diese Drüsen aber werden selbst wieder angeregt durch die Hirnanhang-Drüse die in nächster Nähe des „Zwischenhirns“ sitzt. Irgendwelche Fehlleistungen, Muskelschwund und Muskelschwäche, Zittern der Gliedmassen usw., können daher ebenso durch Störungen im Nervensystem wie im Drüsen-system verschuldet sein. Es kommt daher für den Nervenarzt heute sehr darauf an, bei dem einzelnen Patienten zu erkennen, ob ein Scha-

den, ein Leiden durch Störungen an den Nerven oder an den Drüsen verschuldet wird. Freilich erkennt man heute auch viele Patienten als wirklich organisch krank, die man früher nur für willensschwach, hysterisch usw. hielt, weil an den Nerven keine Schäden nachweisbar waren. Bei ihnen arbeiten Ner-

ven und Drüsen vielleicht nicht richtig zusammen, und dort sitzt die Störung. Sie zu beheben, ist nach den neuen Ergebnissen der Vitamin- und Hormonforschung, wie sie in den deutschen Heilanstalten weitgehend Anwendung findet, auch in verzweifelte Fällen gelungen.

Verantwortlich für die Heeresverpflegung...

Was die Zahlmeister bei der Wehrmacht alles wissen müssen

Kürzlich verstarb in Berlin der Chef des Heeresverwaltungsamtes, General der Infanterie Friedrich Karmann, dem Generaloberst von Brauchitsch am offenen Grabe den Dank für den ausserordentlichen Einsatz aussprach, mit dem der Verstorbene das Heeresverwaltungsamt organisierte. Ihm sei es — so betonte der Generaloberst — zum grossen Teil zu danken, dass das Heer in Polen in so musterhafter Weise seine Aufgaben erfüllen konnte und dabei trotzdem so frisch und leistungsfähig blieb.

Ja, eine grosse Aufgabe haben die Beamten des Heeresverwaltungsamtes zu erfüllen, jene Soldaten, die meist weit hinter der Front tagtäglich dafür sorgen, dass jeder Truppenteil — gleichgültig, wo er steht — die ihm zustehende Ration an Nahrungsgütern, Genussmitteln, Futtermitteln usw. rechtzeitig und in bester Qualität erhält. Zahlmeister nennt man sie, trotzdem sie mit dem Geldauszahlen nur wenig zu tun haben. Da gibt es den Zahlmeister, den Oberzahlmeister, den Stabszahlmeister, den Oberstabszahlmeister und schliesslich den Oberfeldzahlmeister. Nur wenig sind sie in der Öffentlichkeit bekannt, aber täglich wird die Truppe an sie erinnert, wenn sie ihren Morgenkaffee oder ihr Mittagessen empfängt, wenn die Rauchwaren verteilt werden, oder wenn die Pferde mit Heu oder Hafer gefüttert werden. Für alles haben diese Beamten zu sorgen, und täglich rollen mehrere Züge aus den grossen Lagerhallen, in denen die Kästen und Kisten bis an die Decke gestapelt liegen, zu den Kasernen und zu den Truppenteilen an der Front weit draussen vor dem Feinde.

Drei Jahre werden sie für ihre besondere Verwendung ausgebildet. Die Ausbildung gleicht einem Studium, wenn man hört und sieht, was sie alles wissen und können müssen. Wir sitzen gerade an einer Kommissbrotstulle, dunkelbraun und kraftvoll sieht das Brot aus und mündet prächtig. „Wie schmeckt es?“ „Ausgezeichnet!“ „Und doch hat das Brot einen Fehler, die Rinde ist abgebacken, die Oberhitze im Ofen war zu stark,“ so urteilt der Stabszahlmeister. Diese Antwort zeigt, wie eingehend sich die Beamten mit allen Einzelheiten der Lebensmittelherstellung befassen. Aber auch die Rohstoffe kennen sie genau. Jedes Getreide, das vermahlen und verbacken wird, untersuchen sie. Der Kornkäfer ist ihnen ebenso bekannt wie der Reiskäfer und die Mehlmotte, die in den grossen Getreidelagern hin und wieder Schäden hervorruft. Sie kennen die Walzen und Mehlstühle der Mühlen, und wenn sie weit draussen in Feindesland eine verlassen aber noch betriebsbereite Mühle vorfinden, sind sie an Hand des Diagrammes alsbald in der Lage, die Mühle wieder in

Betrieb zu setzen. Und wie es beim Getreide ist, so bei allen übrigen Dingen. Lächelnd erzählt der Stabszahlmeister: Früher, als man uns noch „reinzulegen versuchte“, da kamen die Händler hin und wieder mit Kühen, deren Kalbungsringe an den Hörnern abgeteilt waren, um so den Schein von jungen Tieren zu erwecken. Denn je weniger Ringe die Kühe am Horn besitzen, um so jünger sind sie. Aber nicht oft wurde dieser Versuch wiederholt, wenn man sah, dass wir auch an dem Gebiss das Alter der Kühe festzustellen vermochten. Oder ein anderes Beispiel: Wenn das Heu für die Pferde von den Händlern oder Landwirtschaft angeliefert wird, dann bringt natürlich jeder nur das Beste vom Besten. Wenn die Anlieferer dann aber sahen, dass wir jede Grasart, ja jeden einzelnen Grashalm kannten, wenn wir ihnen 54 Süssgräser und mehr als 100 Arten aufzählten, dann gaben sie sich zufrieden und erkannten, dass ihr Heu, ihr Stroh, ihr Hafer richtig bewertet werden — und brachten uns im nächsten Jahr ihre Erzeugnisse wieder. So gibt es Bauern und Landwirte, die uns schon seit 30 Jahren regelmässig mit Heu beliefern. Ein Zeichen, dass der deutsche Bauer mit unserer Beurteilung und Bewertung einverstanden ist.

Aber nicht nur die Beschaffung, sondern auch die Lagerung der Vorräte wird dauernd überwacht. Allein 20 verschiedene Wurst- und Fleischkonserven lagern dort in Büchsen und Kisten verpackt. Da gilt es aufzupassen, dass die Waren nicht zu lange lagern, dass die Büchsendeckel sich nicht wölben — ein Zeichen des Verderbs —, dass die Büchsen nicht rosten und Aehnliches. Da gilt es nachzusehen, dass das Trockengemüse richtig wasser- und gasdicht verpackt ist, dass die Spirituosen — jeder Soldat erhält täglich ein Zwanzigstel Liter Brantwein — bei der zweckmässigsten Temperatur lagern usw. Wieder andere sind unterwegs, um die herstellenden Betriebe zu überwachen, neue Wünsche vorzutragen und Verbesserungen vorzuschlagen.

Um alles kümmern sie sich, was die Verpflegung der Truppe angeht. Und wirklich, wenn man vor all den leckeren Dingen steht, die ihrer Betreuung unterstellt sind, dann erkennt man, die Verpflegung der Truppe ist gut, ausreichend und abwechslungsreich. Beschwerden irgendwelcher Art sind bisher nicht eingetreten. Nur, so sagt ein Zahlmeister heidauernd, war es nicht immer möglich, sämtliche Verpflegungsmittel rechtzeitig bis zu den vordersten Truppen zu bringen. Denn sie gingen so schnell vor, dass wir selbst bei bestem Willen nicht immer nachkommen konnten.

geben werden soll, dann hat sie der Botschafter in Tokio kaum eine Stunde später, als der Gesandte in Stockholm. Ein bis ins Letzte durchorganisierter Nachrichtenapparat sorgt dafür.

Im höchsten Stockwerk des Auswärtigen Amtes liegen die Räume, die die Nachrichtenstelle beherbergen. Im Zimmer ihres Leiters hängt eine riesige Weltkarte, auf der durch weisse Schnüre die Wege gekennzeichnet sind, welche die Nachrichten des politischen Dienstes in alle Welt hinausnehmen. Fernschreiber, Funk und Ueberseekabel stellen dazu zur Verfügung. Selbstverständlich sind alle Mitteilungen chiffriert. Eine ganze Wissenschaft ist um diese Geheimkunst entstanden, die dazu dient, Nachrichten nach bestimmten Systemen für unbefugte Augen unlesbar zu machen. Mit mathematischer Genauigkeit und Schärfe werden die Geheimschlüssel von den „Chiffreuren“ erdacht, trotzdem aber beauftragt man Eilkuriere, wenn es sich darum handelt, Dokumente von besonders weittragender Bedeutung zu befördern.

Und die Ergebnisse all dieser von den einzelnen Abteilungen in Tagen und Nächten vollbrachten Arbeit? In den Safegewölben des Auswärtigen Amtes ruhen sie — Dokumente, Abkommen Staatsverträge. In diesen versiegelten und verschürften Papieren sind gleichsam alle Anstrengungen, Mühen, ist alle Hingabe und Aufopferung verkörpert. Sie sind die Bänder, die Deutschland mit der Welt vereinen. Das Reich unterhält mit allen Ländern der Erde diplomatische Beziehungen, mehr als 50 verschiedene Sprachen umschwir-

ren die Vertreter Deutschlands, die im Ausland ihren Dienst versehen. Die Dokumente, die hier verwahrt liegen, sind aber längst nicht alle in der Sprache des Landes abgefasst, mit dem der Vertrag abgeschlossen wurde sehr viele von ihnen vielmehr in der deutschen Sprache.

Reforde der Sprachenkunst

Diese Uebertragungen anzufertigen, ist Aufgabe des Sprachendienstes des Auswärtigen Amtes. Ihm obliegen alle mündlichen und schriftlichen Uebersetzungen, er bildet die Dolmetscher heran, die, wie heute Gesandter Dr. Schmidt, dann bei den Verhandlungen des Führers oder der Reichsregierung mit ausländischen Diplomaten, anwesend sind.

Im Hinblick auf die Tatsache, dass der Sprachendienst des Auswärtigen Amtes einen Dolmetscher in seinen Reihen zählt, der schon antliche Schriftstücke aus 53 verschiedenen Fremdsprachen mit der gebotenen Genauigkeit ins Deutsche übersetzte, ist die Behauptung nicht zu kühn, dass diese Abteilung rein durch nichts in Verlegenheit zu bringen ist. 500 Uebersetzungen im Umfang von einer bis zu hundert Seiten werden von ihr durchschnittlich im Monat angefertigt. Mag es auch noch so eilen, zum festgesetzten Zeitpunkt ist die Uebertragung aus einer anderen oder in eine andere Sprache fertig! Das Meisterstück bedeutete es, als eine grosse Rede des Führers, die 80 Schreibmaschinen-seiten umfasste, innerhalb von 27 Stunden in sieben verschiedenen Sprachen übersetzt und gedruckt war.

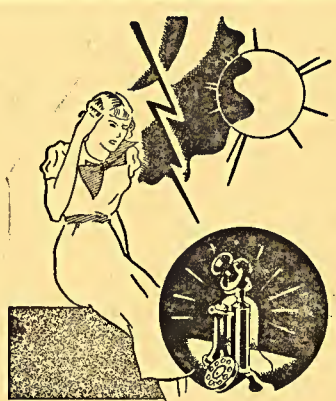
Beeinflusst das Wetter den Krieg?

Wird ein moderner Krieg in erheblichem Masse durch das Wetter beeinflusst? Der unaufhaltsame Siegeszug der deutschen Truppen im Osten, der in den letzten Tagen der militärischen Operationen bei denkbar ungünstiger Witterung vor sich ging, beantwortet die interessante Frage. Das Wetter spielt

bei kriegerischen Handlungen in unseren Tagen nicht mehr jene ausschlaggebende Rolle, die ihm in früheren Zeiten zukam. Freilich ist die Luftwaffe bei ungünstiger Witterung in ihrer Aktion, besonders was die Orientierung anbetrifft, gehemmt. Ausgeschaltet ist sie aber keinesfalls, denn die deutsche Luft-

Wilhelmstrasse 74 / Telegrammadressen, die die ganze Welt kennt

In der Wilhelmstrasse in Berlin steht ein altes, schlichtes Haus das die Nummern 74



WENN DIE TELEPHONGLOCKE WIE EIN DONNERSCHLAG ERSCHRECKT

dessen Nerven sind ueberanstrengt. Jede Nichtigkeit irritiert.

Was dann nottut ist Adalina, das vollkommen unschadliche Beruhigungsmittel erregter Nerven. Es traegt das Bayer-Kreuz als seine Garantie.

In Tuben mit 10 Tabletten zu 0,5 gr.

Neue Packung mit 6 Tabletten zu 0,25 gr.



bis 76 trägt. Hier, im Auswärtigen Amt, ist die Stelle, die die aussenpolitischen Ideen des Führers zur Tat werden lässt.

„Auswärtig“ steht auf vielen Telegrammen, die Tag für Tag im Berliner Telegraphenamt eintreffen. Sie sind für das Auswärtige Amt bestimmt, das sich diese in der ganzen Welt bekannte Drahtanschrift zugelegt hat. Die Telegramme, die an unsere Botschafter und Gesandten hinausgehen, werden mit „Diplomgramm“ adressiert, die an die Konsulate gerichteten dagegen mit „Konsugramm“. Selbst der grösste Industriekonzern wird nicht alltäglich mit einem Briefeinfahrt in diesem Umfang überschwemmt wie das Auswärtige Amt, zu dem der Postbote nicht drei- oder viermal am Tage, sondern sieben- bis achtmal kommt. Sechs Herren der Eingangsstelle sind ständig mit nichts anderem beschäftigt, als mit dem Öffnen und Sortieren der angekommenen, meist schwer versiegelten Briefe, Päckchen oder Pakete, die täglich bis zu 600 und 700 Stück betragen.

Ihr Inhalt wird in zahlreiche Eisenkästen verteilt, die in einem grossen Drahtregal stehen und die Nummer des betreffenden Referates an der Stirnseite aufgemalt haben. Wird eine dieser Kassetten in das Büro des Sachbearbeiters getragen, schliesst sie sich beim Herausnehmen aus dem Drahtregal automatisch und ist dann nur im Zimmer des Referenten mit einem Spezialschlüssel zu öffnen. Der Verkehr geheimer Aktenstücke von Zimmer zu Zimmer geht in der Weise vor sich, dass die Dokumente in einer festverschlossenen Metallschachtel überbracht werden, die nur vom Empfänger aufgeschlossen werden kann. Bei der Wichtigkeit aller Schriftstücke, die hier umlaufen ist diese Vorsichtsmassregel verständlich, denn dadurch sind unter allen Umständen missbräuchliche Einblicke ausgeschaltet.

Das Gewölbe der Staatsdokumente

„Stete Bereitschaft“ ist der eine Grundsatz, der über der ganzen Arbeit des Auswärtigen Amtes steht, „Schlagkraft“ der andere. Zu jeder Stunde weiss man, wo der Reichsaussenminister, oder in dessen Abwesenheit der Staatssekretär zu erreichen ist. Wenn eine hochwichtige Meldung an die deutschen diplomatischen Vertreter im Ausland ge-

Casa Allema Anzüge für den Sommer

Elegant
Haltbar
Preiswert

Diese Vorteile

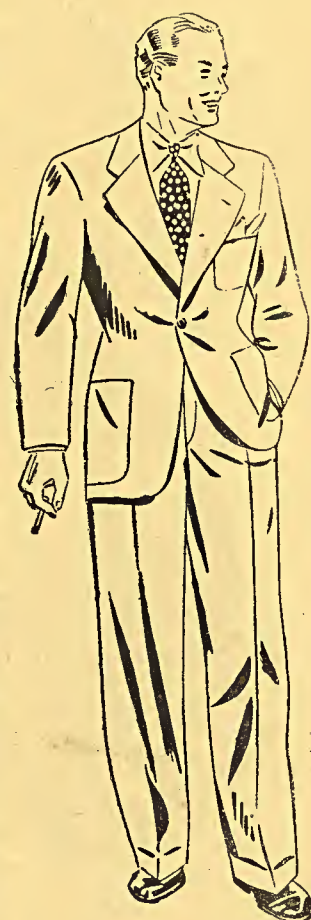
bieten wir Ihnen mit unserer bestbekannten

Halbfertigkonfektion

Palmbeach
225.- 340.-

Irländisch-Leinen
230.- 240.- 260.-

Tropical-Fresco
180.- 235.- 260.-



Unsere Anzüge sind aus nicht eingehenden Stoffen und haltbaren Futterzutaten gefertigt. Sorgfältigst probiert werden diese in kürzester Zeit gleich einem Massanzug fertiggestellt

SCHÄDLICH, OBERT & CO. RUA DIREITA 162-190

waffe hat durch ihre Tätigkeit bewiesen, dass sie auch bei Nebel, bedecktem Himmel und regnerischem Wetter in Erscheinung treten konnte, was bei den gegnerischen Luftstreitkräften bisher nicht der Fall gewesen ist.

Im Altertum und im Mittelalter hat das Wetter bei kriegerischen Operationen häufig eine ausschlaggebende Rolle gespielt. Ein Schneetreiben, das den Armbrustschützen der einen Partei die Sicht hemmte, konnte eine Schlacht entscheiden. Desgleichen konnte ein Regenwetter, durch das die Sehnen der Bogenschützen feucht wurden, ganze Armeen ausser Gefecht setzen. Der Nebel war es, der zusammen mit heftigen Stürmen die glorreiche spanische Armada besiegte. Ein Wolkenbruch machte manche Abteilung von schwer gepanzerten Rittern, die auf ihren plumpen Pferden im Schlamm stecken blieben, kampfunfähig. Cromwell verdankt seinen Sieg im Jahre 1648 gegen die schottisch-royalistische Invasion in erster Linie der Ungunst der Witterung, die den Vormarsch solange hemmte, bis genügend Streitkräfte angesammelt waren, um ihn abzuwehren. Als Cromwell dann seinerseits seinen Feldzug gegen Schottland

begann, kam ihm abermals der Regen zu Hilfe, denn das Unwetter vertrieb die Schotten von den Hügeln bei Dunbar, auf denen sie die Armee Cromwells eingeschlossen hatten.

Noch im Weltkrieg hat die Witterung eine ausschlaggebende Rolle gespielt. Ein Musterbeispiel hierfür ist die englische Offensive von Passchendaele in der belgischen Provinz Westflandern, wo die englischen Truppen unter General Haig 1917 Monate hindurch bluteten, ohne einen Erfolg erringen zu können, weil die englische Heeresleitung nicht mit der Ungunst der Witterung gerechnet hatte. General Haig wollte durch die Offensive von Passchendaele den Weltkrieg für die Alliierten gewinnen. Obwohl man ihn vor den Regenschauern, die in Flandern bereits im August einzutreten pflegten und das Land in einen Morast verwandelten, warnte, setzte Haig auf einer Sonderkonferenz in London seinen Willen durch und führte seine Truppen, die mit ihrer Artillerie, den Panzerwagen und Maultieren buchstäblich im Morast stecken blieben ins Verderben.

Wer marschierst am schnellsten?

Die Marschleistungen der verschiedenen Völker und ihrer Fußtruppen

Bei dem Versuch, die schnellsten Marschleistungen der Soldaten der verschiedenen Völker festzustellen ist man zu folgenden Ergebnissen gelangt:

Am schnellsten marschieren nach einer Veröffentlichung aus dem Weltkrieg die italienischen Bersagliere, diese italienische Kerntruppe, deren Mannschaften die längsten Schritte am Leibe haben, nämlich 86 Zentimeter. Sie bringen es in der Minute auf etwa 140 Schritte und legen in der Stunde durchschnittlich 7,2 Kilometer zurück.

Der Russe legt bei einer Schrittlänge von 71 Zentimeter in der Minute 112 Schritte zurück; er geht in der Stunde nicht ganz 5 Kilometer. Der deutsche Infanterist legt in einer Minute 114 Schritte von 80 Zentimeter Länge zurück und erreicht damit eine durch-

schnittliche Marschleistung von 5,4 Kilometer. Der österreichische Infanterist hatte es bis auf 5,1 Kilometer gebracht; sein Schritt war um etwa 5 Zentimeter kürzer als der des deutschen Kameraden.

Bei gleicher Schrittlänge marschieren die Franzosen etwas rascher, da sie 120 Schritte in der Minute zurücklegen, jedoch beträgt ihre Marschleistung genau wie die unsere 5,4 Kilometer.

Wie freilich die jüngsten Ereignisse in Polen bewiesen haben, hängt die Marschleistung einer Truppe nicht nur von der Schrittlänge ab, sondern von der Moral, und bei dem ausgezeichneten Angriffsgeist der deutschen Infanterie hat diese Königin der Waffen weit Ueberdurchschnittliches geleistet.

Funk und Fernsprecher, Mittel der Führung

Von Dr. Richard Bremer

Preisfrage: Wie findet man den Divisionsgefechtsstand? Oder den des Xten Infanterieregiments? — Mit einer guten Karte, sofern man den Ort weiss. Aber die genügt oft nicht, weil man manchmal nur erfährt, der betreffende Stab befindet sich in dem und dem Raume und es sei noch nicht bekannt, ob er sich auf freiem Felde, in einer Scheune oder in einem Waldstück niedergelassen habe. Zumal auf dem Vormarsch wechseln die Standorte ja schnell. Doch es gibt einen zuverlässigen Lotsen. Hat man den einmal erwischt und hält man ihn fest, dann erreicht man mit unbedingter Sicherheit den Platz, an dem der Kommandeur seine Flagge aufgepflanzt hat. Oder man will sich überzeugen, ob man auf dem richtigen Wege ist. Soll man erst den Kompass hervorholen und eingehend die Karte mit den Anhaltspunkten der Landschaft vergleichen? Nein, man macht sich die Sache viel einfacher. Man lässt sich von dem erwähnten Lotsen an die Hand nehmen. Er beseitigt jeden Zweifel. Wenn du nicht weisst, ob du nach rechts musst oder nach links, fällt dir die Entscheidung. Dabei gehört das alles gar nicht zu seiner eigentlichen Aufgabe. Er macht das ganz nebenbei aus Gefälligkeit. Nie sagt jemand ein „Danke“ zu ihm; aber dankbar sind ihm sehr viele: dem schweren Feldkabel nämlich, dem untrüglichen Zeichen, das so bescheiden und unauffällig — nach dem Grundsatz „mehr sein als scheinen“ — sich an Kartoffeläckern und Gräben, an Strassen und Wegen entlangzieht.

Er hat noch einen Bruder. Der ist überhaupt nicht zu sehen, weil er in Form von Wellen durch den Äther reitet und des Drahtes nicht bedarf. Das ist der Funk. Funk und Fernsprecher aber sind wichtig, ja entscheidende Mittel der Führung. Sie haben ihren Anteil an allen Kampfhandlungen und Operationen. Wenn in dem Feldzug gegen Polen so bewundernswürdig und schnell alles klappte, jede Veränderung der Lage sofort zur Kenntnis der einschlägigen Stelle gelangte, so dass der entsprechende Entschluss ohne Zeitverlust gefasst werden konnte und im gleichen Augenblick in Befehlsform der kämpfenden Truppe übermittelt wurde, so gebührt das Lob den Nachrichtenmännern, den getreuen Helfern. Auf den besseren Waffen beruht der Sieg. Waffen einer modernen Armee sind nicht nur Gewehre, Kanonen und Tanks, sondern neben manchen anderen als wichtigstes mit die Geräte der Nachrichtenmänner.

Es gibt Truppennachrichtenverbände und Nachrichtentruppen. Die ersteren sind die Nachrichtenzüge und Nachrichtenstaffeln der Infanterie- oder Artillerieregimenter, der Aufklärungsabteilungen, Pioniere und anderen Formationen, die anderen die Nachrichtenabteilungen. Diese befinden sich als selbständige Einheiten, aus Funk- und Fernspreckompanien bestehend, bei den Divisionen und Armeekorps. Eine Division ist ein Heereskörper, der über alle Waffengattungen verfügt. So gehören zu einer modernen Infanteriedivision im allgemeinen drei Infanterieregimenter, leichte und schwere Artillerie, motorisierte Panzerabwehr, eine Aufklärungsabteilung, Pioniere, die rückwärtigen Dienste und last not least, die Nachrichtenabteilung. Wenn man aber eine solche Division einen Körper nennt, so stellen in ihm die Nachrichtenverbindungen die Nervenstränge dar, um die Bewegungen

dieses Heereskörpers zu meistern. Sie ermöglichen es, dass die Führung mit jeder Truppe in ständiger Fühlung bleibt. Durch sie hat der Divisionskommandeur seine Regimenter an der Stirn. Innerhalb der Regimenter dann wieder sorgen deren Nachrichteneinheiten für die feinste Verästelung des Nervensystems bis in die Fingerspitzen hinein. Die Division marschiert? Nun, entlang der Strasse auf der sich der Vormarsch bewegt, bauen zu gleicher Zeit die Nachrichtentruppen die Leitungen, Kilometer für Kilometer. Die Funkzentrale aber folgt dem Kraftwagen des Divisionskommandeurs und ermöglicht ihm, von jedem Standpunkt aus auch während der Fahrt mit seinen Truppen in Verbindung zu treten. Diese Funkzentrale hat sich gerade im polnischen Feldzug als ein überaus bedeutungsvolles Instrument der Führung erwiesen. Es mochte geschehen, was wollte die Wegeverhältnisse mochten noch so katastrophal sein, die Funkzentrale war da und gab dem General die Zügel in die Hand. Natürlich wurden sämtliche Funksprüche geschlüsselt. So dumm ist man nicht, dem Feind, der ja mithören kann, zu erzählen, was man vorhät. Das machten der Negus und Ras Desta im Abessinienkrieg, und die Italiener waren dadurch immer prächtig im Bilde. Die Verschlüsselung ist auch so ausgeklügelt, dass es dem Gegner nicht gelingt, sie zu entwirren. Chiffriermaschinen leisten wichtige Dienste dabei. Will man aber wissen, wie bedeutend dieser Funkverkehr war, so möge eine Zahl für sich sprechen: Allein in den ersten 14 Tagen wurden nur bei der Funkzentrale einer Division dreizehnhundert Funksprüche aufgenommen und befördert. Doch es handelt sich nicht um die Verbindung auf der Erde allein. Der Funk ist das einzige Mittel, sich mit den Fliegern in der Luft zu verständigen. Der Aufklärer, der über dem Feinde seine Kreise zog, konnte durch Vermittlung der Divisions-Nachrichtenabteilung den Kommandeur rasch über Feindbewegungen unterrichten. Mehrere polnische Batterien und Kolonnen wurden durch Artillerie vernichtet, weil der Flieger durch Vermittlung des Funks berichten konnte, was er sah.

Funktrupps befinden sich nicht nur beim Stabe, sondern auch in aller Vorderst Linie. Die Nachrichtenmänner der Aufklärungsabteilung melden Divisionskommandeur, ob die Ortschaft Oryszew oder wie sie heisst feindfrei oder besetzt ist; die Tornisterfunkgeräte der Infanterie-Bataillone melden dem Regimentskommandeur, welche Stellung erreicht ist. Funk und Fernsprecher sind Geschwister. Wo der Infanterist auf dem Bauche liegt, da liegt auch der Fernsprecher. Im feindlichen Feuer muss er mit eiserner Ruhe seine Sprüche durchsagen, und dieses Kampferfordern eine Selbstdisziplin höchsten Ausmasses. Dazu der Störungsdienst. Im Feuer werden die wichtigen Leitungen gecheckt. Ob es Tag oder Nacht ist, spielt keine Rolle. In Polen war es nachts oft besonders unangenehm, weil die polnische Regierung den Franktireurkrieg organisiert hatte und die Truppe plötzlich aus Hecken und Häusern Feuer bekamen. Wegen der schlechten Wege fuhren oftmals Kolonnen querbeet. Dabei nahmen sie mehrfach die Leitungen mit, die sie zerrissen, die Drahtenden hieben unter den Fahrzeugen hängen, und dann war es kein Wunder, dass die Bautrupps die Fortsetzungen der Leitungen nicht mehr fanden, sondern sie neu legen mussten.

Dass der Funker vorne genau so der Gefahr ausgesetzt ist wie jeder andere Soldat, bedarf keiner näheren Darlegung. Die Männer von der hellgelben Waffenfarbe haben bei Sierads an der Warthe, bei Skierniewice an der Rawka, bei den Kämpfen nordostwärts Glowno und bei der Bezwingung der Bzura erheblich im Feuer gelegen. Ganz auf sich selbst gestellt, verrichteten die kleinen Trupps ihren schweren Dienst. Mehrere Leute wurden bereits mit dem Eisernen Kreuz ausgezeichnet, das sie sich redlich verdienten. Aber auch die Männer am Klappenschrank erfüllten ihre Pflicht. Das Fernspreckamt eines Divisionsstabes ist wie ein kleines wandern-

Der Krieg im Film

Man schreibt uns aus Berlin:

Er ist uns an sich nichts Neues, der filmische Bericht von kriegerischen Ereignissen. Mitten aus dem Streifen der Wochenschauen, heraus aus tändelndem Badeleben in Florida, aus Sportsensationen, Paraden und Ausstellungseröffnungen sprangen uns in den letzten Jahren immer wieder Kriegsbilder an in der ganzen Härte, mit der sie die unbestechliche Kamera festgehalten hatte. Alle diese Szenen aus Südamerika, aus Abessinien, aus China und erst recht die aus Spanien zeigten die grausige Dramatik des modernen Krieges. Angesichts solcher Bilder schien es uns unvorstellbar, dass Europa sich in einen neuen internationalen Krieg stürzen könnte. Und heute sitzen wir im Kino — und sehen die Bilder von dieser doch Tatsache gewordenen Unvorstellbarkeit.

Die deutschen Wochenschauen sind Kriegswochenschauen geworden. Sie sind dreimal so lang wie die bisherigen Wochenschauen, und im ganzen Reich läuft vom grössten bis zum kleinsten Kino jeweils die neueste Wochenschau. Sie füllt die optische Lücke, die neben Zeitung und Rundfunk noch bestand. Es gibt heute in Deutschland viele Leute, die bisher nie oder selten ins Kino gingen, die jetzt jeden Freitag ins Kino sitzen, nur um die neue Wochenschau zu sehen, die sie fast persönlich Anteil nehmen lässt an dem, was jetzt ihre ganzen Gedanken erfüllt: da ist Hitler unter seinen Generalen, abgespannt, müde wie die Soldaten, die vor Ueberanstrengung selbst auf ihren

des Postamt, und wenn uns ein Funker, der im Zivilberuf Postbeamter ist, berichtet, er habe noch nie in seinem Leben so gearbeitet wie während einiger Stunden des Hochbetriebes in der Fernspreckzentrale der Division, so ist das ein Zeugnis dafür, welche Leistungen verlangt werden müssen. Doch Funker und Fernsprecher finden auch ihre Anerkennung. Die Führung einer modernen Truppe ohne sie ist undenkbar, und der Ausspruch des Generals, dass dem prompten und sicheren Arbeiten der Nachrichtenmänner ausserordentlich viel zu verdanken sei, wird von ihnen empfunden als Auszeichnung und Ansporn zugleich.

fahrenden, rumpelnden Geschützen schlafen. Einer wird wach, sieht nach dem Kameramann, aber er ist viel zu müde, um sich zu wundern. Bilder von Kampfhandlungen folgen, ein noch brennender polnischer Ort wird passiert, Gefangenenzüge marschieren vorüber, unendlich lang, trübe, trostlos. Erschöpfte Soldaten schlafen in Chausseegräben während einer kurzen Rast, Szenen vom Soldatenleben, die Feldpost, Verwundete werden aus einem Lazarettzug ausgeladen, gemeinsame Parade deutscher und russischer Truppen vor einem deutschen und einem russischen General, Hitlers Fahrt durch das menschenleere Gdingen, das nun Gotenhafen heissen wird, und sein Einzug in die gedrängt vollen, jubelnden Strassen Danzigs.

Sacht glimmt das Licht wieder auf, reist uns aus dem Bann des Films. Zwanzig Minuten war seine Laufzeit, uns kam es vor wie fünf.

Natürlich ist auch diese Kriegswochenschau ein Instrument zur Formung der öffentlichen Meinung. Ein sehr geschickt angewandtes Instrument: nicht eine geschwollene Siegesfanfare — wie sie angesichts der deutschen militärischen Erfolge möglich gewesen wäre —, sondern ein ernsthafter, ja erster wirklichkeitsnaher Erlebnisbericht vom Krieg, ohne falsche Beschönigung und ohne hohle patriotische Töne, die ja überhaupt bei den öffentlichen Aeusserungen in Deutschland heute vermieden werden. Und darin liegt die starke Gesamtwirkung, der sich niemand entziehen kann.

Frieden hinter der Front

Erlebnis am Westwall — Von Ida Preusch

Die Septembersonne liegt golden über dem Nachmittag. Irgendwo hinter dem Westwall träumt ein Dorf in friedlicher Ruhe. Sonnenblumen halten ihre Strahlenkränze dem Licht offen, und reifes Obst duftet in allen Gärten. Dahlien glühen in leuchtendem oder dunkelsamtem Rot, hellem Gelb, warmem Orange, zartem Lila oder in düftigem Weiss. Im satten Grün der Hausreben färben sich die Trauben dunkelblau, oder sie braten gelb und goldbraun. Sinne wird zur Süss-

Da und dort schlafen auf den niederen, steinernen Treppen graugetigerte oder schwarzweiss gefleckte Katzen, oder sie schauen aus schmalen Augenschlitzen träge nach den Hühnern, die ihr von der Mauer so mageres Gefieder im heissen Sandbad aufplustern.

An einer Scheunenecke, im Schatten, stehen Feldgrane. Ihr Gespräch schleppt sich müde und schläfrig dahin. Nicht einmal die Witze des kleinen, rothaarigen Gefreiten, die sonst zünden, rufen Bewegung hervor. Ueberall Mittagsruhe, lastende Stille, Warten unter der heissen Septembersonne.

Da wird die Stille aufgerissen durch das Quitschens und Kreischen eines Wägelchens. Huh, das geht auf die Nerven! „Aha, da macht sich der Oelmangel bemerkbar“, witzelt ein stoppelbärtiger Krieger. Ueberdem kommt das Gefährt näher, und in das Rädergekreisch mischt sich ein schrilles Kindergeschrei. Diese Töne fahren den Männern in die Knochen. Es kommt Leben in die Gruppe. Die schläfrigen Augen werden heller und die Ohren wach. Da biegt auch schon das Wägelchen um die Ecke. Ein alter Kinderwagen ist's, der auf der schmalen, holprigen Pflasterstrasse unsanft hin und her schaukelt. Ein kleiner Junge von etwa acht Jahren schiebt ihn und sucht verzweifelt den kleinen Schreihaas zu beschwichtigen.

Nun ist er bei den Feldgrauen und schaut verlegen nach der andern Seite. Das Geschrei des Kindes erhält seine höchste Steige-

rung. Und plötzlich ist die ganze Soldatengruppe um den Kinderwagen versammelt. Keiner weiss, wer zuerst hingelaufen ist. Aber alle sehen in dem Kind jetzt ein Stückchen ihrer Familie, die ihnen unerschaffbar ist, ein Stückchen Heimat, ein Stück Zukunft. Nicht mehr rauhe Krieger sind sie nun, nein: Familienväter. Einer nimmt dem strampelnden Kleinen die zerknüllte Decke weg, der andere, der Stoppelbärtige, nimmt ihn behutsam auf den Arm. Mit einer richtig mütterlichen Gehrde. Ein dritter sucht nach dem verlorenen Schnuller, und der junge Unteroffizier schüttelt ihm kunstgerecht das Kissen und den Spreusack und macht ihm das Bettchen wieder zurecht.

Der Bub steht erstaunt daneben und weiss nicht, was er sagen soll. Der kleine Schreier aber ist verstummt und schaut mit grossen blauen Augen den fremden Mann an, der ihn da so behutsam im Arm hält. Der rothaarige Gefreite tippt den kleinen Mann mit dem Zeigefinger auf das Näschchen und streichelt ihm zart die weichen Bäckchen. Da verzichtet sich der kleine, rosige Mund zu einem frohen Lächeln, und die hellen Augen strahlen, noch feucht von den vergossenen Tränen. Der Stoppelbärtige wischt sich heimlich die Augen und legt das Bübchen sachte in sein Bettchen zurück. Der Unteroffizier deckt ihn sorgfältig zu und schaut mit ganz fernem, sehnsüchtigen Augen über ihn hinweg. Daheim warten seine Frau und seine beiden Kinder.

Und dann schiebt der Junge den quiet-schenden Wagen weiter. Es ist jetzt ein anderer Ton darin. Er geht nicht mehr auf die Nerven. Die rauhen Krieger, die nun wieder im Schatten der Hauswand stehen, haben jetzt alle so weite, sehnsüchtige Augen. Der kleine Gefreite aber hat seine gepflegten Witze vergessen und erzählt von seinem Mädchen daheim, das gerade so alt ist. Auf einmal ist die lastende Stille aufgesogen vom Erzählen und Erinnern. Die Heimat ist ganz nahe — durch ein hilfloses Kind.

„Grete geht es ausgezeichnet!“

Besondere Erlebnisse mit Pferden während des Polenfeldzuges 1939

Selten wird einem Tier so grosse Liebe und Anhänglichkeit entgegengebracht als dem Pferd, das sich im Frieden wie im Krieg stets als treuer Kamerad des Menschen erweist. Geradezu rührende Geschichten von dieser engen Verbundenheit werden auch aus den gegenwärtigen Kriegzeiten bekannt.

Ein Landwirt in Altpreussen bei Mescritz, dessen Pferd für den polnischen Feldzug ausgehoben worden war, und von dem er sich natürlich nur schwer trennen konnte, flocht in die Mähne des Tieres einen Zettel, auf

dem er bat, dass der künftige Betreuer ihm doch einmal mitteilen möchte, was die „Grete“ in Polen mache. Vorsorglich fügte er auch einige Hinweise über die Eigenart des Tieres bei und wie es am besten zu behandeln sei.

Wochen vergingen, da kam eines Tages, eine Feldpostkarte vom polnischen Kriegsschauplatz, in der ein Feldgrauer mitteilte, dass er den Zettel schon vor dem Einmarsch entdeckt habe und hochofreut darüber gewesen sei. „Grete“ gehe es ausgezeichnet

DESENHOS
CLICHES
ESTEREO
GALVANOS

PHOTOGRAVURA VIENNENSE
LUIZ LATTI & CIA
RUA LAVRADIO 152 P. 2.º • TELEPHONE 22-1128 • END TEL. "LATCO"
RIO DE JANEIRO

Wenn zwei dasselbe tun ...

so ist das noch lange nicht dasselbe. Beide photographieren zwar, der eine aber hat es mit der Stativkamera viel schwerer als derjenige mit der IKONTA 6 mal 9 hat Gehäuseauslösung, optischen Spring-sucher, Zweipunkt-Einstellung, Zeiss Tessar 1:3,8 und Compur-Rapid bis zur 1/400 Sekunde, sowie eingebauten Selbstauslöser.

Aufschlussreiche Prospekte und fachmännische Beratung in allen guten Fachhandlungen.



Rio-Besucher

befucht

DANUBIO AZUL

Avenida Mem de Sá 34

Telefon 22-1354

Prima Küche

Täglich Konzert
Im ersten Stock Tanz

Übersetzungen

Dr. Bruno Zander

Beidseitiger Übersetzer

Rua 13 de Maio 37, 1. St.
Tel. 42-4668 - Rio.

BEI DURCHFALL

Brechdurchfaellen, ferner bei
Vergiftungen durch verdorbene
Nahrungsmittel sowie bei starker
Gasbildung im Darm

Ultracarbon Merck



DIE NÄHMASCHINE FÜR JEDEN HAUSHALT

Agenten an allen Plätzen

THEODOR WILLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO 79/81
RIO DE JANEIRO



Moderne deutsche Kronleuchter
»Kaitra«-Leuchten
Tisch- und Stehlampen

Bohnermaschinen - Staubsauger
„PROGRESS“ und „MONOPOL“

Brotröster - Bügeleisen
Radio-Empfänger - Elsschränke

E. Willner & Cia.

RIO DE JANEIRO
Rua da Quitanda 60



Unsere
Vertretung
in
Rio de Janeiro
befindet sich

Rua dos Andradas 84
2. Stod, App. 23
Telefon 23-4977
Franz Kunlin

CASA WESTFALIA

R. ASSEMBLEA 37
Tel. 42-0646 - RIO

Das einzige deutsche **Feinkostwaren-**
haus im Zentrum. — Alle in- und auslän-
dischen Konserven und Weine. — Blumenauer
Spezialitäten. — Bar- und Restaurationsbetrieb
Täglich kalte und warme Spezialitäten.

Inhaber: Jens Jensen

Pension Hamburgo

RIO DE JANEIRO

Altrenommierte Familienpension im Zen-
trum der Stadt. — Wunderschöne Lage.
Grosser Garten. — Mässige Preise.
Rua Cand. Mendes 84 (Gloria) Tel. 42-3098
Inh. N. Neubert

und die freundlichen Ratschläge hätten sich
in jeder Hinsicht bewährt.

Ein anderer Soldat, der in einem polnischen
Dorf unverhofft mit dem Pferd seines Vaters
zusammentraf, schnitt von der Mähne des
Vierheiners ein paar Haare ab und schickte
sie als „freundlichen Gruss vom freudig wie-
dernden Hans“ in einem Feldpostbrief nach
Hause, wo man natürlich nicht wenig über-
rascht war, auf diese Weise gleichzeitig von
Sohn und Pferd ein Lebenszeichen zu erhalten.

Auch rühmliche Heldentaten haben so man-
che Pferde im Polenfeldzug vollbracht. So
hat ein Gaul ein schon aufgegebenes Geschütz

Putz gnforgt

Das Wichtigste der Woche

Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Nema)

Berlin, 22. — Nach Mitteilung des „Völ-
kischen Beobachters“ hat der berühmte Emi-
grant Otto Strasser, der im Dienste des bri-
tischen Secret Service den Mordanschlag auf
den Führer im Münchener Bürgerbräukeller
durchführte, bereits in den Jahren 1936 bzw.
1937 die Ermordung Adolf Hitlers geplant.
Strasser hatte zunächst seine Hetztraktate in
Prag eingerichtet, von wo er den Juden Hel-
mut Hirsch, einen Studenten der Architek-
tur, mit Höllenmaschinen nach Deutschland
schickte. Nachdem ein Attentat auf den Füh-
rer während der Olympischen Spiele miss-
glückte, und ein zweiter Anschlag anläs-
slich des Besuches des Duce in Berlin eben-
falls misslang, wurde der Jude bei einem
erneuten Grenzübergang erwischt und vom
Deutschen Volksgerichtshof zum Tode ver-
urteilt. Strasser erhielt damals von der frü-
heren tschechoslowakischen Regierung Benesch
die benötigten Gelder. Von der Schweiz aus
hat er dann mit Hilfe des Verbrechers Georg
Elser den Sprengstoffanschlag am 8. Novem-
ber d. J. vorbereitet, der infolge einer ge-
radezu schicksalhaften Fügung sein eigentli-
ches Ziel nicht erreichte. Der Emigrant Stras-
ser befindet sich zurzeit in England.

Berlin, 22. — Die deutsche Presse gibt die
Personalien der beiden an der holländischen
Grenze verhafteten Agenten des Intelligence
Service bekannt. Beide Briten hatten leitende
Stellen in der Abteilung Westeuropa des Ge-
heimdienstes. Gleichzeitig wird deutscherseits
gebrandmarkt, dass die Briten Haag die
Hauptstadt des neutralen Holland, zum Aus-
gangspunkt ihrer Tätigkeit auf dem Fest-
land gewählt haben.

Berlin, 22. — Die „Havas“- und „Reuter“-
Agenturen berichteten kürzlich, dass der welt-
bekannte deutsche Flugzeugkonstrukteur Pro-
fessor Messerschmitt nach Holland geflohen
sei und nunmehr für die Alliierten arbeiten

werde. Darauf gibt die deutsche Presse die
Unterredung eines deutschen Journalisten mit
Prof. Messerschmitt bekannt, die gerade in
dem Augenblick im Reichsluftfahrtministerium
stattfand, als die Lügen von seiner Flucht
um den Erdball gekabelt wurden. Man kann
nur annehmen, dass bei den deutschfeindli-
chen Meldungen auch hier wieder der Wunsch
der Vater des Gedankens gewesen ist.

Berlin, 22. — Seitens zuständiger deutscher
Stellen weist man mit Empörung den neue-
sten britischen Propagandaschrei zurück, wo-
nach die deutschen Seekriegsmethoden an-
geblich nicht dem internationalen Recht ent-
sprechen würden. Britannien allein hat die-
sen Krieg gewollt und braucht sich über
kein Mittel zu wundern, welches das Reich
in der Abwehr der Hungerblockade einsetzt.

Rom, 22. — Die Ankündigung der ver-
schärften Blockade, wobei die Briten alle
deutschen Waren auf neutralen Schiffen be-
schlagnahmen wollen, hat in Italien zu sehr
kritischen Pressestimmen geführt. „Popolo di
Roma“ schreibt, dass Britannien selbst die
schrecklichsten Folgen des Blockadekrieges zu
tragen haben werde. — Auch in den Haupt-
städten der Neutralen hat die von Mr. Cham-
berlain angekündigte Ausdehnung der Blok-
kade auf „Waren deutscher Herkunft“ grosse
Entrüstung ausgelöst. Man fragt in Amster-
dam beispielsweise ob deutsche Maschinen,
die von holländischen Exporteuren für Fir-
men in Niederländisch-Indien gekauft wurden,
ohne weiteres beschlagnahmt werden können
und deutet die zu erwartenden Proteste der
neutralen Nationen an.

Berlin, 23. — Der Führer besprach mit den
Oberbefehlshabern der drei Wehrmachtsteile
Heer, Kriegsmarine und Luftwaffe die mili-
tärische Lage. Im amtlichen Bericht über die-
se Zusammenkunft in der Reichskanzlei heisst
es u. a., dass der Führer unter Auswertung
der Kampferfahrungen im Osten Richtlinien
für die künftige Kriegsführung ausgegeben
hat.

Berlin, 23. — Der bisherige Landesgrup-
penleiter der Nationalsozialistischen Deutschen
Arbeiterpartei in Italien, Legationsrat E. Et-
tel, wurde zum deutschen Gesandten in Te-
heran (Persien) ernannt.

Berlin, 23. — Nach amtlicher Mitteilung

geht aus den Aussagen des verhafteten bri-
tischen Geheimagenten Captain Stevens her-
vor, dass die vom November 1937 bis No-
vember 1938 verübten Sabotageakte auf deut-
schen, italienischen und japanischen Schiffen
von dem deutschen Emigranten Pötsch im
Auftrag des Secret Service ausgeführt wur-
den. Der Emigrant verbusst zurzeit in Ko-
penhagen eine Freiheitsstrafe wegen einer
Spionage für England.

Berlin, 23. — Der Führer hat für alle
Volksgenossen, die bei der Anlage und Er-
richtung des Westwalls tätig waren, das
„Schutzwall-Ehrenzeichen“ gestiftet.

Amsterdam, 23. — Der nordamerikanische
Botschafter in London, Kennedy wurde von
Washington zur persönlichen Berichterstattung
über die europäische Lage nach den USA
zurückgerufen.

Amsterdam, 23. — Der in Allahabad ta-
gende indische Nationalkongress beschloss
einstimmig, mit England nicht zusammenzu-
arbeiten, wenn dieses nicht die indischen An-
sprüche auf Freiheit, eine eigene Regierung
und Verfassung anerkenne. Die Aufstände in
Nordwestindien nehmen immer grösseren Um-
fang an.

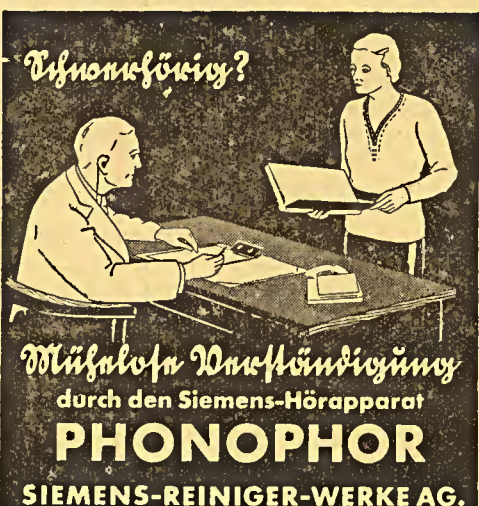
Amsterdam, 23. — Die holländische Zeitung
„Telegraaf“ berichtet von starken inflationä-
rischen Tendenzen in England. Infolge des
unaufhaltsamen Kapitalabflusses nach den Ver-
einigten Staaten leidet die Währung ausser-
ordentlich. Die britischen Kriegsausgaben be-
tragen täglich 6 Millionen Pfund.

Genf, 23. — Die polnische Emigrantenre-
gierung in Frankreich hat ihren Sitz nach
einer Provinzstadt verlegt da in Paris zwi-
schen der französisch-britischen Auffassung
und der der polnischen Emigranten über eine
etwaige Wiedererrichtung Polens erhebliche
Meinungsverschiedenheiten aufgetaucht sind.
Während die Polen alle Gebiete fordern, sind
die Franzosen und Engländer der Ansicht,
dass man die von Sowjetrussland besetzten
ehemalig polnischen Provinzen nicht zurück-
fordern dürfe.

Brüssel, 23. — In Frankreich wurden wie-
derum zahlreiche Personen zu Gefängnis- und
Geldstrafen verurteilt, weil sie kriegsfeindli-
che Äusserungen getan haben. Neuerdings
werden besonders viele Polen abgeurteilt, die

SCHUPP
DAS DEUTSCHE FACHGESCHÄFT
FÜR EDELSTEINE
SCHMUCK
GESCHENKARTIKEL
RUA MIGUEL COUTO, 42-44,
EINGANG: RUA DOS OLIVEIS. RIO DE JANEIRO

mitten aus dem Sperrfeuer vor Lomza geholt,
wofür sein Fahrer das Eiserne Kreuz erhielt,
das Pferd selber einen Kranz aus Buchenlaub
um den Hals. Ferner wird von „Wotan“,
einem schneidigen Rappen erzählt, dass er
einen Meldereiter in rasendem Galopp so
rechtzeitig zum Ziel brachte, dass eine ganze
Kompanie vor einer drohenden Umzingelung
versprengter polnischer Truppenteile bewahrt
werden konnte. Durch den rasenden Ritt
hatte sich das Tier so sehr überanstrengt, dass
es erkrankte und durch einen Gnadenschuss
erlöst werden musste. Die Soldaten liessen
es sich nicht nehmen, dem tapferen Pferd
ein eigenes Grab zu schaufeln.



PHONOPHOR
SIEMENS-REINIGER-WERKE AG.

CASA LOHNER S. A.
RIO DE JANEIRO SÃO PAULO
AV. RIO BRANCO, 133 - RUA SÃO BENTO, 216

Hotel „Lutecia“

Inhaber: Jakob Christ

Modern eingerichtete und vollständig separate Appartements mit Saal, Schlafzimmer, Bad und Telefon.

Rio de Janeiro, Rua das Baranjetas Nr. 486

Telefon: 25-3822

Preiswert **Rölnisch Wasser** Erfrischend
das beliebte Qualitätsprodukt der
Deutschen Apotheke - Rio de Janeiro
Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

Deutsches Heim, Rio de Janeiro

Rua 7 de Setembro 140 - 1. Stock
Tel. 42-3601

Mittag- und Abendtisch auch nach der Karte
Stets frischer Schoppen - Reichhaltige Getränke

Motoren
Licht- und Pumpengruppen
Eisenbearbeitungsmaschinen
Erzaufbereitungsanlagen „Humboldt“
Diesel-Lastkraftwagen „Magirus“

Sociedade de Motores
DEUTZ OTTO LEGITIMO
Ltda.

RIO DE JANEIRO
S. Paulo - Recife - Porto Alegre

Haut- und Geschlechtskrankheiten

Dr. Paul Cardozo-Legène

in Deutschland ausgebildeter und approbierter Arzt

Rua Alcindo Guanabara 15, 4. Stock
Telephon 22-0912
Sprechstunden: 9—12 und 3—6
Samstag: 9—11 und 12—3 Uhr

Dr. Fridel-Tschöpke

Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Behandlung der Ernährungsstörungen (Brechdurchfall, Blutarmut, Tuberkulose und Hautkrankheiten, Ultraviolet-Strahlen).

Consultorio: Rua Miguel Couto Nr. 5
von 2—5 Uhr. Tel. 22-0713. — Wohnung:
Tel. 22-9930

BAR UND RESTAURANT CIDADE HEIDELBERG

GUTE BRASILIAN. UND DEUTSCHE KÜCHE

Sonntags geschlossen
Feiertags geöffnet bis 3 Uhr nachmittag

Rua Miguel Couto 65 (früher Ourives), RIO
Tel. 23-0658

Bar und Restaurant **Fischerklause** Rua Th. Ottoni 126
RIO - Tel. 43-5178
Deutsche Küche — Brahma-Chopp
Inhaber: **Fritz Schade**



Urotropin

in dieser Packung mit

dem Namenszug **Schering**

Ist bei den entzündlichen Erkrankungen von

Blase, Niere und Gallenblase

ein von den Ärzten der ganzen Welt seit Jahren mit
bestem Erfolg verordnetes Heilmittel.

Achten Sie beim Kauf von Urotropin auf die hier abgebildete Packung mit dem Namenszug „Schering“, und weisen Sie Substitute zurück. Fordern Sie stets die Originalpackung:

Urotropina Schering

ROHREN ZU 20 TABLETTEN

BAR UND RESTAURANT VICTORIA

Rua 1º de Março 33. - Tel. 23-4347. - Besitzerin: Ww. Willy
Hardt - Mittag- und Abendessen - Prima Küche - Brahma-Chopp
VERKEHRSLOKAL DES KYFFHÄUSERBUNDES

sich weigern, im polnischen Heer in Frankreich Dienst zu leisten.

Moskau, 23. — Die „Prawda“ unterstreicht in einem besonderen Artikel die in allen Ländern immer stärker in Erscheinung tretende Friedensbewegung. Die britischen und französischen Regierungskreise versuchen die arbeitenden Massen mit dem Schlagwort zu trösten, dass sie für die „Demokratie“ gegen den „Hitlerismus“ kämpfen. Die Arbeiterklasse aber durchschaue dieses Manöver der Kapitalisten.

Berlin, 24. — Wie ein massgebliches Mitglied des Auswärtigen Amtes erklärte, werde Deutschland jede Verschärfung der britischen Blockade mit aller Kraft erwidern. „Die deutsche Feststellung, dass jeder Schuss der Gegenseite mit zehn Schuss beantwortet werden würde, bezieht sich nicht nur auf das rein militärische Gebiet, sondern auch auf das wirtschaftliche.“

Berlin, 24. — In der Reichshauptstadt wie in ganz Norddeutschland ist heute nach kurzem heftigen Frost der erste Schnee dieses Winters gefallen; es wurden vier Zentimeter Schneehöhe gemessen, was für Berlin im November eine Seltenheit bedeutet.

Amsterdam, 24. — In Pretoria (Südafrika) fand zwischen General Hertzog und dem südafrikanischen Nationalistenführer Dr. Malan die erste Zusammenkunft zwecks Aussprache über die politische Lage statt. Beide Männer sind bekanntlich stärkste Gegner derjenigen Kreise, die für eine Beteiligung Südafrikas am britischen Krieg gegen Deutschland eintraten.

Brüssel, 24. — Die belgische Regierung gab ihre Einwilligung zur Übersiedlung der Ex-Kaiserin Zita und ihrer Söhne von Schloss Steenkerke nach Frankreich. Wie zu den politischen Umtrieben Otto von Habsburgs noch bekannt wird hatte dieser zwei Begegnungen mit dem französischen Ministerpräsidenten Daladier. Daraus liesse sich auch das französische „Kriegsziel“ einer Wiedererrichtung Österreichs unter der Krone Habsburgs erklären.

Den Haag, 24. — Holland und Belgien haben gegen die verschärften britischen Blockademassnahmen in London nachdrücklich protestiert. — Belgien gibt seit Kriegsausbruch eine Steigerung der Arbeitslosigkeit um 70 vH. bekannt.

Berlin, 25. — Die „Deutsche Diplomatische Politische Korrespondenz“ schreibt über die englische Politik gegenüber den Neutralen: „Man glaubt in London, den Neutralen eine

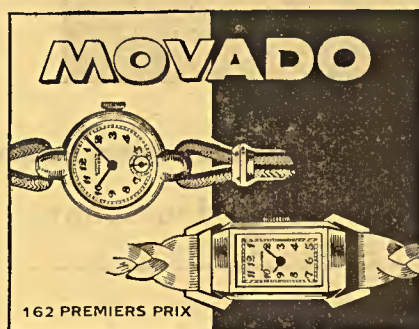
gewisse Beteiligung an der Tragung der Kriegskosten aufbürden zu können, indem man von der Befreiung der Welt vom Nazismus spricht. Jedenfalls hat der britische Abgeordnete Mander im Unterhaus an Premier Chamberlain in zynischer Weise die Frage gerichtet, ob nicht im Zusammenhang mit dem internationalen Wiederaufbau nach dem Kriege (den die Briten allerdings erst gewinnen müssen!) die Möglichkeit bestünde, die neutralen Staaten in das britische Empire einzuschließen. Mr. Chamberlain hat darauf nur geantwortet, dass diese Frage im Augenblick nicht spruchreif sei.“

Bukarest, 25. — In Rumänien ist die alte Regierung zurückgetreten. Das neue Kabinett steht unter Leitung des Ministerpräsidenten Tatarescu, der bei der Eidesleistung nochmals nachdrücklich die Aufrechterhaltung der rumänischen Neutralität im gegenwärtigen Krieg betonte.

zosen ernährt werden müssen, sondern die Franzosen selbst sind verpflichtet, dem Mangel an Nahrungsgütern bei den Engländern durch Lebensmitteltransporte über den Kanal abzuwehren.

Brüssel, 26. — In Frankreich mehren sich die Fälle, in denen Männer und Frauen, die gegen den Krieg Propaganda machen, oder für eine Verständigung mit Deutschland eintreten, abgeurteilt werden. In Lyon haben drei als Nonnen verkleidete Frauen in vielen Häusern sogenannte „defaitistische“ (flaumachende) Flugzettel verteilt, bevor sie verhaftet werden konnten.

Moskau, 26. — An der russisch-finnländischen Grenze ereignete sich ein schwerer Zwischenfall. Nordwestlich von Mainil eröffneten finnische Truppen, wie die amtliche sowjetrussische Nachrichtenagentur meldet, auf die russischen Grenztruppen Artilleriefire, dem ein Major und drei Soldaten zum Opfer



Die zuverlässige Schweizer Uhr
vom Fachgeschäft

MEISTER & Co.

Av. Rio Branco 172-A Rio de Janeiro

Bukarest, 26. — Nach Ansicht Berliner Regierungskreise verschärft sich der Krieg gegen England von Woche zu Woche. Der strategische Wert, den die britische Inselangehörigkeit früher besass, gehört der Vergangenheit an und wird sich künftig zu einem schweren Nachteil auswachsen.

Berlin, 26. — Das von den Alliierten sehr laut verkündete britisch-französische Wirtschaftsabkommen wird von amtlicher deutscher Seite als ein einseitiges Geschäft Englands bezeichnet, das seinen Krieg nur mit wirtschaftlicher und finanzieller Unterstützung Frankreichs führen kann. So werden künftighin nicht nur die britischen Expeditionstruppen auf französischem Boden von den Fran-

fielen, während weitere Soldaten des Roten Heeres verwundet wurden.

Brüssel, 26. — Die belgischen Küstengewässer sind durch zahllose britische, französische und zum Teil sogar holländische Treibminen verseucht. Unweit von Zeebrugge stießen zwei Minen zusammen; die Explosion wurde 20 km weit gehört.

Brüssel, 27. — Drei deutsche Flieger, die beim Luftkampf über Nordfrankreich von einer feindlichen Uebermacht abgeschossen wurden und auf belgischem Gebiet abstürzten, wurden von belgischem Militär und der Zivilbevölkerung bei der Ueberführung nach Deutschland eindrucksvoll geehrt.

Bukarest, 27. — In Rumänien wurden 225.222 Juden als staatenlos erklärt und der Ausländergesetzgebung unterworfen.

Sтамбуl, 27. — In türkischen Wirtschaftskreisen wird die tägliche Klage über die Folgen des fehlenden Warenaustausches mit dem Grossdeutschen Reich immer lauter. Die Feigen verfaulen und der Tabak bliebe unverkauft. England und Frankreich würden niemals den deutschen Grossabnehmer ersetzen können, stellt man fest und fordert sofortige Aufnahme der deutsch-türkischen Handelsbeziehungen.

Amsterdam, 27. — Wie sogar die amtliche Verlustliste der britischen Handelsmarine bekanntgibt, sind in den fünf Tagen vom 19. bis 23. November 11 Handelsschiffe vom Gegner versenkt worden.

Kopenhagen, 27. — Ein 300 Tonnen grosser deutscher Fischdampfer ist bei der Insel Langeland auf eine Mine gelaufen und gesunken. Neun Mann ertranken.

New York, 28. — Der amerikanische General Johnson bezeichnet im „World Telegram“ das Vorgehen Englands hinsichtlich der Blockade gegen Deutschland als verheerendes Seeräubertum. Mit unerhörter Unverfrorenheit setze man sich über neutrale Rechte hinweg. Johnson weist auch darauf hin, dass die Vereinigten Staaten bisher nicht wie andere Neutrale gegen den Beschluss der englischen Regierung Protest eingelegt haben.

Berlin, 28. — Ein Angriff britischer Kampfflugzeuge auf den Fliegerhorst Borkum wurde von der deutschen Flak mit Erfolg abgeschlagen.

Berlin, 28. — Die Aufmerksamkeit ganz Deutschlands ist auf den englisch-deutschen Handels- und Seekrieg gerichtet. Berliner politische Kreise lassen keinen Zweifel darüber, dass Deutschland die verschärfte Blockade mit entsprechenden Repressalien vergelten wird.

Moskau, 28. — Die Sowjetregierung hat den finnisch-russischen Nichtangriffspakt aus dem Jahre 1932 gekündigt. Man sieht darin eine letzte Warnung an Finnland.

Helsinki, 28. — Die russisch-finnländische Spannung hat ihren Höhepunkt erreicht. Da die finnische Regierung die Forderung auf Zurückziehung der Grenztruppen mit einer gleichlautenden Gegenforderung an Moskau beantwortet hat, setzte die Sowjetregierung noch einmal eine Räumungsfrist. Mit dem Ausbruch von Feindseligkeiten ist, falls nicht in letzter Stunde ein Wunder geschieht, zu rechnen.

Übermals ein eindrucksvolles Konzert des Fritzsche-Quartetts

Die vier Dresdener Künstler sind bei ihrem verlängerten Aufenthalt in Brasilien nicht auf den Lorbeeren ihrer ersten Auftritte eingeschlafen. Als sie Ende Juli hier eintrafen, waren sie wohl nur den besonders interessierten Musikliebhabern dem Namen nach bekannt. Dann folgten die ersten Konzertabende, und man darf mit gutem Grund sagen, dass sie nicht nur vielen deutschen Volksgenossen, sondern auch zahlreichen brasilianischen Verehrern unsterblicher Tonwerke überhaupt erst die rechte Freude an einem Quartett-Konzert vermitteln. Freude ist dabei wieder zu allgemein gesprochen, denn das Erleben Beethoven'scher oder Mozartscher genialer Schöpfkraft, das Sichversenken und -verlieren in die Gedankenwelt jener einmalig Grossen, wie Gustav Fritzsche, Lothar Gebhardt, Johannes Oelsner und Volkmars Kohlschütter es uns in diesen weihelichen Stunden ermöglichten, ist ein Geschenk, eine innere Erfüllung, eine Begeisterung, für welche die wahrhaft empfängnisbereiten Menschen hierzulande den Gästen aus Deutschland immer zu aufrichtigem Dank verpflichtet bleiben werden. Auch das Konzert im Roten Saal des Esplanada in São Paulo am 27. November stand im Zeichen einer sehr hohen Auffassung von der Kunst und deren berufenen Mittlern. Der Hörerkreis war wieder ansehnlich gross, wenn-

gleich er den Saal nicht ganz füllte, und man hatte den Eindruck, dass alle an diesem Abend Erschienenen auch zur Stelle sein würden, wenn das Fritzsche-Quartett noch weitere Konzerte veranstalten könnte. Hoffentlich wird dazu nach seiner Rückkehr aus Curitiba und Joinville, wohin es sich bereits begeben hat, auch nochmals für weitere Kreise der deutschen Kolonie in São Paulo Gelegenheit bestehen. Das Konzert am Montag brachte zuerst ein Werk von Mozart, in welchem das Menuetto-Allegretto ein wundervolles Klangbild der Rokokozeit bot. Dann Beethoven — Ludwig van Beethoven, dessen Allegro aus dem Quartetto op. 59-I uns die ganze reine himmelstürmende Wegeinsamkeit dieses Grössten der Grossen offenbarte. Es ist schon richtig, dass die vier deutschen Künstler seine besonders begabten Interpreten sind und es auch bewusst sein wollen. Starken Beifall fand auch der Quartettsatz des brasilianischen Komponisten H. Oswald. Zum Schluss kam op. 96 von Dvorak zum Vortrag. Eine prachtvolle melodische beschwingte Welt. Als Zugabe wurde Josef Haydns Serenade gegeben, womit Gustav Fritzsche den stürmisch und dankbar zujubelnden Besuchern des Abends einen stimmungsvollen Gute-Nacht- und Abschieds-Gruss entbot.

ep.

Weihnachten steht vor der Tür

„Der Bund der schaffenden Reichsdeutschen“ bereitet allen eine große Weihnachtsfreude

Zu Weihnachten sollen sich die Menschen gegenseitig Freude machen, denn Weihnachten ist das Fest der Liebe. Menschen in Uebersee, die lange Jahre schon den Zauber deutscher Weihnacht entbehren mussten, werden sich besonders danach sehnen, wenigstens ein Stückchen „Deutscher Weihnacht“ hier unter subtropischem Himmel für sich zu haben. Zu dieser Weihnacht gehört auch das deutsche Märchen. Wie haben wir uns als Kinder selbst gefreut, wenn uns unsere Eltern zu Weihnachten wieder ein neues Märchenbuch schenken, wenn uns dann eine neue Zauberwelt aufging. Und damals hatten wir Schnee und Kälte und einen richtigen Tannenbaum. Hier fehlt uns das, wieviel mehr sind wir also verpflichtet, dafür zu sorgen, dass jetzt unsere Kinder diese Weihnachtsfreude erhalten. Da wird ein Märchenbuch allein wohl nicht genügen. Am schönsten ist es immer noch, wenn das Märchen lebendig wird und an uns vorüberzieht. Das ist dann die grösste Weihnachtsfreude. Hierfür hat der „Bund der schaffenden Reichsdeutschen“ gesorgt, indem er an zwei Sonntagen, dem 10. und dem 17. Dezember, im grossen Saal des DMGV „Lyra“, Rua São Joaquim 329, durch seine Theatergruppe das entzückende

Märchenspiel „Prinzessin Allerliebst“ aufführen lässt. Die Eintrittspreise sind mit 2 Milreis so niedrig festgesetzt, dass es jedem möglich sein soll, sich das Spiel anzusehen. Natürlich ist ein Märchenspiel in erster Linie etwas für die Kinder, aber auch die Erwachsenen sollten nicht versäumen, in diese Vorstellungen zu gehen. Wer sich ein kindliches Gemüt bewahrt hat, wird sich immer über ein schönes Märchen freuen, aber abgesehen davon ist die Besetzung dieses Märchenspiels wiederum eine ausgezeichnete, so dass es sich schon deshalb lohnen würde, den Weg zur „Lyra“ anzutreten. Die viele Arbeit und Mühe, der sich die Theatergruppe unterzogen hat, wird am besten gelohnt durch starken Besuch der angekündigten Veranstaltungen. Wir sind auch davon überzeugt, dass jede Vorstellung ausverkauft sein wird, deshalb richten wir nochmals an alle Interessenten die dringende Mahnung, mit dem Einkauf der Karten nicht bis zuletzt zu warten, sondern heute schon den Bedarf in den durch die Anzeigen näher bezeichneten Vorverkaufsstellen zu decken. Denn schade wäre es, wenn jemand zurückbleiben müsste, weil er keine Einlasskarten mehr erhalten konnte.

Deutsches Generalkonsulat in São Paulo

Rua São Luiz 174, ist ersucht worden, den Aufenthalt der nachstehend aufgeführten Personen bzw. deren Nachkommen zu ermitteln. Wer Auskunft über den Aufenthalt der Genannten geben kann, wird gebeten, dem Generalkonsulat Mitteilung zu machen.

Ballack, Johann; Becker, Margarete; Benes, Pavel; Beyer, Margit geb. Petro; Biller, Josef; Boden, Kurt; Brendel, Konrad; Braumann, Wilhelmine; Braunschweiger, Lothar; Breuer, Johann; Brincil, Stefanie; Büchner, Kurt; Caspar, Sophie; Chieger, Josef; Christiansen, Johannes; Fritz von Dietrich; Erbesdöbler, Elsa Karoline; Falke, Franz; Ferstl, José; Fritschka, Anton; Frost, Emma; Förster, Otto; Gottken, Dr. Friedrich Israel; Gallasch, Emilie; Giergowicz, Bruno; Goitein, Ernst; Gorny, Ludwig; Grossmann, Hedwig; Haider, Josef; Hartenberger, Max; Heilmann, Karl; Hein, Fritz; Harnisch, Dr. Wolfgang Hoffmann; Herms, Willi; Herrfeld, Thomas; Herndlhofer, Leopold; Hidde, Gustav; Hirsch, Ernst; Hirschel, Horst Markus; Horn, Julius Israel; Horn, Maria geb. Prag; Huff, Charlotte; Jakob, Jary, Isidor; Jettner Margarete; Israel, Josef; Jonas, Leopold; Kasper, Albrecht Hermann; Kaufmann, Albert; Kellner, Fritz; Keuchel, Anton Johann; Klein, Jakob; Knauer, Heinz; Krahn, Ida; Kroll, Rudolf; Krömer, Karl J.; Kolter Ernst August Heinrich; Kubinski, Erich und Anton; Kulbrock, Maria Johanna; Leitinger, Josef; Lenz, Dr.; Levy, Martins; Liening, Rudolf; Lindner, Emmerich; Lohbauer Philipp; Lorch, Lee; Loska, Josef Waldemar; Lübker, Hugo; Malves, Julio; Malsch, Erich; Marx, Georg; Michaelis, Max; Meyer Karl; Müller, Berta; Müller, Wolfgang Kurt; Moris, Marie; Naurath, Eduard; Neumann, Minna; Neumann, Heinrich Robert (25. 7. 18); Neuenhaus, Peter; Niemann, Wilhelm Karl; Noldt, Peter oder Nachkommen; Nöst, Hubert; Oser, Kurt; Pavel, Benes; Papsch, Helmut Leo; Pfeiffer, Josef; Pawlowicz, Paul Max; Philippi, Fritz; Plaut, Julius; Preindl, Anton und Bunatta; Quarg, Richard; Radtke, Leopold; Reichel, Maria; Rittmann, Stefanie; Rosenberg, Günther; Rosenberg, Ralph; Rothstein, Rudolf; Rössle, Hermann; Sailer, Johann; Sauer, Gertrud; Sigg, Karl; Spier, Erna; Spire, Abrão, Scheibe, Margarete Gertrud; Schleich, Friedrich; Schmal, Karl; Schmidt, Charlotte; Josef Schmidt; Schmidt, Wilhelm Friedrich; Gertrud Schmidt; Schmiemann, Willy; Schmitz, Egon; Schlögel, Rudolf; Strangel Carlos; Strauss, Emma Sara; Streng, Elisabeth; Schlösser, Hermine geb. Harfst; Tack, HHeinz (28. 1. 16); Tarnow, Bernhard; Topf, Anna; Traugott, Henriette; Uraito Mario; Usemann, Walter Oswald; Vassen, Paul; Walter, Ludwig; Walbaum, Karl; Wallmann, Christoph Gustav (10. 3. 18); Warschauer, Kurt Heinrich; Wedber, Kurt; Weigel, Ewald; Wehner, Karl Gottfried; Wikenel, Albert Stanislaus; Wolff, Gerda; Zach, Leopold.

Regelflub Teutonia

Das diesjährige Königsfest der Teutonia fand am Sonnabend, den 18. November, in den Vereinsräumen statt und verlief in kameradschaftlicher Stimmung. Auch der Deutsche Keglerbund São Paulo war zahlreich bei der Feier vertreten.

Neidlos müssen alle Kegler der Teutonia zugestehen, dass sie das alte deutsche Ke-



Bund der schaffenden Reichsdeutschen (União Beneficente e Educativa Alemã)

Du Junge und du Mädel — Ihr Eltern — kommt mit uns in den Zauberwald, kommt mit uns in das Königsschloss! KOMMT ALLE IN UNSERE MÄRCHENAUFÜHRUNGEN!

Am Sonntag, den 10. Dezember, nachmittags 2 Uhr und nachmittags 6 Uhr und am Sonntag, den 17. Dezember, nachmittags 2 Uhr, im grossen Saale der „Lyra“, Rua São Joaquim 329

Zur Aufführung gelangt:

„Prinzessin Allerliebst“

Ein Märchen in 4 Bildern von Walfried Burggraf

Besorgt Euch heute noch die Einlasskarten zum Einheitspreise von je 2\$000 in den bekannten Vorverkaufsstellen: Deutsche Apotheke, Schwedes, Rua Lib. Badaró, Deutsche Buchhandlung, Hahmann, R. Cons. Chrispiniano 2a, Frisiersalon „Max“, M. Reichel, R. José Antonio Coelho, Geschäftsstelle des „Bundes“, Rua Santa Efigenia Nr. 348, Zimmer 13

Wochenschau hierzulande

Die Registrierungsfrist des Dekretes Nr. 3010 vom 20. August 1938 für alle in Brasilien ansässigen Ausländer ist vom Bundespräsidenten bis zum 30. Juni 1940 verlängert worden. Für die Unterhaltung des Registrierdienstes ist vom Sekretariat der Finanzen des Staates ein Kredit von 300 Contos bewilligt worden.

Der Staat Santa Catharina ist in diesem Jahr durch schwere Unwetter heimgesucht worden. Infolge tagelanger Regengüsse ist der Itajaly-Fluss in Blumenau um etwa neun Meter gestiegen. Auch die Municipien Hammonia, Brusque und Gaspar sind vom Hochwasser in Mitleidenschaft gezogen worden. Die Landwirte haben den Verlust der gesamten Weizenerte zu beklagen.

Am vergangenen Sonntag fanden an vielen Orten Feiern für die vor vier Jahren im Kampf gegen den kommunistischen Aufstand gefallenen Offiziere und Soldaten statt. Der Bundespräsident und alle Staatsminister nahmen an den Veranstaltungen in der Bundeshauptstadt teil.

Eine Abordnung von Exporteuren aus dem Staate Rio Grande do Sul hat bei der Kommission für Verteidigung der nationalen Wirtschaft in Rio vorgesprochen, weil angesichts der Sperre der deutschen Ueberseefuhr für die Exporteure von Rinderhäuten eine sehr schwierige Lage entstanden ist. Deutschland nahm etwa 75 vH. der gesamten Häuteausfuhr des Staates Rio Grande do Sul auf.

Das brasilianische Konsulat in Bukarest ist mit der rumänischen Regierung zu einem Einvernehmen gelangt, wonach zunächst 500 bis 1000 polnische Kriegsflüchtlinge nach Brasilien gebracht werden sollen. Als Auswanderer werden in erster Linie landwirtschaftliche und Kohlenbergwerksarbeiter ausgewählt.

Auf Ersuchen des Sozialdelegados des Staates Rio wurde ein Hausbesitzer verhaftet,

weil er einem Mieter den Preis für die Wohnung von 63\$000 auf 100\$000 monatlich willkürlich erhöhte.

Nach einer Veröffentlichung des staatlichen Statistischen Amtes in São Paulo gab es im Jahre 1938 im Staate São Paulo insgesamt 7.122 Volksschulen mit 15.433 weiblichen und 1.533 männlichen Lehrpersonen. Von den 1.260.133 Kindern im schulpflichtigen Alter von 7 bis 13 Jahren besuchten nur 414.829 die Schule wirklich, das sind 32,9 vH. der Anzahl der schulpflichtigen Kinder; 67,1 vH. dieser Kinder genossen keinen Schulunterricht. Der Staat gab insgesamt 84.850 Contos für den Volksschulunterricht aus.

Wie der Direktor der landwirtschaftlichen Genossenschaft von Cotia einem Zeitungsvertreter erklärte, haben sich die diesjährigen ungünstigen Witterungsverhältnisse in einer ausserordentlichen Verringerung der Kartoffelernte ausgewirkt. Während in normalen Jahren 400 Sack Kartoffeln je Alqueire geerntet wurden, beträgt das Ergebnis in diesem Jahr nur 100 bis 200 Sack je Alqueire.

Die neue Luftlinie Rom—Rio de Janeiro soll nimmehr in wenigen Tagen ihren Betrieb eröffnen. Der erste Flug wird von vier bis fünf Caproni-Apparaten unter Führung Bruno Mussolinis mit Zwischenlandungen in Villa Cisneros (Rio do Oro — Westafrika) und Fernando de Noronha durchgeführt werden.

Der Landwirtschaftsminister hat in Zusammenarbeit mit dem Abteilungsleiter für das Forstwesen verschiedene Massnahmen zur Verteidigung der brasilianischen Wälder gegen den Raubbau beschlossen. Nach gesetzlichen Vorschriften müssen die zuständigen Behörden dreissig Tage vor dem Waldschlagen benachrichtigt werden, damit sie ihre Entscheidungen treffen können.

Durch Bundesgesetz wurde ein Nationalrat des Indianenschutzes geschaffen, der dem Landwirtschaftsministerium unterstellt ist.

Voller Lehrbetrieb an deutschen Universitäten und Hochschulen

Von zuständiger gut unterrichteter Seite wird mitgeteilt:

„Nach Ausbruch des Konflikts in Europa sind die kulturpolitischen Beziehungen zwischen Deutschland und dem neutralen Ausland in vollem Umfange aufrechterhalten worden. Die ausländischen Studierenden konnten daher nach wie vor in Deutschland ihr Studium fortsetzen.“

Zurzeit setzen folgende Hochschulen und

Universitäten in Deutschland ihren vollen Lehrbetrieb fort:

a) Universitäten: Berlin, München, Wien, Leipzig, Jena, Königsberg (ausser medizinischer Fakultät), Breslau, Göttingen, Erlangen, Marburg (nur medizinische und naturwissenschaftliche Fakultät);

b) Technische Hochschulen: Berlin, München, Wien, Danzig, Breslau, Braunschweig, Dresden;

c) Sonstige Hochschulen: Tierärztliche Hochschule Hannover, Forstliche Hochschule Eberswalde, Wirtschaftliche Hochschule Berlin, Landwirtschaftliche Hochschule Tetschen-Liebertitz. Ferner setzen ihren Unterrichtsbetrieb fort: die Handelshochschule Königsberg im Rahmen der Universität Königsberg, die Handelshochschule Leipzig im Rahmen der Universität Leipzig, die Hochschule für Bodenkultur und die Hochschule für Welthandel im Rahmen der Universität Wien. Es ist damit zu rechnen, dass noch weitere Hochschulen ihren Lehrbetrieb wieder eröffnen.

Auch sämtliche Fachschulen, mit Ausnahme der Fachschulen im Westen des Reichs (z. B. Karlsruhe Mannheim) setzen ebenfalls ihren Lehrbetrieb fort.

An sämtlichen Hochschulen und Universitäten, einschliesslich der für den Lehrbetrieb geschlossenen können Prüfungen beschleunigt abgelegt werden.

An die Stelle der Semestereinteilung ist eine Trimestereinteilung getreten. Diese Trimester dauern je dreieinhalb Monate mit je 14 Tagen Ferien zwischen den einzelnen Trimestern.

Der Betrieb der Ausländerklubs, der Mensen, Wohnungsvermittlungen der Führungen und gesellschaftlichen Veranstaltungen der Ausländer und die Betreuungs- und Unterstützungsarbeit ist in vollem Masse aufrechterhalten und zum Teil sogar verstärkt worden.

Erschwerende Sonderbestimmungen für Angehörige neutraler Staaten bestehen nicht.“

Marktbericht

vom 29. November 1939

Reis: — Agulha, je 60 kg. — Amarellão, bom 78—79\$; Branco, especial 75—76\$; superior 69—70\$; bom 60—62\$, regular 54—55\$; Cattete, Especial 49—50\$; superior 47—48\$; bom 45—46\$; Bruchreis 31—33\$; Quirera 23—24\$; bei flauem Markt.

Bohnen: — Mulatino, je 60 kg. — especial 54—55\$; superior 51—52\$; bom 48—49\$; regular 45—46\$; Branco, grando 60—65\$; Chumbinho 42—43\$; Canario 70—72\$; Roxinho 73—75\$; bei ruhigem Markt.

Mais: — je 60 kg. — Amarellinho 20\$900 bis 21\$000; Amarelo 19\$500 bis 19\$600; Amarellão 19—19\$100; bei ruhigem Markt.

Kartoffeln (Neue Ernte): — je 60 kg. — Amarella especial 49—50\$; superior 46—44\$; boa 43—44\$; bei festem Markt.

Farinha de Mandioca: — do Estado (Norte) — 50 kg. 29—30\$; Araras 45 kg. 19—20\$; bei ruhigem Markt.

Amendoim (Erdnüsse): — je 25 kg. — Tatu superior 15—15\$500; bom 14—14\$500; bei flauem Markt.

Alfafa (Luzerneheu): — je 1 kg. 430 bis 450 Reis; bei flauem Markt.

Weizenmehl: je 50 kg. Typo unico 42 bis 43\$; bei ruhigem Markt.

Schweine: — Osasco — je Arroba — feio especial 31\$000; magro 28\$000.